Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 25.9.2022 / Diário / Ano 158.º / N.º 56 040 / €1,90 / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz

Gruta do Escoural
Uma espécie de "cápsula do tempo"
PÁGS. 10-11

Jorge Palma
Antologia: Seis concertos para ouvir cinco décadas de carreira
PÁGS. 30-31

Liga das Nações
Portugal goleia em Praga e só precisa de um empate com Espanha para se qualificar
PÁG. 28

INDÚSTRIA DA CARNE ANTECIPA AUMENTO DE PREÇOS ENTRE 15% A 20 % NOS PRÓXIMOS MESES

INFLAÇÃO Agravamento dos custos de produção está a levar à diminuição do número de animais criados para alimentação humana. A Associação Portuguesa dos Industriais de Carnes prevê que o consumo diminua entre 10% a 15%. PÁG. 16

A MENINA QUE SUPERA CADA DIA

Nini, 17 anos, tem uma leucemia fatal e vive sem medo do fim

NOTÍCIAS MAGAZINE

MARIA JOÃO GALA / GLOBAL IMAGENS

Itália
Meloni "soube ler o eleitorado" e já não há medo do "*papão* fascista"
PÁGS. 4-5

Ambientalismo
E agora, PEV, como voltar à Assembleia? "Tudo se pode discutir"
PÁGS. 6-7

Gilmar Mendes
"Apoiantes de Bolsonaro dizem que o Supremo é oposição. Nada disso"
PÁGS. 20-22

EDITORIAL

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

Quando a etiqueta fascista não faz mossa

Duas novidades podem sair das eleições italianas deste domingo: a primeira mulher a chefiar um governo em Itália e também a primeira vez que a liderança do país recai num líder de inspiração fascista desde o final da Segunda Guerra Mundial. Curiosamente, tem sido só a segunda novidade a merecer título, como se uma primeira-ministra num grande país europeu se tivesse tornado banal, depois das *Damas de Ferro* britânica Margaret Thatcher e alemã Angela Merkel, até porque com Liz Truss o Reino Unido vai agora na terceira e, com Élisabeth Borne, a França na segunda. Contudo, a insistência em catalogar Giorgia Meloni como a reencarnação de Benito Mussolini, feita por alguma imprensa internacional, mas sobretudo pelos seus adversários de esquerda, acabou por não afetar as intenções de voto nas sondagens e, hoje, nas urnas, o partido Irmãos de Itália pode obter um quarto dos votos, o que somado aos resultados previsíveis das outras forças de direita a põe na calha para ser primeira-ministra.

Mais do que por Meloni ter inteligentemente aqui e ali marcado distâncias com o fascismo do *Duce*, a ameaça do regresso da ideologia que levou a Itália a uma aliança desastrosa com a Alemanha nazi não assusta o eleitorado porque partidos na linha do Irmãos de Itália já estiveram outras vezes no governo e foram pragmáticos. E perante personalidades conflituosas como Matteo Salvini, líder da Liga e ex-ministro do Interior, e Silvio Berlusconi, líder da Força Itália e por três vezes chefe do governo, Meloni até sabe dar alguns ares de moderação, ganhando na comparação com os seus aliados políticos.

Com uma estratégia de ataque a Meloni errada, a esquerda italiana, nomeadamente o Partido Democrático, esqueceu os seus dois pontos fracos: a falta de carisma de Enrico Letta, que já foi primeiro-ministro; e as cisões que fazem com que Matteo Renzi, também ex-primeiro-ministro e figura mais empolgante do que o antigo camarada, encabece agora outro partido. Falta ao centro-esquerda italiano um líder e um projeto político que cativem o eleitorado.

Em Itália, desde que há três décadas os escândalos de corrupção destruíram a tradicional competição entre democratas-cristãos e eurocomunistas, cada eleição costuma ser marcada pelo repúdio do governo em funções, o que favorece o Irmãos de Itália, pois esteve ausente do Executivo de unidade nacional liderado pelo tecnocrata Mario Draghi. Penalizado por essa pertença ao governo surge, por exemplo, o Movimento 5 Estrelas, difícil de definir ideologicamente, mas que recentemente deu ao país um primeiro-ministro.

Tudo, pois, a jogar a favor de Meloni, que pode passar de 4% para 25%, e que se é vista como eurocética não deixa de se proclamar atlantista, com o apoio à Ucrânia a contrastar com outros populistas europeus e até com parte da classe política italiana, atraída pela Rússia, casos de Salvini e de Berlusconi.

Vem aí um momento, pois, complicado para a Itália e para a Europa, mas a procura de respeitabilidade por Meloni mostra que ela própria sabe ter limites e que não só a sua coligação é estruturalmente frágil, como existem contrapoderes a zelar por um país fiel à democracia e aos seus compromissos com a União Europeia, como o presidente Sergio Mattarella, que aceitou um segundo mandato, e o próprio Draghi, ex-presidente do BCE, que andará por aí.

FOTO DE 1944

Um grupo de onze crianças refugiadas da II Guerra Mundial chegou a Portugal a 23 de agosto de 1944, provenientes de Espanha, dava conta o *Diário de Notícias* da época. As crianças tinham "idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos" e seguiram para um Centro de Recolhimento criado no Estoril.

OPINIÃO HOJE

25.9.2022

Diretora Rosália Amorim **Diretor adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira e Artur Cassiano (adjunto) **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Céu Neves e Fernanda Câncio **Editores** Ana Sofia Fonseca, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil, João Pedro Henriques e Nuno Sousa Fernandes **Redatores** Ana Meireles, Carlos Nogueira, César Avó, David Pereira, Isaura Almeida, Paula Sá, Susete Francisco, Susete Henriques, Susana Salvador e Valentina Marcelino **Fecho de edição** Elsa Rocha (editora) **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Maria Helena Mendes, Lília Gomes, Rafael Costa e João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Joana Petiz (diretora) **Evasões** Pedro Ivo Carvalho (diretor) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Mafalda Inácio, Carlos Nogueira, Paula Sá, Susete Francisco e Rui Frias **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de agosto de 2022: 6.619 exemplares.

QUEM É QUEM?

Os rostos que lideram os partidos que vão hoje a votos não são novos para os italianos, com quatro ex-primeiros-ministros na corrida. A favorita é a única mulher: Giorgia Meloni, devendo os Irmãos de Itália ser os mais votados da coligação de centro-direita. À esquerda, a união é mais complicada, prejudicando as possibilidades do seu principal rival, Enrico Letta, do Partido Democrático.

Giorgia Meloni
IRMÃOS DE ITÁLIA

A líder dos Irmãos de Itália, partido de raízes neofascistas que formou em 2012 e que foi o único a não se juntar ao governo de união de Mario Draghi, é a favorita à vitória sob o lema *"Deus, pátria e família"*. Meloni é uma ex-jornalista de 45 anos, está no Parlamento desde 2006 e em 2008 tornou-se na mais jovem ministra de sempre (pasta da Juventude), pelas mãos de Silvio Berlusconi. Em 2018, o partido valia 4,4% e elegeu 32 deputados (em 630). Agora, pode conquistar 25% dos votos e, com o apoio dos aliados de centro-direita, tornar-se na primeira mulher primeira-ministra em Itália.

Matteo Salvini
LIGA

O político de 49 anos, está desde os 17 na Liga, que lidera há nove anos. Transformou o partido regional, que sob os comandos de Umberto Bossi queria a independência do norte de Itália, num partido nacional sob o lema *"Italianos primeiro"*. Nas eleições de 2018, teve 17,4% dos votos e Salvini acabou como ministro do Interior – os imigrantes têm sido o seu grande alvo, além da União Europeia –, alcançando os 34% nas europeias de 2019. Pouco depois, deixou o governo e passou para a oposição, antes de apoiar o Executivo de união de Draghi. Agora deverá ficar nos 12%.

Silvio Berlusconi
FORÇA ITÁLIA

O milionário, ex-primeiro-ministro, faz 86 anos na quinta-feira e não parece disposto a abdicar da vida política, apesar dos problemas de saúde. *Il Cavaliere* chefiou o governo de 1994 a 1995, de 2001 a 2006 e de 2008 a 2011. O líder da Força Itália (que as sondagens dizem que pode ter 8% dos votos) é candidato ao Senado, do qual foi forçado a sair durante quase uma década devido a condenação por fraude fiscal, estando de olho na presidência desta câmara – depois de não ter conseguido chegar à presidência do país. A amizade com o líder russo Vladimir Putin caiu mal em plena guerra na Ucrânia.

Enrico Letta
PARTIDO DEMOCRÁTICO

Tem 56 anos e foi, em 1998, com 32, o mais jovem ministro italiano, assumindo a pasta das Políticas Comunitárias, tendo tido depois um longo percurso como deputado. Em abril de 2013, era n.º 2 do Partido Democrático (PD, centro-esquerda), quando foi convidado para chefiar um governo de grande coligação. Acabaria derrubado menos de um ano depois por um rival do próprio PD: Matteo Renzi. Em 2015, foi para Paris presidir à Escola de Assuntos Internacionais da Sciences Po, voltando a Itália no ano passado para liderar o PD. As sondagens dizem que poderá chegar aos 21%.

ITÁLIA

Meloni "soube ler o eleitorado" e já não há medo do "*papão* fascista"

LEGISLATIVAS Os italianos vão hoje às urnas com as sondagens a darem a vitória ao centro-direita e a abrir a porta, pela primeira vez, a que haja uma mulher na chefia do governo. Dois investigadores italianos radicados em Portugal falaram ao *DN* sobre estas eleições.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

A líder dos Irmãos de Itália, Giorgia Meloni, é a favorita à vitória nas legislativas de hoje, desejando tornar-se na primeira mulher na chefia do governo italiano. Aos 45 anos, pode parecer que a sua ascensão foi fulminante, mas é fruto de um trabalho que tem vindo a desenvolver há anos, tendo também beneficiado das falhas dos adversários. A esquerda achou que alertar para o perigo do "*papão* fascista" era suficiente, mas segundo dois investigadores italianos radicados em Portugal, isso já não mete medo em Itália. Mas será que ainda há espaço para surpresas?

"A capacidade que Meloni teve de ler o eleitorado e captar a sua cultura política, percebendo que havia espaço à direita para lá das suas raízes neo e pós-fascistas, assim como a capacidade de esperar, de ser coerente ao dizer 'não' [ao governo de união de Mario Draghi] e insistir no seu projeto político sem ceder, está agora a dar frutos", disse ao *DN* o investigador do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE Riccardo Marchi, que tem vários livros sobre a direita portuguesa (o último é *A Bolha*).

Além desse trabalho de Meloni, o investigador italiano radicado há mais de 20 anos em Portugal aponta o dedo ao fracasso da campanha do principal adversário no centro-esquerda, o Partido Democrático (PD).

"Enrico Letta não é particularmente carismático e, na minha opinião, fez a campanha de forma errada, dizendo 'vem aí de novo o fascismo' quando isso em Itália já não funciona", referiu. "Já não há o *papão* fascista", explicou, até porque o Movimento Social Italiano e depois a Aliança Nacional, partidos nos quais Meloni militou, há anos que fazem parte do governo.

A mesma opinião é partilhada por Goffredo Adinolfi, investigador de Ciência Política também no ISCTE, em Portugal desde 2005. "O PD, na sua incapacidade de ouvir o que os eleitores já estão a pedir há quase uma década, manteve as mesmas políticas e está convencido de que chamar a atenção para o perigo fascista era suficiente para os italianos votarem nele", contou. "Mas depois de tantos anos, com a situação dramática que se vive agora determinada pela guerra e o preço da energia, o recurso à ideia do perigo fascista já não está a funcionar como antes", acrescentou.

Os Irmãos de Itália, que em 2018 não foram além dos 4,4% nas urnas, surgem nas últimas sondagens com 25% das intenções de voto. Os números foram conhecidos a 10 de setembro, sendo proibido divulgar sondagens nas últimas duas semanas de campanha. O partido de Meloni lidera o campo do centro-direita onde estão também a Liga, de Matteo Salvini (12%), e a Força Itália, se Silvio Berlusconi (8%).

Salvini, Berlusconi e Meloni no último comício em Roma. O centro-direita é o favorito nas sondagens.

Enrico Letta, do Partido Democrático, em Monza.

Giuseppe Conte

MOVIMENTO 5 ESTRELAS

O pouco carismático, tecnocrata, professor de Direito, nunca tinha sido eleito para um cargo público quando, em 2018, assumiu a chefia do governo. O Movimento 5 Estrelas (M5E, antissistema) tinha ganho as eleições, mas não conseguia governar sozinho, formando uma coligação, primeiro com a Liga e, depois, quando esta saiu, com o Partido Democrático. A coligação ruiu em 2021 e o independente Conte, de 58 anos, acabaria eleito líder do M5E – que enfrenta divisões, como a saída, para um novo partido, do ex-chefe da Diplomacia Luigi di Maio. Nas sondagens, o M5E tem 13%.

Calenda e Renzi

AÇÃO E ITÁLIA VIVA

Dois antigos membros do Partido Democrático, do qual saíram em 2019, criaram as suas próprias formações políticas e surgem nestas eleições unidos numa proposta alternativa de centro, tendo recusado uma aliança com Enrico Letta. Carlo Calenda, eurodeputado e antigo ministro do Desenvolvimento Económico, de 49 anos, lidera o Ação. Já Matteo Renzi, o antigo presidente da câmara de Florença e ex-primeiro-ministro (esteve no cargo de 2014 a 2016), de 47 anos, formou o Itália Viva. Juntos surgem nas sondagens com quase 7% das intenções de voto.

MASSIMO PERCOSSI / EPA

FABRIZIO RADAELLI / EPA

O acordo entre os três não é uma novidade na política italiana. Mas desta vez, mais do que uma aliança de centro-direita, estamos diante de uma de "direita-centro", referiu Marchi. Se em 2018 já havia uma Força Itália em queda, agora esta está ainda mais acentuada – com saídas de importantes nomes femininos. Além disso, a própria Liga, que nos últimos anos participou em vários governos, está em declínio. "É a primeira vez que a direita radical italiana, de cariz fascista, tem uma relação de forças superior aos parceiros", disse Marchi.

Em altura de guerra na Ucrânia, a maior diferença entre Meloni e Salvini é em política internacional. A líder dos Irmãos de Itália, conservadores nos valores, liberais na economia, mas atentos à vertente social, condenou desde o início a invasão de Vladimir Putin. Além disso apoiou as sanções internacionais e reiterou o seu compromisso com a Aliança Atlântica, apesar do seu cunho soberanista. Por seu lado, o líder da Liga sempre foi próximo do presidente russo – apesar de não chegar ao nível de amizade que este tem com Berlusconi – e apesar de ter condenado a invasão, critica as sanções.

Há também diferenças entre os dois partidos em questões económicas ou até de reformas institucionais, com Meloni a ser a favor do presidencialismo e a Liga, com as suas origens no norte, a defender maior autonomia regional. Em matéria de migração e refugiados, sempre centrais em Itália, a proposta de Meloni é o "bloqueio naval", que na prática é chegar a acordo com os países de norte de África para travar e avaliar aí o caso de cada pessoa. Já Salvini, ex-ministro do Interior, quer voltar à sua política de proibir desembarques de migrantes no país.

O cansaço dos eleitores com Salvini, nomeadamente com o seu estilo de comunicação muito agressivo, justifica também a passagem de parte dos votos para os Irmãos de Itália, acredita Adinolfi. Apesar das sondagens darem a vitória do centro-direita, "o problema é saber como cada partido ganha ou perde". Segundo Marchi, se Salvini não chegar aos 14% ou 15%, terá a sua liderança em risco. "Há muita gente na Liga que lhe quer fazer a folha, como se costuma dizer". Depois, a própria Meloni já deixou claro que quer ser primeira-ministra, mas "só com 25% ou 27% é que pode bater com o punho na mesa e fazer frente aos parceiros".

Divisões à esquerda

Esta coligação "que é mais de direita do que de centro", nas palavras de Adinolfi, beneficia contudo da divisão no campo da esquerda. O PD de Letta surge com 21%, à frente do Movimento 5 Estrelas (M5E) de Giuseppe Conte, que tem cerca de 13%. A aliança centrista entre o Ação e o Itália Viva, partidos de dois ex-militantes do PD (Carlo Calenda e Matteo Renzi), com 7%. E há ainda outros pequenos partidos.

> *"A capacidade que Meloni teve de ler o eleitorado (...) e insistir no seu projeto político sem ceder, está agora a dar frutos."*
>
> **Riccardo Marchi**
> *Investigador do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE*

> *"Depois de tantos anos, com a situação dramática que se vive agora determinada pela guerra e o preço da energia, o recurso à ideia do perigo fascista já não está a funcionar como antes."*
>
> **Goffredo Adinolfi**
> *Investigador do ISCTE em Ciência Política*

"Não houve a capacidade de fazer uma frente anti-extrema-direita e isso faz com que a direita possa ganhar com resultados bastante elevados, muito embora não tenham muito mais votos do que a sua tradição. Andam sempre entre os 40% e os 46% dos votos desde sempre", explicou Adinolfi.

Em causa está o sistema eleitoral misto italiano, que é uma mistura entre o proporcional e os círculos uninominais – nestes, ganha o candidato mais votado, independentemente da diferença de votos e sem necessidade de segunda volta. O centro-direita apresenta-se com um candidato em cada círculo, face a um centro-esquerda dividido. "Há o risco de a direita não ter apenas a maioria absoluta, mas uma maioria de dois terços que lhe permita reformar a Constituição", indicou Adinolfi.

Mas ainda pode haver surpresas. Os analistas dizem que o M5E tem vindo a ganhar terreno depois de ter sido conhecida a última sondagem. "O M5E foi o culpado da queda do governo Draghi [foi o primeiro a retirar o seu apoio o que levou a eleições antecipadas] e tinha tudo para que as coisas corressem mal, mas tem conseguido aguentar-se", explicou Marchi. Em plena crise e na expectativa de um 2023 ainda pior, fizeram campanha com a questão do rendimento mínimo garantido, aprovado durante o primeiro governo Conte – quando governaram aliados com a Liga.

"Muitos eleitores italianos, especialmente no sul onde o desemprego é mais elevado, mas realmente em todo o país, acreditam que este pode ser uma boia de salvação. E Conte soube dizer que o M5E é o único que garante a defesa desta medida", disse Marchi. "A campanha eleitoral deles foi bem sucedida. Pode haver um grande salto para a frente do M5E em relação às sondagens de agosto", indicou Adinolfi, alegando que o partido tem procurado colmatar o vazio deixado à esquerda pelo PD, que se aproximou do centro.

susana.f.salvador@dn.pt

E agora, PEV, como voltar à Assembleia? "Tudo se pode discutir"

AMBIENTALISMO Sem representação parlamentar, pela primeira vez desde 1983, o Partido Ecologista Os Verdes concentra-se em ações de cariz local. Pode nas próximas Legislativas ensaiar ir a votos autonomamente? Em 2024 decidirá.

Heloísa Apolónia foi a deputada do PEV com maior longevidade: 28 anos (de 1991 a 2019). Falhou a eleição em 2019 e 2022 .

TEXTO **JOÃO PEDRO HENRIQUES**

Mobilidade. Nos últimos tempos tem sido este o tema principal da agenda da Partido Ecologista Os Verdes (PEV) – partido que, como o CDS-PP, desapareceu da Assembleia da República (AR) nas Legislativas de janeiro passado. O partido lançou a campanha "*A mobilidade é um direito*" e tem dinamizado iniciativas várias em torno desse tema.

O que não pode acontecer agora é que essas ideias tenham uma tradução parlamentar, sob a forma de projetos-lei. Em janeiro, por via do desaire eleitoral da CDU (a coligação do PEV com o PCP), que passou de 12 deputados para seis, os ecologistas não conseguiram eleger nenhum deputado.

Nessas eleições, o partido ocupava o quarto lugar na lista da CDU em Lisboa (Mariana Silva) e o terceiro em Setúbal (José Luís Ferreira). Mas a coligação liderada pelos comunistas só elegeu dois deputados em Lisboa e outros dois em Setúbal. Heloísa Apolónia, a deputada do PEV com maior longevidade (28 anos, de 1991 a 2019), voltou a falhar a eleição como cabeça-de-lista em Leiria (antes tinha sido sempre eleita por Setúbal).

O PEV deixou o Parlamento e agora, segundo explica ao *DN* a dirigente Mariana Silva – que foi deputada na legislatura 2019-2022 –, o caminho tem sido dinamizar iniciativas locais "aproveitando as ligações do partido com eleitos da CDU no poder local".

"Estamos na rua", assegura, falando de iniciativas recentes no Porto e no Alentejo (estas relacionadas com os problemas da água e da agricultura intensiva). "E como agora não temos essa voz parlamentar, temos enveredado por um trabalho mais local, que também é mais exigente".

O partido tem eleitos locais em concelhos como Sintra, Braga, Paredes de Coura, Portalegre ou Lisboa. E uma das formas que escolheu para se manter vivo no espaço público – apesar de uma diminuição drástica da cobertura mediática, como de resto também aconteceu com o CDS – tem sido a publicação de cartas abertas a responsáveis públicos (locais ou nacionais) a propósito de questões muito concretas que afetam as populações.

Estando o partido agora fora da AR, pode portanto colocar-se a pergunta: poderá o PCP aproveitar na Assembleia da República projetos que tenham sido do PEV e voltar a apresentá-los fazendo-os seus?

Não, "isso não tem acontecido", embora "a agenda do PCP seja muito coincidente com a do PEV", afirma a dirigente. Que, instada pelo *DN*, recorda pontos marcados pelo partido no período em que integrou a '*geringonça*': a operação de erradicação do amianto em edifícios públicos (escolas, sobretudo); o plano de incentivo à agricultura familiar ("que não sai do papel"), os planos de poupança energética nas escolas. Também recorda que no OE2021 foi acordado mandar-se fazer um estudo sobre a poluição luminosa nas cidades (cidades cujo excesso de iluminação pública provoca distúrbios na biodiversidade, nomeadamente ao nível dos insetos), mas nada aconteceu.

E agora, como passa o PEV sem presença parlamentar? Mariana Silva parece ter a resposta estudada e afirma que "o Ambiente vai sentir a falta dos Verdes no Parlamento".

"Pouco se tem falado de Ambiente", afirma, dizendo que temas como os da exploração do lítio, da instalação de centrais fotovoltaicas em locais de paisagem protegida e do financiamento da agricultura intensiva pelo PRR (Plano de Recuperação e Resiliência) têm sido mantidos à margem dos interesses parlamentares, apesar da presença de deputados que se afirmam ecologistas, como os do BE, do PAN ou de Rui Tavares, do Livre.

E pode ambicionar o PEV ambicionar na próxima legislatura voltar a ter representação parlamentar?

A verdade é que isso depende do PCP. O PEV desapareceu da Assembleia por via do desaire eleitoral da CDU, um desaire imputado ao PCP, o partido dominante na coligação CDU. Assim, um regresso depende essencialmente da capacidade que os comunistas demonstrem (ou não) de voltar a crescer eleitoralmente, havendo quem argumente que é possível, mas também quem prognostique que o declínio é irreversível.

O PEV, de resto, nunca se apresentou autonomamente a eleições, nem no plano nacional nem no plano local. O partido foi fundado em 1982 (com a então denominação de Movimento Ecologista Português – Partido "Os Verdes"). No ano seguinte, integraram formalmente a coligação que o PCP então liderava, a APU (Aliança Povo Unido), a qual viria a dar lugar, em 1987, à atual CDU (Coligação Democrática Unitária). De 1983 a 1987, o deputado "Verde" integrava, como independente, a lista do PCP. De 1987 em diante, surge a sigla PEV e passa a

VÍTOR RIOS/GLOBAL IMAGENS

PARLAMENTO
PESO DO PEV NA CDU

Legislatura	Deputados
III Legislatura (1983-1985)	1 deputado em 44
IV Legislatura (1985-1987)	1 deputado em 38
V Legislatura (1987-1991)	2 deputados em 31
VI Legislatura (1991-1995)	2 deputados em 17
VII Legislatura (1995-1999)	2 deputados em 15
VIII Legislatura (1999-2002)	2 deputados em 17
IX Legislatura (2002-2005)	2 deputados em 12
X Legislatura (2005-2009)	2 deputados em 14
XI Legislatura (2009-2011)	2 deputados em 15
XII Legislatura (2011-2015)	2 deputados em 16
XIII Legislatura (2015-2019)	2 deputados em 17
XIV Legislatura (2019-2022)	2 deputados em 12
XV Legislatura (2022-...)	0 deputados em 6

"Estamos na rua. Agora que estamos sem voz parlamentar, temos enveredado por um trabalho mais local, que também é mais exigente [...] aproveitando as ligações do partido com eleitos locais da CDU."

Mariana Silva
Ex-deputada, dirigente do PEV

ter dois deputados, formando assim um grupo parlamentar próprio. E passou a ser sempre essa a sua representação, apesar da progressiva perda de peso eleitoral do PCP. Agora, formalmente, a coligação continua a existir. Mas na AR só um partido a representa, o PCP.

Poderá nas próximas legislativas o partido ensaiar um movimento de independência face ao PCP, indo a votos pela primeira vez de forma isolada? Esta é uma pergunta face à qual Mariana Silva parece, mais uma vez, ter uma resposta ensaiada: "Tudo se pode discutir." E quando? Na próxima Convenção Nacional do partido, em 2024.

A existência do PEV – e a sua ligação umbilical ao PCP desde sempre – é, para o ensaísta e professor universitário Viriato Soromenho Marques uma das razões pelas quais nunca ocorreu em Portugal a existência de um partido "Verde" de grande dimensão eleitoral, como acontece por exemplo na Alemanha.

Soromenho Marques – que de 1992 a 1995 dirigiu a Quercus – recorda que em meados dos anos 80 muitos ecologistas portugueses chegaram a discutir a possibilidade de criar um partido. Mas "o PCP antecipou-se" – sendo que, para o professor, não há duvida nenhuma de que o PEV foi uma criação do PCP (porque os comunistas, não querendo ir a votos sozinhos, precisavam de criar um partido com quem se coligar).

Assim, o movimento ecologista sofreu desse problema de "colagem ao PCP". Colagem que, de resto, causou dissidências no próprio PEV, como as de António Gonzalez (fundador) ou de Maria Santos (deputada), pessoas que, como ironiza, "deixaram o PEV assim que se tornaram ecologistas".

Considerando que o BE, o PAN e o Livre se afirmam ecologistas, a representação "verde" hoje em dia na AR é de sete deputados (em 230). Mais do que PCP (seis), mas menos do que a IL (oito) ou o Chega (12).

joao.p.henriques@dn.pt

Como a guerra na Ucrânia atingiu com um "rude golpe" o único presidente de câmara municipal do PEV

PODER LOCAL André Martins conseguiu manter na CDU a Câmara de Setúbal. O mandato contudo não tem sido isento de dificuldades. A guerra atingiu-o em cheio.

André Martins
Presidente Câmara de Setúbal

Em março de 2021, a imprensa local avançava que André Martins, militante do PEV – partido de que aliás foi deputado – iria ser o escolhido da CDU para encabeçar a lista da coligação à Câmara Municipal de Setúbal. O processo, dizia então *O Setubalense*, estava a ser "gerido com pinças", porque tinha ficado "longe de ser consensual" dentro da coligação liderada pelo PCP: "Outros nomes, dentro do próprio PCP, foram apontados como disponíveis para assumirem a liderança da lista a candidatar à Câmara Municipal", lia-se no jornal.

O que estava em causa era a difícil sucessão da eleita da CDU para a presidência da câmara por três mandatos sucessivos, Maria das Dores Meira. Atingida pela lei da limitação dos mandatos, Maria das Dores tinha duas opções: ou deixava a política ou se candidatava a outra câmara. Escolheu Almada, tentando recuperar para a CDU um bastião perdido em 2017 para o PS. Perdeu.

Quando foi escolhido para ser o candidato, André Martins ocupava na autarquia a posição de presidente da Assembleia Municipal e tinha sido vereador durante vários anos. De 1987 a 1995 fora deputado à Assembleia da República. Em 26 de setembro de 2021 foi a votos na candidatura a presidente de câmara e venceu.

A CDU perdeu, porém a maioria no Executivo municipal: detinha sete eleitos (presidente da câmara incluído) em onze e desceu para cinco. O PS subiu de três para quatro e o PSD de um para dois. Somados, os dois partidos da oposição fazem maioria. Contas feitas – e obedecendo a um movimento geral de erosão eleitoral – a CDU perdeu em Setúbal cerca de sete mil votos (passando de 22,4 mil para 15,3 mil). Tinha obtido 49,9 por cento dos votos nas eleições autárquicas em 2017, ficando-se pelos 34,4 por cento em 2021. Em janeiro passado, com o desaparecimento do PEV do Parlamento, André Martins tornou-se no eleito mais destacado do partido.

O mandato não tem sido fácil. André Martins ainda há poucos dias admitia o "rude golpe" que foi a história, contada originalmente pelo *Expresso* no final de abril passado, de que os refugiados ucranianos recebidos no concelho estariam a ser acolhidos por imigrantes russos próximos de Putin. Dizia o jornal que pelo menos 160 refugiados ucranianos já teriam sido recebidos pelo russo Igor Khashin, membro da Edintsvo e antigo presidente da Casa da Rússia e do Conselho de Coordenação dos Compatriotas Russos, e pela mulher, Yulia Khashin, funcionária do município.

Admitindo que a controvérsia afetou "negativamente" a imagem de Setúbal, André Martins disse esperar agora "com toda a serenidade" o resultado do inquérito que o Ministério Público (MP) está a fazer. A Inspeção Geral de Finanças – que tutela o poder local – também fez duas inquirições, enviando os respetivos resultados para o MP. A Comissão Nacional de Proteção de Dados desencadeou igualmente um inquérito, ainda em curso.

André Martins, pelo seu lado, assegura "serenidade" mas ao mesmo tempo diz que deseja "intensamente" que os inquéritos sejam "rapidamente concluídos". E dispara sobre os seus adversários embora sem os nomear: "Falo da cidade e da terra de que alguns se dizem defensores, mas cujo prestígio e imagem tudo fizeram para prejudicar, aproveitando a oportunidade só para se promoverem pessoal e partidariamente." **J.P.H.**

Augusto Santos Silva, dirigente do PS e presidente do Parlamento.

ANTÓNIO COTRIM / LUSA

Santos Silva avisa direita para "absurdo" de pedir menos receita e mais despesa ao Estado

PS O dirigente socialista afirma que pedir descida de impostos e aumento da despesa não são conciliáveis.

O dirigente socialista Augusto Santos Silva considerou que se vive "um daqueles períodos absurdos" em que a direita reclama, ao mesmo tempo, menos receita e mais despesa ao Estado, avisando que os portugueses "não gostam de coisas absurdas".

O também presidente da Assembleia da República falava no lançamento do livro *Meio Século do Poder Local: As Marcas do Partido Socialista*, na qualidade de presidente do conselho coordenador do Fórum Mário Soares, que decorreu ontem em Lisboa.

"Quem está no Parlamento vê isso todos os dias: nós temos propostas – é mais absurdo quando vem da direita – para reduzir as receitas do Estado, baixando um imposto aqui, retirando uma receita acolá, e ao mesmo tempo propostas para aumentar a despesa. Ora isso é impossível", considerou.

Apesar de o seu discurso ter sido dirigido ao poder local, com Santos Silva a defender um caminho "seguro, prudente, consolidado" na vertente da descentralização de competências e do seu financiamento, o antigo ministro socialista deixou um aviso mais geral.

"A minha impressão como cidadão e a minha opinião técnica como sociólogo é que, mais uma vez, a direita vai perceber que os portugueses não gostam de coisas absurdas, gostam de lógica, e que sabem muito bem que, quem ao mesmo tempo propõe reduzir receita e aumentar despesa, não merece confiança", afirmou.

Na sua intervenção, Augusto Santos Silva procurou explicar as grandes conclusões do livro, pedido pelo PS mas desenvolvido por uma equipa do ISCTE, no qual identificou apenas quatro partidos com implementação no território a nível autárquico – PS, PSD, PCP e CDS –, mas com vantagem para os socialistas.

"O PS é hoje o grande partido nacional e popular em Portugal e elege deputados em todos os círculos eleitorais como é também o único que lidera câmaras em todos os distritos, convém que não nos esqueçamos disto", apontou. Por isso, alertou, o PS deve acompanhar "o ritmo frenético da atividade política diária", mas sem nunca esquecer "o retrato real, em quem as pessoas confiam para tratar das populações e dos territórios". A partir do livro, Santos Silva traçou ainda uma conclusão sobre as governações nacionais à esquerda e à direita e os avanços no poder local.

"Só há uma conclusão analítica : é nos períodos de governação nacional do PS que os poderes e os recursos das autarquias locais avançam e é nos períodos de governos liderados pela direita que elas recuam. Nem sempre recuam, mas os períodos em que recuam são de governação da direita", disse.

Também na área da descentralização de competências "com meios financeiros indispensáveis", Santos Silva considerou que estas aconteceram sobretudo devido à ação do PS. "Na área da descentralização, a primeira grande lei é feita no fim do governo de António Guterres e o segundo grande movimento decorre agora desde 2016. Na área dos meios financeiros, foi com revisões das leis de finanças regionais em 1998, 2007 e 2018, com governos do PS, que as autarquias locais passaram a dispor de meios – não digo necessários, nunca são – mas equivalentes à dimensão das competências que lhes eram pedidas", defendeu.

DN/LUSA

BREVES

Cotrim Figueiredo atira ao PS e PSD

O líder da Iniciativa Liberal (IL) acusou ontem PS e PSD de tomarem conta do aparelho do Estado e questionou o porquê de Santarém ser opção para o novo aeroporto. "Parece que os dois partidos do costume decidem os destinos do país entre quatro anos, entre quatro paredes, como se fossem donos do país. Não são. São donos apenas da responsabilidade do país estar no estado em que está", acusou João Cotrim Figueiredo. Reagia assim ao anúncio do governo, na sexta-feira, da criação de uma comissão técnica independente para estudar a localização do novo aeroporto. "Dizem apenas que Santarém será uma delas e eu pergunto exatamente porquê", questionou. Recordou que "Santarém está a mais de 75 quilómetros de Lisboa, ou pelo menos do Aeroporto de Lisboa, e pode estar fora daquilo que é o exclusivo aeroportuário atribuído à ANA".

BE fala de favores às petrolíferas

A líder do Bloco de Esquerda (BE), Catarina Martins, disse ontem que o combate à inflação exige políticas que não sejam de favor às petrolíferas, pelo contrário têm de passar por cobrar o que andam a ganhar a mais. "O BE sabe que a resposta à inflação, como a resposta à crise climática, exige uma política que continue a não ser de favor as petrolíferas e que, pelo contrário, possa cobrar pelo que andam a ganhar a mais para apoiar os setores que mais precisam de apoio", defendeu. Catarina Martins, em Viseu, onde ouviu as queixas dos agricultores sobre o preço da energia, frisou que "não se pense que é um problema de outros países. António Guterres falava dos biliões de lucros das grandes petrolíferas, mas eu lembro que em Portugal, no último semestre, a Galp apresentou mais de 153% de lucros num semestre".

Opinião
Joana Amaral Dias

A/C Colaboracionistas

As gigantes tecnológicas andam nos tribunais a tentar saquear os nossos Direitos Constitucionais. E isto que até há 3 anos seria um escândalo de gordas, agora nem sequer passa na TV.

Por estes dias, um tribunal nos EUA manteve uma lei do Texas que impede as grandes empresas de comunicação social de censurar utilizadores com base no "ponto de vista". Ou seja, os juízes interditaram plataformas como o Facebook de castigar ou silenciar os seus utilizadores por delito de opinião. Censura a que muito eufemisticamente chamam "moderação de conteúdos", enquanto passam o *lápis azul* em conteúdos "preventivamente" (lembra a guerra preventiva de Bush) a pretexto de que tenham "potencial para causar danos".

Adiante. Há uma pequena vitória da liberdade de expressão, do mundo livre, da democracia e dos alicerces iluministas que fundam a nossa civilização, "Ainda há juízes em Berlim", mas o simples facto de estes abutres acharem, bem montados em poderosíssimos escritórios de advogados, que possuem o direito de esbulhar os nossos direitos mostra o perigoso momento que atravessamos.

Certo é que a imposição de uma narrativa única e oficial (orwellianamente intitulada "padrões da comunidade") cuja aceleração eclodiu com a covid e que se faz sentir hoje a granel, é veneno para o nosso modo de vida. Impedir o debate de ideias, o contraditório, o esgrimir de evidências opostas ao pensamento único, procurar o abafamento do pensamento crítico, é uma calamidade para todo o mundo ocidental.

E não vale a pena continuar a justificar esta barbárie com o combate às notícias falsas. Tal não passa de uma máscara, de um intolerável Cavalo de Tróia que nos devorará por dentro.

Essa farsa também não colhe face aos factos – atente-se, por exemplo na audição às *big tech* que cooperaram com o governo de Biden para retirar de circulação os conteúdos não-aprovados. Também Mark Zuckerberg admitiu, numa entrevista, que o Facebook limitou a divulgação de informação relacionada com a apreensão pelo FBI do portátil de Hunter Biden e que o Twitter a terá mesmo rasurado por completo.

Eu própria já estive bloqueada por mostrar um vídeo de 2020 de Filipe Froes num programa televisivo a opor-se veemente às máscaras, mesmo em meio hospitalar. Entretanto, todos nós vamos recorrendo a códigos e palavras truncadas ou a expressões amputadas para escapar aos censores ou experimentando esse condicionamento, esse receio difuso de ser suspenso, bloqueado, eliminado. Até porque (como em muitos regimes despóticos) a arbitrariedade é essencial para disseminar o temor. E passamos a ter mais cautelas, deslizamos para a auto-censura, fazemos o jogo.

Na cobertura jornalística sobre a guerra na Ucrânia, esse unanimismo burro é gritante – como escreve o jornalista Carlos Fino, nos mais variados órgãos de cominação social por todo o globo: "As notícias sucedem-se e repetem-se do mesmo modo e no mesmo viés – como se fossem redigidas por uma redação única", "um samba de uma nota só, onde poucos se fazem ouvir e muitos permanecem sem voz".

Enfim, confirma-se que o fito é apenas garantir que o empobrecimento generalizado em curso é aceite sem resistência. Não mora aqui qualquer defesa do bem comum, mas apenas e tão-só o controlo dos cidadãos, a criação de um mar de submissos e sabujos. Felizes.

Psicóloga clínica. Escreve de acordo com a antiga ortografia

Opinião
Sebastião Bugalho

O grande *swing*

Hilary Mantel, provavelmente a maior escritora do século XXI britânico, introduz o leitor ao seu primeiro romance histórico (*A Place of Greater Safety*, 1992) da seguinte forma: "Tudo o que lhe parecer particularmente improvável é provavelmente verdade". Mantel, que se instituiu literariamente através de retratos ficcionados de momentos de rutura (a Revolução Francesa, no livro citado; o anglicanismo de Henrique VIII, na trilogia *Wolf Hall*), partiu esta semana deste mundo, não se inibindo de deixar lições a quem nele permanece. Também nós, não há dúvida, atravessamos um tempo de transformações, ainda que sem a sorte de virmos a ser narrados pela pena de Hilary Mantel.

"Tudo o que lhe parecer particularmente improvável é provavelmente verdade", sugeria-nos ela. E o último ano de política, caseira e além-fronteiras, poderia ter sido apresentado do mesmo modo. A maioria absoluta de António Costa, ao fim de seis anos de governação. A resistência ucraniana ao *Urso Russo*, sete meses após a invasão. A remilitarização da Alemanha, noventa anos depois do Terceiro Reich. O regresso da inflação, a níveis não-vistos há três décadas. Um presidente da China que, contrariamente aos seus antecessores, não terá limite de mandatos. Um terceiro Carlos a reinar Inglaterra. Um presidente da América que colocará tropas em Taiwan em caso de invasão. Um almirante com potencial presidencial em Portugal. O Partido Socialista a cortar mil milhões de euros no sistema de pensões. Vladimir Putin forçado a mobilizar milhares de conterrâneos por dificuldades no terreno. Europeus com receio de morrer de frio, não nas ruas, mas nas suas próprias casas, este inverno.

Se esta lista lhe fosse lida há um ano, meu caro leitor, o riso seria a resposta mais óbvia, e mais lúcida. Mas, como advertia Mantel, tudo o que parece particularmente improvável será provavelmente verdade. Ninguém diria que, no espaço de quatro estações, as decisões de uma ponta à outra do globo passariam a ser tomadas de uma forma eminentemente política e cada vez menos económica. Excetuando o sr. Erdogan, exímio merceeiro entre lutas alheias, há uma prioritização do factor político na condução de Estados e governos que não encontra precedente na era do conforto (1989-2022), habitualmente referida como "globalização".

Em 2022, pela primeira vez em trinta anos, a China crescerá menos do que a média dos restantes países asiáticos. Segundo os últimos dados do Banco para o Desenvolvimento da Ásia (ADB), o crescimento chinês ficará pelos 3,3% este ano, manifestamente abaixo da média a que o Partido Comunista Chinês acostumou as praças internacionais e o seu povo. Apesar disso, Xi Jinping encaminha-se para uma consagração incontestada no próximo mês, em que receberá as chaves para um inédito terceiro mandato de cinco anos. A China, apostada numa política de abertura económica desde Deng (e desde Tiananmen), substituiu o crescimento como norte da sua governação. É a política mais ideológica, mais nacionalista, mais expansionista, que agora conduz Pequim. O sr. Xi quer saber mais dos números das suas Forças Armadas do que dos números do seu PIB – e isso é novo. O contrato silencioso entre o povo chinês e o seu partido único resistirá a essa alteração? É uma pergunta que definirá o nosso tempo e para a qual ninguém tem resposta.

Mas a verdade é que não foi só do outro lado do planeta que o espírito decisional dos políticos se inverteu. Também na Europa, onde a massa crítica exigia há anos que a economia deixasse de ser a estrela-polar entre governantes, a política ganhou uma nova primazia. Como é mais do que evidente, não era do interesse de nenhuma família e de nenhuma empresa europeia sancionar a Federação Russa, abdicar do seu mercado e da sua oferta energética. E, como é igualmente evidente, não tínhamos outra opção que não fazer isso mesmo depois de 24 de fevereiro. Tal como o sr. Xi, ainda que por motivos manifestamente opostos, também nós trocámos a supremacia dos números pela tentativa de convicções. O compromisso da União Europeia com a independência da Ucrânia é uma opção política feita apesar de custos económicos, quando as anteriores crises europeias, se repararmos, foram feitas na lógica inversa. A crise financeira, feita de escolhas financeiras apesar de custos políticos. E até a crise de refugiados, feita de escolhas humanitárias (e pragmatismo demográfico) apesar de custos também políticos. Hoje, a ordem das coisas é outra. Em nome da democracia, que não deixa de ser uma premissa política, as sociedades europeias enfrentarão sacrifícios materiais gigantescos. O contrato silencioso entre o povo europeu e a União resistirá a essa alteração? Essa é a outra pergunta que definirá o nosso tempo, e para a qual ninguém, por enquanto, tem resposta.

O referendo do *Brexit*, em 2016, foi uma antecâmara deste paradigma, em que a racionalidade económica é preterida pelo instinto político. O resto do mundo encaminha-se para aí; não livre de custos, não livre de riscos, mas crente.

A pergunta é: até quando?

Colunista

Opinião
José Mendes

Não cair em tentação

Não é caso único. Em rigor, desde o início da democracia, já são mais de cinquenta as eleições falhadas para a mesa da Assembleia da República. Só que, no caso do terceiro chumbo do candidato do Chega, o que está em jogo é o perfil da democracia no qual se revêm os portugueses.

Vamos aos factos. Primeiro foi Diogo Pacheco de Amorim, depois Gabriel Mithá Ribeiro, e agora Rui Paulo Sousa. Todos chumbados. O último, na passada quinta feira, conseguiu apenas 64 votos entre os 213 votantes. Os representantes do povo não podiam ter sido mais claros: não querem o Chega sentado nas cadeiras mais altas do hemiciclo.

Desta vez houve, todavia, uma trapalhada do PSD. O seu líder parlamentar Joaquim Miranda Sarmento, num ato de amizade partidária para com o Chega e o seu líder, tomou a iniciativa de apelar aos deputados sociais-democratas para que votassem no candidato da extrema-direita populista. E fê-lo por escrito. André Ventura não cabia em si de contente, registando publicamente o "sinal de normalização" que recebeu do lado laranja e antevendo já eventuais acordos futuros.

Sabendo-se que o PS sozinho chumbaria a candidatura, é pertinente questionar sobre as verdadeiras razões deste apelo do PSD. O que pretenderia Luís Montenegro com um exercício condenado ao insucesso? Apenas consigo vislumbrar um de dois propósitos, ou os dois em simultâneo: medir o pulso relativamente ao controlo do líder sobre o grupo parlamentar (que, recorde-se, resultou de listas preparadas por Rui Rio); e/ou testar as águas relativamente a uma aproximação do PSD ao Chega e a Ventura.

Face a este movimento arriscado, o resultado não podia ter sido pior. Quase metade dos deputados laranjas ignoraram o apelo, desautorizando o líder parlamentar e o presidente do partido. Um tiro num pé. Além disso, a partir de agora, a latitude de Montenegro para qualquer concertação com o Chega está praticamente esgotada. Outro tiro no outro pé.

André Ventura, como se esperava, vociferou a habitual vitimização, denunciando o que apelida de "maior boicote da Europa Ocidental a um partido". O líder do Chega parece ainda não ter percebido como funciona a regra basilar da democracia: o voto livre. Os deputados votaram em urna fechada, de acordo com a sua consciência. E não lhe quiseram dar a vice-presidência da Assembleia da República. Ao contrário do que diz Ventura, a culpa não é do PS. As mais de três dezenas de deputados do PSD que lhe negaram o voto, apesar da ordem superior, mostraram também a sua fidelidade aos princípios da democracia e a indisponibilidade para dar palco a um partido mensageiro da xenofobia, que anda há mais de dois anos a distribuir insultos e a desrespeitar o Parlamento e a função política. Confirma-se que quem semeia ventos, colhe tempestades.

A ascensão da extrema-direita na Europa, que se verifica há pelo menos quinze anos, é um teste à solidez das democracias. Os resultados eleitorais recentes em França, na Suécia e, previsivelmente, em Itália, mostram que estes não são tempos para facilitismos. Na trincheira portuguesa, as tropas boas têm de fazer uso da sua arma (o voto, como o fizeram os deputados do PSD) e os líderes democráticos não se podem deixar cair em tentação (como o fez Luís Montenegro).

Na trincheira portuguesa, as tropas boas têm de fazer uso da sua arma (o voto, como o fizeram os deputados do PSD) e os líderes democráticos não se podem deixar cair em tentação (como o fez Luís Montenegro)."

Professor catedrático

Gruta do Escoural é uma espécie de "cápsula do tempo"

HISTÓRIA Arqueólogos António Carlos Silva, Carlos Carpetudo e Rui Mataloto explicam a importância científica do monumento nacional em Montemor-o-Novo, que vai além das pinturas e gravuras paleolíticas.

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

"A entrada natural era no extremo oposto", esclarece o arqueólogo António Carlos Silva, junto à porta metálica que dá acesso à Gruta do Escoural, a única identificada em território português com gravuras e pinturas paleolíticas, o mais próximo que temos de Lascaux ou de Altamira, míticas grutas artísticas em França e Espanha. O acesso atual resultou de uma explosão numa pedreira de mármore ao final da tarde de 17 de abril de 1963, que revelou a gruta. "Aqui havia uma pedreira a funcionar. E o encarregado da pedreira, Valentim Domingos Fernandes, por razões de segurança acompanhado naquele momento apenas pelo ajudante Olímpio Graixinha, é surpreendido mal assenta a nuvem de poeira por uma abertura na rocha. Curiosos, entram. Apesar de terem um Petromax, os olhos tardam a habituar-se, até que percebem que aquilo que estalou ao pisarem eram esqueletos", conta o arqueólogo, agora reformado da Direção Regional de Cultura do Alentejo, entidade responsável pela gruta, situada no concelho de Montemor-o-Novo. O município, por seu lado, financia, em parceria com a Direção Regional de Cultura, o funcionário que abre a gruta todos os dias, e faz ainda a promoção desta como atração cultural.

A conversa junta também os arqueólogos Carlos Carpetudo, da Câmara de Montemor, e Rui Mataloto, que veio do Redondo, onde é técnico camarário, para falar do que está por cima, vestígios de ocupação humana que foram tema de investigação há uns anos, juntamente com Ana Vale, da Universidade do Porto.

O pretexto para se falar da Gruta do Escoural é o *Festival Terras Sem Sombra*, que no fim de semana passado teve lugar em Montemor e incluiu visita ao monumento nacional, mas fico a saber por António Carlos Silva que o *DN* está ligado a esta descoberta: "No dia seguinte, a 18 de abril de 1963, há realmente muita gente da aldeia que vem visitar a gruta e o eco vai até longe. Causou algum espanto local. E é nesse dia que o sapateiro da aldeia terá vindo também, como os outros, e telefona para o *Diário de Notícias* e dá a notícia, e ela sai na edição de 19. O diretor do Museu Nacional de Arqueologia, Manuel Heleno, ao ler em Lisboa o seu jornal da manhã, no seu gabinete, deve ter percebido logo que provavelmente se tratava de uma necrópole neolítica. E porquê? Porque no Alentejo não era vulgar, mas em toda a zona da Estremadura as grutas são abundantes e conhecidas desde o século XIX. E normalmente podiam ter interesse paleolítico – era isso de que se ia à procura –, mas, de uma maneira geral, aquilo que as distinguia era o facto de serem necrópoles usadas no neolítico".

Manuel Heleno, também catedrático na Faculdade de Letras, entrou em contacto com os colaboradores, na altura o principal era Farinha dos Santos, seu assistente. "E é ele, o professor Farinha dos Santos, que vai ter de arranjar uma viatura, depois entra em contacto com um arqueólogo, um amador dinamarquês, que vivia em Portugal há bastantes anos, e que costumava dar este tipo de apoio e então chegam aqui perto da uma hora da tarde, ainda no dia 19. Mas antes de partir, contacta a GNR local – havia aqui um posto a sério, pois o Escoural era uma aldeia com alguma tradição antifascista – para fazer a proteção da gruta", acrescenta o autor do livro *Escoural: Uma gruta pré-histórica no Alentejo*, que investigou este monumento nacional.

Técnico do município montemorense, o arqueólogo Carlos Carpetudo tem-se dedicado também ao estudo da gruta e, inclusive, com uma impressora 3D, reconstituiu alguns artefactos, desde um crânio humano até a um pote de barro e uma lâmina em pedra. Também tem acompanhado o mapeamento 3D da gruta, que tem 350 metros, o que abre caminho não só a novas possibilidades de estudo, como à construção de uma réplica, como em Altamira, em que o local original deixou de ser visitável, para proteção do legado.

Na Gruta do Escoural, para já, 20 visitantes no máximo por dia, dez de manhã e dez de tarde. "É sem dúvida algo excecional em Portugal porque é, até hoje, a única gruta conhecida com Arte Rupestre Paleolítica no seu interior. Arte com pelo menos dez mil anos. Aliás, este sítio, o fascinante dele, obviamente, é ter esta Arte Rupestre do Paleolítico, mas também o facto de revelar várias fases de utilização desde há 50 mil anos, primeiro pelo Neandertal. A entrada original não está visitável neste momento, porque apesar de ter, entretanto, sido desobstruída encontra-se no fundo de um fosso, mas era junto a ela, e através dela, que tudo aconteceu, depois já com o homem moderno, até ficar fechada", diz o arqueólogo camarário.

Esta questão do fecho acresce interesse à gruta. "Ela, ainda não sabemos exatamente por que razão, no final do neolítico é encerrada. Não sabemos se terá sido uma razão natural, se terá sido intencional. Assim,

MANUEL ROQUE / CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO

Rui Mataloto, Carlos Carpetudo e António Carlos Silva com réplicas impressas em 3D.

FOTOS: SERVIÇO DE PATRIMÓNIO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE MONTEMOR-O-NOVO

Pinturas e gravuras do Paleolítico por vezes são difíceis de ver, mas têm valor científico extraordinário.

os dois homens que entraram depois da explosão, aquilo com que eles deram foi com uma cápsula do tempo. Estava ali encerrado um contexto arqueológico completamente fora do normal, fechado desde o Neolítico Médio, há cinco mil anos", sublinha Carlos Carpetudo, com António Carlos Silva a acenar com a cabeça, em sinal de concordância.

Portanto, durante cinco mil anos nenhum ser humano entrou na gruta. Mas logo no primeiro ano de investigação foi possível perceber quão importante era o tesouro nela guardado, a arte das cavernas mais ocidentais da Europa. E é então que o *DN* dá destaque de primeira página a 20 de julho de 1964 à notícia de que "pela primeira vez em Portugal descobriram-se pinturas rupestres", uma reportagem assinada por João Salvado, que acompanhou os trabalhos de Farinha dos Santos, que, com as décadas, se consolidou como um nome incontornável da arqueologia. Nas páginas interiores, o *DN* explicava que se tratava de uma "descoberta arqueológica de importância europeia" e que "as pinturas quaternárias aparecidas na gruta do Escoural situam o Paleolítico Superior português na linha franco-cantábrica", que inclui Altamira e Lascaux.

Como visitar:

Centro Interpretativo
da Gruta do Escoural
Rua Dr. Magalhães
de Lima, 48; 7050-555
Santiago do Escoural
E-mail:
gruta.escoural@cultura-alentejo.gov.pt
Tel:
266 857 000
HORÁRIO
Verão: 09h30-13h00
e 14h30-18h00;
Inverno: 09h00-13h00
e 14h00-17h00

UM CASO DE SENSAÇÃO

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL

DESCOBRIRAM-SE PINTURAS RUPESTRES

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS COM 13 000 ANOS DE EXISTÊNCIA FORAM ENCONTRADAS NA GRUTA DO ESCOURAL, EXPLORADA A PARTIR DE ABRIL DE 1963 E JÁ CLASSIFICADA COMO MONUMENTO NACIONAL

GRUTA ou cemitério romano?

Diario de Noticias

DESCOBERTA ARQUEOLÓGICA DE IMPORTÂNCIA EUROPEIA

AS PINTURAS QUATERNÁRIAS APARECIDAS NA GRUTA DO ESCOURAL SITUAM O PALEOLÍTICO SUPERIOR PORTUGUÊS NA LINHA FRANCO-CANTÁBRICA

A OPINIÃO do prof. Manuel Heleno, director da Faculdade de Letras de Lisboa

ESCOURAL SANTUÁRIO PALEOLÍTICO

A VISITA ÀS GRUTAS

O QUE RESERVARÃO

Primeira notícia no *DN*, em 1963, revelava incerteza sobre a natureza do achado arqueológico, mas despertou ação das autoridades e um ano depois o jornal noticiava que a gruta continha pinturas rupestres, algo novo em Portugal.

António Carlos Silva e os colegas não fazem comparações, pois, por exemplo, as pinturas de Altamira são tão excecionais que tardou a serem reconhecidas como paleolíticas. Concordam, porém, no grande valor científico da gruta portuguesa, com as suas pinturas e gravuras de animais, desde auroques a cavalos, uns mais visíveis do que outros, a impressionarem os visitantes do Escoural, mesmo que identificá-las exija esforço. A própria estrutura da gruta, galerias formadas pelas águas subterrâneas, é de grande beleza, aconselhando-se o uso dos capacetes fornecidos à entrada, pois por vezes é preciso todo o cuidado para não se bater nas protuberâncias da rocha.

E por cima da gruta, no topo da colina, o que há? A palavra agora a Rui Mataloto: "Fiz alguns trabalhos no exterior da gruta. Porque, na sequência, enfim, dos reconhecimentos que o próprio Farinha dos Santos fez da Necrópole Neolítica e dos reconhecimentos que foi fazendo na gruta, desde as gravuras, ele apercebeu-se também de que o exterior, o cerro por cima da gruta, tinha vestígios de ocupação e tinha igualmente, de outra fase, gravuras. Foi sobre essa ocupação que eu fiz trabalhos arqueológicos há uns anos. O monumento não é só a gruta, é também o espaço por cima da gruta. Para permitir uma compreensão mais alargada. Pela raridade, pela escassez, enfim, o conjunto é único. E se hoje é a gruta, pela sua realidade no contexto alentejano, que chama a atenção, no entanto há toda uma realidade, envolvente, que lhe dá uma particularidade única no contexto diria mesmo nacional".

E sim, no topo da colina onde está a gruta, onde noutra era, antes da pedreira, devia haver impressionantes afloramentos de mármore, lá surge uma pequena muralha a comprovar que a ocupação humana manteve-se mesmo depois do tal encerramento da gruta. Há na zona também gravuras neolíticas exteriores. E ainda hoje, talvez por transmissão oral, nota António Carlos Silva, a zona onde está a gruta "chama-se a Herdade da Sala". "E *sala* no Alentejo identifica *gruta*. Há uma tradição de que há aqui, mas também podia estar associado às minas, porque há minas do século XIX aqui nas imediações. E há mesmo outras até mais antigas. E, portanto, a Herdade da Sala chamar-se assim pode ter a ver não com a gruta em si, mas com essas galerias artificiais."

Sobre a existência de outras grutas por descobrir, a incógnita é de novo muita, como admitem os três arqueólogos. "É possível, mas não se sabe. E até já se fez bastante prospeção na zona", diz António Carlos Silva. "Aliás, a serra em que se enquadra a gruta é a Serra de Monfurado. Mas também isso pode ter a ver com as minas", acrescenta Rui Mataloto. Sendo zona de calcários "é natural que existissem outras cavidades, mesmo que de menores dimensões, ainda que com a entradas obstruídas", remata Carlos Carpetudo.

Haja ou não grutas por descobrir e com vestígios do paleolítico, toda a zona entre Montemor e Évora surpreende pela abundância de monumentos Pré-históricos, como o Cromeleque dos Almendres, a Anta-Capela de São Brissos, as Antas de Pinheiro do Campo, o Cromeleque da Portela de Mogos, o Cromeleque de Vale Maria e a Anta Grande do Zambujeiro, como se pode ler no livro de António Carlos Silva, que teve a colaboração especial do arqueólogo António Martinho Batista, que num capítulo faz a ligação entre a arte do Escoural e as gravuras hoje famosas do vale do Côa, pois "os criadores rupestres em ambas ambiências eram afinal os mesmos".

leonidio.ferreira@dn.pt

Juntos pelo mar em Sesimbra

AMBIENTE O mar não é infinito, mas durante demasiado tempo foi considerado como tal. Este sábado, uma gigantesca operação de limpeza subaquática procurou alertar a comunidade para a urgência de uma nova atitude.

Centenas de mergulhadores participaram nesta operação em Sesimbra. Um dos objetivos era bater o recorde do *Guinness*.

FUNDAÇÃO OCEANO AZUL / EMANUEL GONÇALVES

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS**

De farda azul, com o símbolo da *Guinness World Records* bem visível no casaco, o jovem fiscal, enviado a Sesimbra por esta organização, acompanha desde o início os preparativos para o que se propõe ser uma gigantesca operação de limpeza subaquática. São oito horas da primeira manhã deste outono e, junto ao clube naval daquela vila costeira, a azáfama é grande, com centenas de mergulhadores a dirigirem-se às respetivas embarcações, munidos com sacos para recolha de lixo. O grande objetivo da jornada é tentar bater o recorde mundial do número de mergulhadores a participar numa operação com esta finalidade, que pertencia desde 2019, à Florida, nos Estados Unidos, onde foi possível reunir 633 voluntários em 24 horas. Aqui a meta proposta é chegar aos 700, sendo que às primeiras horas da manhã as inscrições já ultrapassavam o meio milhar.

Feito o primeiro *briefing* do dia, os barcos levam os mergulhadores para o porto de abrigo, junto ao molhe, onde há uma profundidade de 11 metros. Na popa do barco em que seguem também os jornalistas, Pedro Oliveira, da Haliotis, uma das escolas de mergulho participantes, vai dizendo que já viu aparecer de tudo um pouco neste tipo de operações, desde frigoríficos a bicicletas, passando por algo muito mais pequeno, mas extremamente tóxico como são as pilhas que usamos numa infinidade de brinquedos e utensílios domésticos. "Durante muito tempo as pessoas pensavam que o mar era infinito e que o que lá se lançava, pura e simplesmente desaparecia", desabafa.

A confirmar tais considerandos, após meia hora de mergulho, os participantes trazem para bordo um autêntico cemitério de garrafas e garrafões de plástico a que se somam um pneu, restos de uma rede de pesca, a retranca de um barco e – pasme-se – peças dum aspirador.

Mas o trabalho está longe de concluído. A bordo, uma das mergulhadoras, munida dum canivete, procura devolver ao mar (e à vida) os pequenos organismos que fizeram deste lixo sua casa, desde anémonas a minúsculos cavalos-marinhos.

Embora "a possibilidade de entrar para o *Guinness* seja um aliciante extra, não é a principal motivação", diz ao *DN* Flávia Silva, da Fundação Oceano Azul.

Com efeito, esta ação, realizada ontem em Sesimbra, faz parte das celebrações do *Dia Internacional da Limpeza Costeira*, assinalado desde há 4 anos no terceiro sábado de setembro. Em 2022, o dia transformou-se numa semana inteira (entre 17 e 25 de setembro), com ações de limpeza em Portugal de norte a sul incluindo os Açores e Madeira.

O primeiro balanço, salienta ainda Flávia Silva, "é muito positivo, com a participação de todo o tipo de organizações, de centros de mergulho, organizações não-governamentais, associações ambientalistas, empresas, autarquias, clubes desportivos, embaixadas estrangeiras ou escolas, num total de 150 atividades registadas, quer de limpeza costeira, quer de recolha subaquática".

Fundamental é também a função pedagógica de iniciativas como esta. Ao longo desta semana, por todo o país participaram em ações de limpeza cerca de 3500 alunos do 1.º Ciclo, sem esquecer os meninos das zonas sem mar, como frisa ainda Flávia Silva: "Nestes casos, fizeram ações de limpeza em rios e ribeiros porque o lixo deixado ali acaba, fatalmente, no mar".

Recorde-se que, no âmbito da semana de limpeza de praia realizada em Portugal desde 2019, já foram recolhidas 192 toneladas de lixo marinho em aproximadamente 1250 ações de limpeza costeira. Mas nem só os números maus são impressionantes. Nestes trabalhos já estiveram envolvidos quase 24 mil voluntários e 250 organizações.

dnot@dn.pt

FUNDAÇÃO OCEANO AZUL / PEDRO PINA.

Após meia hora de mergulho, os participantes trazem para bordo um autêntico cemitério de garrafas e garrafões de plástico a que se somam um pneu, restos de uma rede de pesca, a retranca de um barco e – pasme-se – peças dum aspirador.

FUNDAÇÃO OCEANO AZUL / PEDRO PINA.

Entre o lixo recolhido pelos mergulhadores não faltaram os pneus.

NUNO VEIGA / LUSA

Água gasta na rega é "excessiva".

Agricultores devem pagar pela água que usam, defende especialista

SECA Poças Martins diz que construção de mais barragens não é solução; rega tem de ser eficiente.

O secretário-geral do Conselho Nacional da Água defende que os agricultores devem pagar pela água e alertou que Portugal está a "atirar literalmente" para o mar 400 milhões de euros ao ano por não reutilizar aquele recurso.

Poças Martins, ex-secretário de Estado do Ambiente no último governo de Cavaco Silva, alertou que a "água de graça" e subsídios dados aos agricultores "são perversos" e que é preciso "uma mudança de paradigma" na agricultura portuguesa.

Em entrevista à Agência Lusa, o dirigente reafirmou que a construção de barragens não é solução no combate à seca, mas sim "adaptar as utilizações" de água à disponibilidade, "poupar, ser mais eficiente [no uso de água] e fazer contas".

"Neste momento não podemos estar a pedir mais barragens enquanto os agricultores não forem eficientes na rega. Não podemos estar a fazer mais barragens e depois regar por aspersão em agosto", defendeu.

Segundo Poças Martins, a rega em Portugal "não é feita de forma parcimoniosa" pelos agricultores porque não se fazem contas: "Em Portugal praticamente não se paga pela água [para a Agricultura] e não se mede a água e por aquilo que não se mede nem se paga, não se poupa".

O docente na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto considerou que em Portugal se podia gastar menos água na Agricultura.

"Os agricultores têm de ser mais eficientes na água, têm de escolher melhor as suas culturas. Por exemplo, como em Portugal os solos não são propícios para os cereais, que gastam muita água, Portugal praticamente não faz cereais e isso é bom, não podemos pensar que devemos ser mais autossuficientes em cereais porque não temos condições para isso", apontou.

Segundo disse, "há países com menos água do que Portugal e que estão melhores", porque, salientou, "fazem algo que em Portugal não se faz de todo e que é o verdadeiro caminho, reutilizar água". Em Portugal, referiu Poças Martins, são desperdiçados milhões de litros de água: "São cerca de 400 milhões de euros por ano que estamos a atirar literalmente para o mar", alertou.

O secretário-geral do Conselho Nacional da Água alertou ainda que a *Convenção de Albufeira* "não é uma garantia" no combate à seca em Portugal. "Neste contexto, de seca, a *Convenção de Albufeira* não é nenhum seguro, nenhuma garantia, porque se Espanha não tiver água para dar, não dá", avisou, lembrando que o acordo entre Portugal e Espanha prevê um regime de exceção no caso de anos hidrológicos em que não seja atingido o mínimo de hectómetros cúbicos de água armazenada nas albufeiras espanholas estabelecidos pela *Convenção de Albufeira*. **DN/LUSA**

Opinião
Daniel Deusdado

Ao juiz: 186 volumes BES explicados em 5 minutos

Era uma vez uma criança abandonada às portas da Misericórdia de Lisboa, corria o santo ano de 1850, de nome posto em batismo José Maria, acrescentado depois de "Espírito Santo" por alturas do Crisma. Muito pobre e lutador, montou bem cedo, pelos 20 anos, uma lojinha de câmbios e lotaria espanhola para as bandas da Calçada do Combro, reinava ainda D. Carlos I. Tão bem-sucedido foi que, ainda novo, ficou rico. E depois banqueiro, mudando-se então para a mais vetusta Rua Augusta, ali por volta da entrada do século XX.

José Maria Espírito Santo morreu em 1915 e deixou aos três filhos homens (e à primogénita Maria) vastas sociedades agrícolas no Ultramar e principalmente uma casa bancária já fina, que o varão mais velho, chamado a gerir, transforma em 1920 no Banco Espírito Santo. Rapidamente este se alcandora a 2.º maior banco lisboeta, mais tarde Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, por fusão com o banco da família Queiroz Pereira, corria o ano da graça de 1937.

Os sucessores de José Maria seguiram as pisadas de sacrifício e labor do patriarca, tornando os Espírito Santo na gente fina de Lisboa-Cascais. A burguesia triunfou sobre a nobreza. Sobreviveram a todas as crises e guerras. Atraem monarcas e Rothschilds aos seus serões deslumbrantes, além de artistas de Hollywood. Pela década de 60, Portugal era gerido por eles, Champalimaud, os Mello e uns mais. Claro, sob supervisão de Salazar.

No 25 de Abril, já se sabe o que aconteceu. Otelo e Vasco Gonçalves fanaram-lhes o banco, íamos por volta de 11 de Março de 75. Exilados no Brasil, em Inglaterra e na Suíça, os Espírito Santo refazem a fortuna, ajudados pelos Rockefeller, Agnelli e J.P. Morgan, entre muitos anticomunistas da época. Entretanto, por cá, anos depois, Soares e Cavaco reescrevem o destino da família. Refaz-se o poder financeiro dos grupos nacionalizados pré-25 de Abril nas privatizações. A história mostra, no entanto, que não tinham capital para a economia aberta dos novos tempos. E quase todos vendem. Exceto os Espírito Santo.

A chegada de Salgado

É em 1991 que Ricardo Espírito Santo Silva Salgado, bisneto do fundador, ascende ao poder por morte do tio e no exato momento da privatização. Daqui para a frente conta-se num instante: Salgado tinha charme e ambição. Ambas, no entanto, não eram suficientes para financiar a corrida suicida de liderança do mercado bancário português. Sim, porque o BES era 2.º no *ranking*, atrás do BCP de Jardim Gonçalves (a Caixa não contava neste campeonato). E os dois banqueiros desatam numa alavancagem que levaria ambos ao precipício.

A verdade é que praticamente desde o início, a numerosa Família não tinha dinheiro suficiente para manter a maioria de um banco cotado em bolsa. Como tal, Salgado levou toda a gente ao colo durante duas décadas tendo como contrapartida o poder absoluto. Criou *holdings* familiares artificiais, sumptuosos negócios lateralizados do "GES", sempre a precisarem de liquidez do BES, descobrindo novos financiadores deslumbrados pelo acesso à elite e dispostos a injetar fortunas de uma vida nas estruturas de capital Espírito Santo. Um clã.

Até que, já entrava o outono de 2013, o então rival Pedro Queiroz Pereira (Salgado tentava roubar-lhe o grupo) juntou em dois meses os números que consultoras reputadíssimas e dezenas de técnicos do Banco de Portugal não viram anos a fio. Diagnóstico negro: uma cascata de dinheiro a rolar pelo mundo inteiro, muito dele via *offshores*, contas nunca consolidadas, tudo com o objetivo de não abrir brechas na inquestionável reputação nessa marca mundial, "Espírito Santo". Mas já nessa altura os clientes do banco andavam a ser *endrominados* por fundos de investimento do GES e papel comercial com contas falsas que tapavam buracos colossais em empresas esvaídas de capital. Tudo aos balcões do BES.

Posto a nu, Ricardo Salgado tentou usar de todo o seu poder. Tinha enviado ao amigo de Sócrates vastos milhões, mas agora não eram muito úteis; havia avençado gente importante, incluindo ministros; financiara partidos; continuava a mandar nos mil milhões da PT; tinha uma palavra na EDP; ninguém lhe dizia não. Ele era o líder do dinheiro em Portugal. Iam-lhe tirar o tapete? Chamou Portas. Curvou-se em desespero perante Maria Luís Albuquerque, a ministra das Finanças, pedindo-lhe salvação via Caixa Geral de Depósitos ou o dinheiro da *troika* que sempre recusara. Tudo inútil. Passos Coelho assistia, comentava, mas não agia. O mercado a funcionar.

E assim, no ido 3 de agosto de 2014, o governador Carlos Costa sentencia o BES, depois de descobrir, semanas antes, que Salgado fez desaparecer (ou não evitou fazer desaparecer) 5,7 mil milhões de dólares do BES Angola, postos à guarda do seu ex-pupilo favorito, dr. Sobrinho. Eram 5 *Bis* (de biliões), como ele gostava de dizer, a juntar aos outros 5 *Bis* do buraco negro do GES. 10 *Bis*, assim, pela rama. Fora o incalculável que se perdeu em vendas ao desbarato no Novo Banco e no património GES por mais de 50 países.

E assim chegamos ao novo juiz

Foi, portanto, aos correntes dias de setembro de 2022 o jovem juiz Pedro Correia chamado para julgar o mais complexo caso da história da Justiça Portuguesa, e, para isso, pedem-lhe que leia já 545 páginas por dia x 20 dias, só da Acusação, além dos 186 apensos volumes correspondentes a toneladas de papel. Pois, digo-lhe: não se mace. É simples. O dr. Salgado já não vai a jogo. Para condenar alguém, há o braço direito dele, o dr. Morais Pires. Nunca saberemos se tinha a sagacidade de um Rothschild ou um *rotweiller*. Condenar este, e mais uns trocos, disfarça isto tudo.

Perdemos o principal grupo financeiro, a PT e mil outras coisas mais. Quem acredita no oráculo do Camões, medita. "Ó mar Salgado, quanto do teu sal, são lágrimas de Portugal." A História de Portugal estava escrita. Aquele país morreu ali. Oremos.

Jornalista

O famoso questionário Proust respondido pelo CEO da Viasil **Paulo Portela**

“Gostava que a água deixasse de ser um bem escasso e estivesse disponível para todos”

A sua virtude preferida?
Frontalidade, sem dúvida, por muito que às vezes possa doer.

A qualidade que mais aprecia num homem?
A lealdade.

A qualidade que mais aprecia numa mulher?
Discreta.

O que aprecia mais nos seus amigos?
Sinceridade.

O seu principal defeito?
Pouco tolerante com a falta de lealdade e com a mentira.

A sua ocupação preferida?
Além do trabalho, provas de vinhos.

Qual é a sua ideia de “felicidade perfeita”?
Ser feliz ao fazer os outros felizes.

Um desgosto?
A perda de alguém muito querido.

O que é que gostaria de ser?
O que sou.

Em que país gostaria de viver?
Para além de Portugal, a Noruega, pela forma como se organizam.

A cor preferida?
Azul.

A flor de que gosta?
Rosa.

O pássaro que prefere?
Canário, não fosse o meu pai criador de canários.

O autor preferido em prosa?
Camilo Lourenço.

Poetas preferidos?
Manuel Alegre.

D.R.

O seu herói da ficção?
Sylvester Stallone.

Heroínas favoritas na ficção?
Simone de Oliveira.

Os heróis da vida real?
Rui Nabeiro, enquanto empresário. Todos os colaboradores que trabalham comigo e que se dedicam de corpo de alma e que fazem das empresas o que elas são.

As heroínas históricas?
Margaret Thatcher.

Os pintores preferidos?
Amadeo de Souza Cardoso.

Compositores preferidos?
Rui Veloso.

Os seus nomes preferidos?
José e Maria.

O que detesta acima de tudo?
Hipocrisia.

A personagem histórica que mais despreza?
Hitler.

O feito militar que mais admira?
Libertação do Iraque.

O dom da natureza que gostaria de ter?
A água deixar de ser bem escasso e estar disponível para todos de igual modo.

Como gostaria de morrer?
Rapidamente.

Estado de espírito atual?
Sempre a sonhar sonhos concretizáveis.

Os erros que lhe inspiram maior indulgência?
Todos aqueles que são assumidos por quem os comete, desde que assumam as responsabilidades.

A sua divisa?
Fazer sempre diferente, mais e melhor.

PUBLICIDADE

STARTUPS

O **Global Media Group** e a **EDP**, em parceria com a **Brisa**, a **Fidelidade**, o **Lidl**, a **Câmara Municipal de Cascais** e a **Câmara Municipal de Lisboa**, apresentam o Portugal Mobi Summit, uma das iniciativas de referência no debate dos temas de mobilidade sustentável.

O palco da **Grande Cimeira** também irá receber as ideias mais inovadoras nestas áreas com um espaço reservado a *pitches* de *startups* nacionais e internacionais selecionadas. Quem sabe se um deles não pode ser o seu?

INSCREVA JÁ A SUA PROPOSTA E PARTICIPE

portugalms.com

ORGANIZAÇÃO:

AUTOMOTIVE PARTNER:

MOBILITY PARTNER:

KNOWLEDGE PARTNER:

TECHNOLOGICAL PARTNER:

Indústria da carne antecipa aumento de preços entre 15 a 20 % nos próximos meses

INFLAÇÃO Agravamento dos custos de produção está a levar à diminuição do número de animais criados para alimentação humana. A Associação Portuguesa dos Industriais de Carnes prevê que o consumo diminua entre 10 a 15%.

TEXTO **MÓNICA COSTA**

O preço da carne poderá subir entre 15 a 20% até fevereiro do próximo ano. A previsão – e o alerta – é da Associação Portuguesa dos Industriais de Carnes (APIC), que adianta que a instabilidade do mercado e, em especial o preço dos cereais, estão a conduzir a uma diminuição do número de animais para consumo. "As próximas semanas serão determinantes para percebermos qual vai ser a reação do mercado à falta de animais e ao facto de estarem muito leves", diz ao *DN/Dinheiro Vivo* a diretora executiva da associação, Graça Mariano.

As razões que impactam nesta subida de preços são sobejamente conhecidas – aumento do preço das matérias-primas, dos aditivos, dos materiais de embalagem, do transporte e da eletricidade e gás, o que leva os produtores a reduzirem a criação animal por não ser rentável –, mas agora acrescenta-se a valorização do dólar, que está a levar a China a voltar a comprar carne na Europa, expõe Graça Mariano.

SÉRGIO FREITAS / GLOBAL IMAGENS

As empresas do setor da carne dizem que estão com "margens residuais" e que pode haver falhas no mercado com a redução da produção.

No mesmo sentido, e agora que o turismo abrandou e o custo de vida aumentou de forma significativa, a expectativa da APIC é que "haja um decréscimo acentuado do consumo, a rondar os 10 a 15%, o que reflete as enormes dificuldades que o setor irá atravessar no curto prazo".

Presentemente, a diminuição do cabaz de compras já é notória, com os consumidores a optarem por adquirir produtos mais económicos. "Existe uma queda de 1% do consumo de produtos à base de carne", afirma Graça Mariano, citando os dados da Nielsen (empresa de análise de dados de consumo), acumulados até agosto.

Sem especificar, em termos de valor, o impacto que a crise terá no setor, a diretora executiva da APIC garante que "ao nível de rentabilidade, o que podemos afirmar com toda a certeza é que as empresas estão neste momento com margens residuais".

Risco de falências

Situação que leva ao risco de falência das empresas, adverte, por seu turno, o secretário-geral da Federação Portuguesa de Associações de Suinicultores (FPAS), João Bastos.

Só na área da suinicultura a estimativa é que, no final deste ano, o prejuízo ronde os 100 milhões de euros. Embora a federação não registe, para já, uma quebra de consumo (de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística, nos primeiros sete meses deste ano foram consumidas cerca de 262 toneladas de carne de porco, contra as 253 do mesmo período em 2021), o secretário-geral da FPAS frisa que a diminuição da procura é global e generalizada.

Quanto a aumentos de preços, João Bastos diz que, neste momento, a previsão é que a carne de porco tenha atingido o seu valor máximo anual. E, embora a oferta e a procura deste alimento estejam equilibradas, a oscilação dos custos de produção, como a alimentação animal e os serviços energéticos continuam a ser uma incógnita. "A produção e a indústria têm suportado grande parte do aumento dos custos de produção, não repercutindo no consumidor os incomportáveis aumentos de bens como o gás, que aumentou 500%, ou a alimentação animal que aumentou 80%", sublinha, lembrando que, no caso da suinicultura, "40% das matérias-primas utilizadas na alimentação animal em Portugal têm origem na Ucrânia".

João Bastos lembrou o recurso à reserva de crises, que resultou num apoio direto, por parte do ministério da Agricultura aos suinicultores, de um montante total de 5,5 milhões de euros. "Uma medida importante, mas, como facilmente se percebe face aos prejuízos acumulados no setor, claramente insuficiente para salvar milhares de empresas, a maioria familiares, em risco de falência", alerta

> *"A produção e a indústria têm suportado grande parte dos aumentos dos custos de produção, não repercutindo no consumidor os incomportáveis aumentos de bens."*
>
> **João Bastos**
> Secretário-geral da FPAS

Um aviso que a Associação dos Criadores de Bovinos da Raça Alentejana (ACBRA) também faz. "A produção não consegue refletir nos preços de venda da carne as subidas sofridas nos fatores de produção, baixando assim a rentabilidade das explorações", afirma Luís Miguel Bagulho, o presidente da associação. E, embora no que à carne de bovino alentejana diz respeito, a ACBRA não tenha quebras significativas no seu consumo, até agora, Luís Bagulho não deixa de ressalvar: "Com os aumentos expectáveis de energia, cereais e adubos é possível que esta situação se venha a alterar, agravando ainda mais os preços da carne ao consumidor". O que poderá levar o consumidor a mudar os seus hábitos alimentares e substituir a carne de bovino "por outras mais baratas".

Embora seja de opinião contrária, relativamente à mudança dos hábitos alimentares por parte dos portugueses, Marianela Lourenço, da Federação Nacional das Associações dos Comerciantes de Carnes (FNACC), tende a concordar com os impactos da crise no setor. "Iremos sentir progressivamente falhas no mercado, à medida que a produção for reduzindo", alerta, estimando que o setor tenha prejuízos na ordem dos 20%, devido à inflação, e aos preços das rações, energia e combustíveis.

A diretora executiva da APIC reforça a afirmação da representante da FNACC. "O custo de produção não consegue ser refletido no custo do produto final, face à crise do mercado e à necessidade das grandes superfícies serem cada vez mais competitivas e fazerem uma pressão enorme aos fornecedores de carne", refere Graça Mariano, que avisa também para a possibilidade de as empresas mais pequenas poderem abrir falência. "A procura de produtos mais baratos e, consequentemente, de menor qualidade, leva à desvalorização da cadeia alimentar e dos setores primário e secundário", considera.

monica.costa@dinheirovivo.pt

35 empresas portuguesas do setor do couro, acessórios e componentes para calçado foram a Milão.

Feira de curtumes e componentes para calçado foi um sucesso, mas setor teme crise de procura

INDÚSTRIA Empresas satisfeitas com a afluência "maior do que o habitual" à Lineapelle e, sobretudo, com o regresso dos compradores asiáticos, pela primeira vez desde o início da pandemia.

TEXTO **ILÍDIA PINTO***, EM MILÃO

Numa altura em que se avolumam as preocupações com as nuvens no horizonte causadas pela guerra na Ucrânia e os seus efeitos ao nível da inflação, as empresas de curtumes e componentes regressaram de Milão satisfeitas, onde participaram na Lineapelle. O regresso dos clientes asiáticos e uma afluência de visitantes "maior do que o habitual" veio dar novo ânimo ao setor, que opera a montante da indústria do calçado e dela depende para o seu sucesso.

Foram 35 as empresas portuguesas que estiveram na Lineapelle, a mais importante feira internacional de couro, acessórios e componentes para calçado. A Multicouro, de São João da Madeira, foi uma delas, com Rudolfo Andrade a salientar que o negócio "está muito bom" e que, graças a novos clientes e ao aumento de vendas, a faturação da empresa está já cerca de 20% acima do período pré-pandemia.

No entanto, o aumento da inflação e a consequente quebra dos rendimentos das famílias são motivo de "apreensão" para este responsável, já que 95% das vendas da Multicouro se destinam a abastecer empresas de calçado. "O balanço da feira é muito positivo, em especial pelo retorno de alguns clientes que já não vinham desde fevereiro de 2020, como é o caso dos clientes asiáticos. Até ao momento ainda não se notou quebra na procura ou no interesse em ver coleções novas, mas o tema principal de conversa é a instabilidade, a guerra, a quebra do poder de compra e o que isso pode influenciar a procura no curto prazo", diz.

Pedro Castro, CEO da Aloft, empresa de Vila do Conde especializada na produção de solas para calçado técnico, partilha do sentimento positivo. "A opinião geral é que já pareceu uma daquelas feiras à moda antiga. Houve muita gente a aparecer e a discutir as encomendas. Claro que há algum receio das nuvens que aí vêm, mas o que vi, no regresso ao aeroporto, é que vinha tudo de sorriso na cara, sinal de que o *mood* geral estava bastante positivo", diz.

No caso da Aloft, e precisamente porque se especializou em solas técnicas, muitas das quais sujeitas a exigentes certificações, o seu modelo de negócio não é tão imediato, são contratos a longo prazo, que podem chegar a dez ou 15 anos. O que torna a empresa substancialmente mais imune à conjuntura mais imediata. Mas mesmo assim, a presença na feira foi proveitosa. "Conseguimos concretizar temas que andavam há muito para serem terminados, o que só prova que o físico é sempre o físico", garante.

Para a Aloft, 2021 foi um "ano excecional" com 11 milhões de euros de vendas, e este promete bater esse recorde, com um crescimento esperado da ordem dos 10%. Mas Pedro Castro admite que começam a surgir alguns sinais preocupantes. "Com receio de falha nas matérias-primas ou na capacidade de produção, muitos clientes assumiram níveis de *stocks* intermédios superiores ao normal, o que gerou uma tempestade perfeita. Muitos clientes estavam com modelos de previsões com crescimento inflacionados e estão, agora, a revê-los e a ajustar a procura", explica o empresário. Que aponta para uma estabilização em 2023.

Regresso das marcas

"Acho que não vamos ter retração. Portugal afirmou-se, neste período, com muitos clientes alemães e franceses, que há 15 anos tinham ido para o Magrebe e para a Ásia e já nem sabiam onde Portugal ficava, a regressarem. E Portugal geriu muito bem essa procura de grandes marcas como a Geox ou a Timberland, já que mantivemos as relações firmes com aqueles clientes que já cá estavam e obrigamos os novos a estabelecerem um plano a dois ou três anos. O excesso de procura permitiu-nos impor regras e organizar melhor a nossa capacidade de produtiva", defende Pedro Castro. Que acredita que, graças ao "saber fazer e à agregação de valor" que a indústria hoje consegue aportar, esses clientes "já não se conseguem ir embora tão facilmente".

Com um crescimento de vendas, em 2022, na ordem dos 30%, fruto da entrada em novos mercados, como a Austrália, Itália ou Canadá, a Atlanta, de Felgueiras, tem encomendas garantidas que já só vai conseguir entregar em janeiro do próximo ano. A procura crescente por produtos "mais complexos" e de preço médio-alto é uma mais-valia num segmento de negócios em que a energia tem um peso substancial na produção. A empresa, que trabalha 24 horas por dia, colocou painéis solares, num investimento de meio milhão de euros, sendo que pretende "oferecer gratuitamente à comunidade em redor a energia que não consome ao fim de semana", pretensão que não foi atendida. "É um contrassenso deitar energia fora", lamenta Paulo Ribeiro. Que está, ainda, a investir cerca de três milhões de euros na renovação de alguns dos seus equipamentos mais antigos.

Sobre a Lineapelle, o responsável da Atlanta faz um "balanço muito positivo" da presença na feira. "Excedeu as nossas expectativas. Assinalamos uma afluência de visitantes maior que o habitual. Foi uma excelente oportunidade para fazermos novos contactos comerciais, darmos a conhecer os nossos produtos, em permanente adaptação, inovadores e cada vez mais sustentáveis, para percebermos melhor tendências de mercado e preocupações dos visitantes", diz Paulo Ribeiro. Que acredita que o ambiente dinâmico do certame "traduziu também a boa fase que atravessa o setor do calçado, com muitos negócios, boas produções, bom produto e grande volume de exportações".

O impacto da inflação preocupa também a Associação Portuguesa dos Industriais de Curtumes, dado o seu efeito no rendimento das famílias. "Ao contrário do que se passou na pandemia, em que as pessoas conseguiram manter sensivelmente os rendimentos com as medidas de *lay-off*, agora o rendimento está a ser corroído pela inflação", refere Gonçalo Santos, admitindo que a indústria teme "uma crise de procura, porque as pessoas não terão rendimento suficiente" para canalizar para bens não essenciais como o calçado ou a marroquinaria, os principais clientes do setor dos curtumes.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

**A jornalista viajou a convite da APICCAPS – Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e seus Sucedâneos*

Ana Marta Gonçalves foi a coordenadora deste projeto da Universidade de Coimbra.

Investigadores preparam refeições à base de algas da Figueira da Foz

BUARCOS Ana Marta Gonçalves, investigadora da Universidade de Coimbra, revelou que o projeto ontem concluído foi desenvolvido durante três anos e começou com a colheita de algas na Praia da Tramagueira. Delas se fazem sopas, pratos salgados e até sobremesas.

Algas existentes nos penedos da Praia da Tamargueira, em Buarcos, na Figueira da Foz, estão na base de um projeto, concluído ontem, que inclui sopas, pratos salgados e sobremesas, coordenado por Ana Marta Gonçalves, investigadora da Universidade de Coimbra (UC).

A iniciativa, intitulada "*MENU – O projeto que oferece refeições nutritivas e saudáveis com macroalgas da costa portuguesa*", decorreu durante três anos e passou por diversas fases, desde a colheita de exemplares juvenis de algas nos baixios de Buarcos, passando pelo seu desenvolvimento controlado em laboratório, até ao crescimento em aquacultura para chegarem às quantidades necessárias à produção das refeições.

"Durante todos estas fases, desde a recolha, ao cultivo, até ao produto final, analisámos toda a composição nutricional das algas, para termos a certeza de que, realmente, ao longo do processo, não há perda desse valor nutricional", disse Ana Marta Gonçalves à Agência Lusa.

De acordo com informação disponibilizada pela equipa de investigação – que envolveu o Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE), do Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) e o laboratório Marefoz, que lhe está associado, para além da parceria com a Universidade de Aveiro, a aquacultura Lusalgae e a centenária empresa de produção de arroz Ernesto Morgado – foram selecionados dez tipos de macroalgas e produzidas outras tantas variedades de refeições, doces e salgadas.

O menu resultante do projeto inclui as algas em pratos como arroz integral e arroz de tomate, uma sopa em versão creme, frango com molho de tomate ou com cogumelos, pescada em molho de algas, pudins (de baunilha, chocolate ou amêndoa), gelatinas de framboesa e morango, mousses de chocolate e de baunilha, e arroz-doce.

Questionada sobre a possibilidade de ser considerado um sacrilégio a junção de algas ao arroz-doce português, Ana Marta Gonçalves destacou o "cuidado" da equipa de desenvolvimento em não incluir nas novas receitas os ingredientes habitualmente usados no arroz-doce dito tradicional. "Nem no pudim ou na gelatina", notou a investigadora.

Deste projeto resultou um menu que até tem pudins e arroz-doce.

Os ingredientes utilizados, para além do arroz, são, para já, reservados, dado estar a decorrer um processo de patentes das novas refeições e, por isso, não poderem ser divulgados. "Chamamos pudim e mousse, porque têm realmente esse sabor e essa consistência e queremos estar próximos desses produtos. Mas temos o cuidado de identificar os ingredientes em que o principal são as macroalgas, que usamos como um todo, para poder ir buscar as propriedades que as algas têm, mas são ingredientes completamente diferentes daqueles que se usam normalmente, para que as refeições possam também chegar a um consumidor vegan ou uma pessoa que possa ter problemas de diabetes", observou Ana Marta Gonçalves. Acrescentou ainda que os doces "não levam açúcar refinado" e que os investigadores não quiseram usar muitos ingredientes, também para não encarecer o produto final, que, esperam, venha a ser desenvolvido e comercializado por empresas para poder chegar ao consumidor final, já tendo existido contactos nesse sentido.

Sem sabor a alga ou maresia

Quanto ao sabor, as refeições à base de algas "tem o sabor de uma mousse, um pudim, uma gelatina ou o arroz-doce", garantiu. "As pessoas, quando vão provar, têm sempre a expectativa de que vai saber a alga ou ter sabor de maresia, mas depois ficam admiradas porque não tem", frisou a investigadora.

Ana Marta Gonçalves admitiu uma preferência pessoal pela mousse de chocolate e pelas gelatinas, ressalvando, no entanto, gostar de "todas" as refeições. "São todas bastante interessantes e gosto do sabor final de todas elas, são todas muito boas", enfatizou.

Ao longo dos três anos que durou o projeto – concluído ontem com um evento final de apresentação de resultados e degustação das refeições, na Figueira da Foz – houve vários momentos de contacto do público com os pratos em desenvolvimento, nomeadamente em escolas de todo o país, numa iniciativa lançada o ano passado por ocasião do Dia Mundial da Alimentação, que se celebra em outubro, mas que acabou por se estender por quase oito meses.

Os destinatários foram alunos do Ensino Básico e Secundário (dos 5.º ao 12.º anos de escolaridade) e Ana Marta Gonçalves destacou a "enorme recetividade" que os investigadores encontraram nas escolas. "Ter estudantes que dizem que gostariam de ter estes produtos nas cantinas da sua escola mostram que estão abertos e recetivos e que gostaram da degustação que fizeram", afirmou.

Para além das refeições, o projeto *MENU* produziu uma película de proteção de alimentos à base de algas, de modo que estes possam estar mais tempo em prateleiras de superfícies comerciais.

Este produto suscitou o interesse de uma empresa portuguesa de queijos localizada em Esposende, distrito de Braga, revelou Ana Marta Gonçalves. "Estas películas não dão sabor, nem cheiro e não alteram qualquer propriedade do queijo. E, sendo à base de macroalgas, é um produto natural que, depois, pode ser consumido diretamente com o queijo, neste caso, o produto que está a revestir", explicou a investigadora da FCTUC. **DN/LUSA**

Gilmar Mendes
"Apoiantes de Bolsonaro dizem que o Supremo é oposição. Nada disso"

BRASIL Nomeado por Fernando Henrique Cardoso em 2002, Gilmar Mendes é o decano do Supremo Tribunal Federal e foi seu presidente na era Lula. Atacado pelo atual chefe do Estado, e recandidato no dia 2, o magistrado minimiza a capacidade de Bolsonaro de pôr em causa sistema democrático, garante que voto eletrónico é eficaz e reivindica ação acertada no combate à covid.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA** FOTOGRAFIA **DIANA QUINTELA/GLOBAL IMAGENS**

O Brasil acabou de celebrar 200 anos. Apesar de todas as críticas que os próprios brasileiros fazem ao seu país, apesar também de alguns problemas de imagem que o Brasil tem ocasionalmente, são 200 anos que valem a pena celebrar, é um grande país que foi construído?
Sim, nós estamos a falar da que é hoje a oitava ou nona economia do mundo, que lidera em várias áreas, não só no setor do negócio agrícola, como é uma nação industrial que resolveu bem o encaminhamento institucional. São mais de 30 anos de Constituição dentro de um regime democrático – é uma das maiores democracias do mundo. Tem os problemas que todos nós conhecemos, as assimetrias, a desigualdade, mas é aquela coisa de olharmos o copo meio cheio ou meio vazio. Acho que o Brasil é muito efetivo em muitas áreas e também tem imensas potencialidades. Claro que precisamos de fazer corrigendas institucionais e nós estamos abertos a isso, já fizemos várias emendas constitucionais ao longo desse tempo. Temos graves problemas, por exemplo, na área político-eleitoral e isso tem vindo a ser corrigido. Para termos uma ideia, houve um dado momento no Parlamento brasileiro em que tínhamos 32 partidos representados, o que leva a uma imensa dificuldade de governabilidade. Isso tem sido reduzido e calcula-se que nas próximas eleições, devido às cláusulas de barreira e outras exigências chegaremos a 12, o que, para nós, já vai ser um imenso progresso e significa também que as reformas estão em andamento.

Estando a caminho de umas eleições, considera que esta proliferação de partidos no Brasil, muitas vezes atingindo as duas dezenas, e até as três como referiu, fragmenta de tal forma o espaço parlamentar que dificulta a governação?
Com certeza. Isso é um grande problema, que levou àquilo a que o famoso cientista brasileiro Sérgio Abranches chamou Presidencialismo de Coligação: independentemente do resultado das eleições, o partido do presidente da república conseguia no máximo 100 assentos em 513 no Parlamento da Câmara Baixa. Isso significa que no dia seguinte às eleições começavam as negociações para fazer uma ampla coligação, às vezes até de contrários.

Nunca era possível fazer uma coligação com coerência ideológica?
Não era possível. É claro que nesses partidos havia muitos partidos "amorfos", do ponto de vista ideológico, que constituíam grandes bancadas e aí se fazia a divisão de ministérios, que era a forma de construir essa maioria. Com um dado importante: o presidente muitas vezes não precisava de construir apenas uma maioria absoluta, ele tinha de apontar, devido à necessidade de reformas e da pormenorização do texto constitucional, para aquilo a que chamamos a maioria constitucional, que significa atingir os 3/5 de votos. Isso, para fazer as reformas que fizemos ao longo dos tempos, por exemplo, a previdência social, sobre a qual votámos mais de quatro emendas, a reforma administrativa. Em suma, o presidente precisava de negociar a maioria para ter 3/5 nas câmaras do Congresso.

> *"Eu considero, com justiça, que Fernando Henrique é um pouco o pai dessa nova república brasileira, até mesmo em termos de civilização. Havia umas relações muito cordiais com todas as forças, fossem da oposição ou da situação."*

Quando fala em negociar, há uma fama que se agarra muito à política brasileira que é a da corrupção. Não vou falar de casos particulares, mas há um célebre, o chamado *Mensalão*. Aí era claramente um pagamento que era feito para garantir lealdades para se poder governar?
Aparentemente o PT quis romper, até talvez devido a uma mentalidade de hegemónica, com aquela ideia, que já era antiga, da distribuição de ministérios aos apoiantes e tentou então alimentar as bancadas com um tipo de subsídios do género 'vocês não têm ministério, mas vão ter um subsídio para as campanhas ou para manter a máquina partidária'. Só que isto leva a problemas, desde a origem do dinheiro, à maneira de fazer essa distribuição… A partir daí começam a surgir todos os problemas conhecidos que levam a esse processo que foi julgado no Supremo Tribunal Federal.

O senhor foi nomeado ainda no tempo do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), o qual é muitas vezes referido, neste Brasil muito polarizado, como o último presidente que conseguiu ter aquela *gravitas* institucional. Qual é a sua memória de FHC como presidente?
É extremamente positiva. Li uma entrevista do Armínio Fraga, que foi presidente do Banco Central [do Brasil] num daqueles momentos graves, em que ele dizia que, considerando os tempos mais recentes, parece que vivemos naquele momento um hiato, uma exceção, tendo em conta os debates racionais, a tentativa de fazer uma construção responsável. Foi quando se aprovou, por exemplo, a Lei do Combate à Inflação e se criaram as bases para a estabilidade financeira, a Lei da Responsabilidade Orçamental para evitar que houvesse esse festival, que havia no passado, de bancos estaduais que faziam emissões, o que gerava uma série de problemas. É nessa altura que se constrói, nesta fase mais recente, o Brasil moderno. Se temos alguma estabilidade hoje no Brasil, se temos moeda, é graças a esse período. Tomam-se providências também na área militar, um tema muito sensível para nós desde a república; cria-se o Ministério da Defesa, conjugando as três forças – Exército, Marinha e Aeronáutica, que fica inicialmente sob o comando de um civil. Em suma, pensam-se várias coisas e também, embora depois se atribua muito, e talvez com alguma justiça, ao PT a criação da chamada Bolsa Família, é no governo de Fernando Henrique que se iniciam essas medidas. A ideia do estímulo às pessoas de baixos rendimentos; a ideia até de um tipo de contraprestação – incentivos àqueles pais que mandavam filhos à escola… Depois, isso consolida-se no governo de Lula. Dentro das limitações fez-se muita coisa. Eu considero, com justiça, que Fernando Henrique é um pouco o pai dessa nova república brasileira, até mesmo em termos de civilização. Havia umas relações muito cordiais com todas as forças, fossem da oposição ou da situação.

Acha que esse legado de Fernando Henrique Cardoso, que muitas vezes é referido – até quando se fala dos anos de Lula como presidente se diz que as bases foram lançadas por ele –, lhe dá hoje em dia uma voz que os brasileiros ouvem, ou seja, se ele indicar uma preferência por um candidato presidencial pode fazer a diferença ou já não tem influência?
Acho que tem influência, sim, dentro de um grupo intelectual, e acho que ele sofreu um pouco o défice da estrutura do seu próprio partido. O PSDB era um partido de quadros, não era um partido de massas, ao contrário do partido do presidente Lula, o PT. Tenho mesmo a convicção de que o partido não soube fazer a defesa do seu legado, por exemplo, as privatizações. Basta ver que um dos candidatos da associação, o do

PSDB, hoje candidato a vice do presidente Lula, Geraldo Alckmin, a um dado momento veste a camisola do Banco do Brasil dizendo que não seria privatizado ou coisa do género, como se fosse uma crítica aos trabalhos anteriores. Na verdade, se o Brasil se modernizou com a privatização de grandes empresas – toda a área de telecomunicações –, as bases jurídicas foram criadas no governo de Fernando Henrique Cardoso, mas o partido não soube defender esse legado e, de alguma forma, até se mostrava envergonhado. Isso talvez tenha que ver com a oposição massiva que o PT fazia, representando sindicatos, e também talvez com as dissidências internas. É possível que isso explique um pouco esse esquecimento do Fernando Henrique Cardoso, o que é uma pena até para o nosso processo civilizacional. Embora ele tenha mantido muita influência, sobretudo em São Paulo, onde vive, no PSDB. Até hoje, o PSDB nunca deixou de governar São Paulo, o que significa um pouco mais de um terço da nossa economia.

O senhor apanhou a chegada de Lula à presidência em 2003, à quarta tentativa. Lula ficou depois com a marca de ter transformado o Brasil. Lembro-me, inclusivamente, que no último ano como presidente, o Brasil cresceu acima de 7%. Na altura, Lula era acarinhado tanto pelo americano Barack Obama, como pela China e pela Rússia. Como explica que a política brasileira dos últimos anos se tenha transformado quase numa luta entre os pró-Lula e pró-PT e os anti-Lula e anti-PT, nesta clivagem extrema?

O governo de Lula tem méritos inegáveis, diferentemente até do governo de Fernando Henrique Cardoso, que enfrentou sucessivas crises internacionais – no segundo governo tivemos inclusivamente uma crise cambial seriíssima, afetada pela crise mundial. O segundo governo é marcado por sucessivas crises, mas eu acho que não teve problemas maiores graças ao prestígio de Fernando Henrique no plano internacional, que teve o aval explícito de Clinton junto do FMI. Na transição, Fernando Henrique faz uma coisa muito organizada e Lula recebe e prossegue na política de responsabilidade orçamental, de *superavit* primário.

Até surpreende porque se esperava um governo mais à esquerda...

Exatamente. Ele não faz populismo. Ao mesmo tempo, ele vai ser beneficiado pelo *boom* das matérias-primas e, obviamente, o Brasil vai então desenvolver-se e ele vai ter recursos para isso. Lula faz, de facto, boas políticas na área social, na área de infraestruturas e na área internacional. Faz com que as empresas brasileiras – uma parte disto vai aparecer depois no contexto de acusações de corrupção – se internacionalizem na América Latina, mas também aqui na Europa e noutros lugares. Vamos ver empresas brasileiras a construírem o aeroporto de Miami… Em suma, ele faz um trabalho bastante interessante nesse contexto e sai com uma aprovação de 80%. Talvez tenha cometido um grave erro, também devido às circunstâncias existentes – naquele momento, o PT já tinha sido atingido pelo *Mensalão*, o que fez com que candidatos naturais à sucessão já tivessem sido eliminados, como José Dirceu, e ele escolhe Dilma Rousseff como candidata. Claro que era quase uma nomeação, tendo em vista o poder que ele detinha com uma taxa de aprovação de 80%. Ela foi eleita como se fosse "a Mulher do Lula".

Dilma Roussef, que acaba por sofrer um processo de *impeachment*, já é eleita fragilizada, é isso?

Não. No primeiro mandato ela é eleita com grande facilidade, embora tenha enfrentado um candidato forte que era José Serra, ex-governador de São Paulo, mas vinha com o estímulo Lula muito forte. Estímulo que ele avaliou como tendo o potencial para ter grande influência no governo. Só que Dilma era uma figura que vinha de um passado de luta armada, que acreditava muito na presença do Estado e que passa a ter uma atuação muito dirigista, além de ter outras condições na economia. No final do seu primeiro mandato tivemos as manifestações de 2013, todas as crises, com os episódios do Campeonato do Mundo, as pessoas as protestarem e o governo já não ia bem. Ela também tinha dificuldade em dialogar com o Congresso Nacional porque tinha um perfil muito mais autoritário. Se olharmos para o Brasil em termos da estabilidade institucional, é curioso que, até à Dilma, quatro presidentes foram eleitos e só dois terminaram o mandato, os outros dois sofreram *impeachment*.

Só Fernando Henrique Cardoso e Lula é que terminaram...

Pois. Os outros dois sofreram *impeachment* – Collor e Dilma. Se analisarmos, de uma maneira talvez muito simplista, os dois que sofreram *impeachment*, além dos problemas que havia, não conseguiram encontrar uma equação para lidar com o Congresso Nacional. Dilma dialogava mal com o Congresso Nacional, mas também já tinha a popularidade muito baixa no segundo mandato devido à crise económica. Ela tentou resolver problemas de economia por decreto – fazendo com que baixasse o preço da luz, etc. –, mas, como sabemos, isso acaba por correr mal, mas ela tinha essa visão de um modelo dirigista, intervencionista, que não correu bem. Ela tentava lutar com os números, no âmbito do próprio Tesouro.

Há um momento a seguir ao *impeachment* em que, para quem está a observar de fora, parece que a política brasileira fica refém de juízes, de processos judiciais, e que isso cria todo aquele ambiente – inclusive com a prisão de Lula – que leva às eleições de 2018 e à vitória de Jair Bolsonaro e que faz com que não haja uma terceira via, ou se é pelo PT ou por Bolsonaro. Juízes muito ativos, como Sergio Moro, influenciaram a política brasileira?

Certamente. Mas isso eu acho que tem que ver com todos aqueles escândalos que aconteceram e que começam a ser investigados, como o próprio modelo de financiamento. Após o *Mensalão* aparece então a denúncia sobre o chamado *Petrolão*, que é uso das diretorias da Petrobrás para financiar certos partidos políticos. Depois começa a discutir-se também, e isso atinge praticamente todo o sistema político, um modelo de financiamento, mas isso acontece num momento de questionamento do sistema político e de grande insatisfação popular. Eu acho que o próprio aparelho judicial percebe que havia essa debilidade e se organiza em torno disso. Obviamente, passa a fazer investigações e passa a constranger o próprio sistema político. É curioso que a instrumentação que passa a ser usada para as chamadas colaborações ou delações premiadas é criada no governo de Dilma com a ajuda do ministro Cardozo e, possivelmente, do ministro Mercadante. Dilma, com uma necessidade talvez até psicológica, quis distanciar-se do governo Lula e enfatiza a ideia de combate à corrupção e consorcia-se de alguma forma com esse grupo. As delações premiadas vão surgir para o bem e para o mal. As pessoas podem passar a fazer com que empresários sejam presos, como foi o caso de Marcelo Odebrecht que ficou 24 meses preso… eu já disse que, em muitos casos, a prisão preventiva no Brasil foi usada como instrumento de tortura. Depois, essas coisas todas ficam evidentes quando Moro aceita colaborar no governo do presidente Bolsonaro. A mim parece-me que esse aparato judicial acabou por contribuir para a consolidação da negação da política tradicional e a vinda de uma terceira via, chamemos-lhe assim, uma alternativa, e quem conseguiu encarnar essa personagem no processo de eliminação foi Bolsonaro.

Quando se olha para Bolsonaro nestes quatro anos, é um presidente que verbalmente é muito polémico; é um presidente que está a ser acusado sistematicamente de elogiar a ditadura militar; fala-se sempre que o Brasil está em risco de deixar de ser uma democracia. Do seu ponto de vista, que tem de vigiar sobre essa democracia, com todos os excessos de Bolsonaro e goste-se ou não da figura, a democracia no Brasil nunca chegou a estar em causa?

Eu acho que não. O que é que nós vimos com Bolsonaro? Ele disse que não faria um presidencialismo de

> *"Se olharmos para o Brasil em termos da estabilidade institucional, é curioso que, até à Dilma, quatro presidentes foram eleitos e só dois terminaram o mandato, os outros dois sofreram* impeachment*".*

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

coligação, de divisão de poderes entre os partidos, porque isso deu no que deu, dizia ele. Disse que ia trabalhar então com as chamadas bancadas temáticas, que é também uma peculiaridade do modelo brasileiro.

Está a falar da bancada evangélica, da bancada do agro...?

Isso mesmo. Ao lado dos partidos que estão representados no Congresso Nacional formam-se blocos em defesa de interesses, e alguns muito grandes – há a bancada da saúde, da educação, do agro…

São transversais aos partidos?

São transversais aos partidos e, praticamente, encontram-se representantes em quase todos os partidos. Há a bancada evangélica, que é obviamente muito representativa… Bolsonaro aloca então os ministérios com esse critério. Começa então a aventura legislativa. O presidente Temer tinha deixado praticamente pronta uma reforma da previdência social e a reforma constitucional e isso precisava de ser votado e houve imensa dificuldade em aprová-la. A razão é bem percetível: a bancada temática é una no que diz respeito aos seus temas – a bancada da agricultura defende os interesses da agricultura –, mas quando se trata de votar, por exemplo, uma reforma como a da previdência, ela pode ter interesses contrapostos ao governo. Assim, ele começou a ter imensas dificuldades em aprovar projetos. É curioso que é um governo que se afirma forte, mas que talvez tenha sofrido as maiores derrotas no Congresso Nacional. Ele tem também um receio muito grande de um processo de *impeachment*.

Isso é algo que qualquer presidente brasileiro receia...

Sim, com os antecedentes históricos dos últimos 30 anos. E ele tinha na presidência da Câmara, que é quem pode deflagrar o processo de *impeachment*, alguém com quem não tinha o relacionamento mais harmonioso. Ele percebe que, em algum momento, será preciso mudar. Aí, ele dá uma guinada completa naquele discurso inicial e faz um presidencialismo de coligação, do mais confesso e explícito, entregando toda a base governamental ao chamado *centrão* – os poucos partidos que passam a dar-lhe sustentação. Portanto, faz uma guinada radical e, a partir daí, obviamente consegue eleger o presidente da Câmara que passa a ser o líder desse agrupamento e passa a ter mais tranquilidade nessa área. Muitos dos projetos passam também a ter maior velocidade. Ao mesmo tempo, isto é também um modelo de governança, chamemos-lhe assim, porque cresce a influência dessa bancada no que respeita, por exemplo, ao orçamento. O Congresso delibera sobre investimentos no valor de 35 mil milhões, portanto este grupo dominante é que o faz. Nesse sentido, o governo revela portanto grande debilidade.

Apesar de todas as alusões à ditadura, do facto de ter posto muitos militares no governo – e as Forças Armadas são a instituição mais prestigiada no Brasil, dizem as sondagens –, não se pode dizer que Bolsonaro pôs em algum momento em causa o funcionamento democrático?

Não, isso acho que não. Ele governou com o Congresso. Inicialmente, se fizermos uma retrospetiva, creio que ele tenta, em 2019, fazer o discurso tanto voltado para o Congresso como para o Supremo [Tribunal] – isso aparecia nas manifestações – com as expressões "Eu autorizo", "Eu delego", como se tivesse ganho uma eleição plebiscitária… voltava-se contra o Congresso, contra o Executivo e contra muitos militares que integravam, inclusivamente, o governo, mas isso não produziu efeito. O Congresso agiu com desenvoltura e aprovou o que tinha de aprovar. Também não provocou efeito no âmbito do poder judicial, especialmente do Supremo Tribunal Federal, mas tivemos várias manifestações em 2019, em frente ao Palácio do Planalto, onde havia esse discurso voltado para ambas as Câmaras.

"Há reclamações, sobretudo por parte do grupo de adeptos do presidente, de que nós somos demasiado intervencionistas, ou ativistas. Ora,estou certo de que o Tribunal cumpriu um papel difícil, mas extremamente meritório".

O Supremo Tribunal Federal conseguiu sempre manter-se firme?

Sim. Tivemos até um episódio que causou uma certa irritação e uma certa dificuldade de diálogo com a presidência, com o Executivo, que foi a pandemia em 2020. Em março de 2020 começa todo aquele quadro e o governo teve imensas dificuldades. Primeiro, o ministro que tinha sido indicado por ele, o médico Mandetta, um ex-deputado, começa a professar a cartilha da OMS – o isolamento social, cuidados, etc. – e isso era tudo o que Bolsonaro não queria. Aparentemente, ele apostava na imunidade de grupo e até disse que seria uma gripezinha, ou que alguns remédios poderiam surtir efeito e coisas do género. Aí demite o ministro e chama para o lugar um outro médico, Nelson Teich, que fica um mês; depois fala com um general para desempenhar a função, para fazer aquilo que ele queria, porque com médicos não conseguia. Começa então um debate, porque o nosso Sistema de Saúde tem uma divisão tripartida entre a União, os estados e os municípios. Aí começam os conflitos, porque os estados e os municípios começaram a reivindicar – enviaram para nós, para o Supremo Tribunal Federal – medidas que queriam implementar e que o governo federal estava a impedir isso. Bolsonaro fazia um tipo de teste com decretos que diziam: atividade de culto é essencial; atividade de manicure é essencial; atividade de casas de lotaria é essencial…

E condicionava tudo...

Condicionava, com a ideia de impedir os estados e os municípios de tomarem medidas de isolamento social. Essa matéria chegou ao Supremo e o Supremo afirmou que esta competência era compartida, pois é isso que está na Constituição. Aí o Supremo começa então a dizer que os estados e os municípios tinham competências, isso por uma razão até pragmática, porque nós tínhamos um quadro de contaminação das pessoas. Muitas dessas pessoas contaminadas precisavam de atendimento, às vezes simples, outras um atendimento hospitalar mais complexo e muita gente precisava de UCI. Assim, os estados viram-se às voltas com a necessidade de atuar e pediram ao Supremo, que confirmou isso. Essa foi uma das causas da irritação na relação.

Mas aí a decisão foi suprema?

Foi suprema. Simplesmente confirmou e facilitou uma série de medidas no que diz respeito ao orçamento. Eu mesmo participei nessas discussões para que houvesse mais flexibilidade orçamental. Era preciso que houvesse medidas e que os estados e municípios pudessem tomá-las. Quando não se tomam essas medidas, temos o quadro que se viu em Manaus onde chegou o momento em que faltou oxigénio. Foi inclusivamente uma grande derrota política do governo, pois precisámos de importar oxigénio da Venezuela, mas houve pessoas que morreram asfixiadas. Estou certo de que o Tribunal ajudou de uma maneira absolutamente correta do ponto de vista constitucional e político.

Com resultados práticos...

Certamente. Nós teríamos perdido muito mais do que 650 000, que já é um número muito alto, se não tivesse sido essa ação. Para concluir esse capítulo, no final aparecem as vacinas, tanto da iniciativa do Butantan como do governador Dória, como as vacinas que podiam ser importadas. Com muita perplexidade, o governo criou muitas dificuldades para assinar o contrato com a Pfizer, admito que por algum preconceito em relação à vacina. Quem determinou que houvesse Plano Nacional de Imunização e que este fosse implementado foi o Supremo Tribunal Federal.

Mostrou-se que apesar de o presidente ser eleito pelo voto popular e de ter uma personalidade como a de Bolsonaro, a Constituição foi cumprida e cada um fez o seu papel?

Sim. Claro que nesse contexto há reclamações, sobretudo por parte do grupo de adeptos do presidente, de que nós somos demasiado intervencionistas, ou ativistas, ou coisa do género. Ora, estou certo de que o Tribunal cumpriu um papel difícil, mas extremamente meritório.

Quando olha agora para as eleições que se aproximam, há também debates sobre o voto eletrónico. Até agora o voto eletrónico tem funcionado sem problemas no Brasil?

Sem problemas nenhuns. Eu fui presidente do Tribunal Eleitoral por duas vezes, e esse sistema tem vindo a ser continuamente aperfeiçoado. Se tínhamos problemas no passado, era exatamente pela falta do voto eletrónico – ocorriam fenómenos de abismo na contabilização e tudo isso deixou de acontecer. Bolsonaro já tinha feito um projeto-lei sobre o chamado voto impresso e o supremo Tribunal Federal considerou que perante as dificuldades, não se poderia fazer esse voto impresso.

Bolsonaro quase que propõe uma duplicação do voto?

Sim.

Não há possibilidade de acontecer?

Não, não vai acontecer. Na época, enquanto a lei esteve em vigor, nós chegámos até a preparar-nos para criar algumas urnas que pudessem também imprimir o voto. O problema de ter uma contabilidade paralela, considerando a dimensão do Brasil – estamos a falar de 5800 municípios – é que se coloca o resultado eletrónico e depois colocam-se esses papeluchos na mesa. Se um desses papéis desaparece… já aconteceu alguém engolir o voto, por exemplo. Portanto, havia muitas objeções em relação a isso e a lei não passou. Já agora, dentro do governo Bolsonaro, eles passaram uma emenda constitucional que obriga à existência do voto impresso e isso foi derrotado pelo Congresso.

Portanto, as eleições no Brasil vão ser com voto eletrónico?

Vão ser com voto eletrónico e não há nenhuma dificuldade em relação a isso. A questão foi muito politizada. Eu tenho a impressão de que isso está nessa agenda de encontrar inimigos do que se chama o Populismo Iliberal, o que serve para explicar, por exemplo, a inimizade com o Supremo Tribunal Federal. Muitos apoiantes de Bolsonaro dizem que o Supremo é o partido de oposição. Nada disso, pelo contrário. Em muitos casos, inclusivamente durante a pandemia, como a criação do orçamento de guerra, nós apoiámos, mas acho que isso faz parte dessa agenda, e agora o novo inimigo é a urna. Desta vez não é o Supremo, é o TSE [Tribunal Supremo Eleitoral]. Também há a circunstância eleitoral – as sondagens começam a indicar Bolsonaro com dificuldade em ganhar a eleição, então a discussão sobre a urna eletrónica também vem a calhar.

leonidio.ferreira@dn.pt

O "teatro do absurdo", protestos, prisões e os que já fogem da Rússia

UCRÂNIA "Cálculos" de Moscovo apontam para vitória do sim por 90% nos quatro referendos. Há relatos de que as pessoas são obrigadas a votar a favor sob ameaça de armas. Aumentam protestos contra mobilização. "UE deve acolher quem foge da Rússia", defende Charles Michel.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

O "teatro do absurdo" como Yuri Sobolevski, vice-presidente ucraniano do Conselho Regional de Kherson, intitula os referendos em Lugansk, Donetsk, Kherson e Zaporíjia [nenhuma destas regiões está inteiramente sob ocupação russa] é "muito difícil de impedir", até porque as "pessoas estão a ser obrigadas a votar" e nalguns casos "duas ou mais vezes".

Alexander Rodnyansky, assessor de Zelensky, declarou isso mesmo à BBC: as populações das "zonas ocupadas" são "ameaçadas" pelos militares e obrigadas a votar.

Yuri Sobolevski denuncia que as Comissões Eleitorais, acompanhadas por militares, vão porta a porta para obter os votos e que há casos onde um membro da família é obrigado a votar pelos restantes que não estiveram presentes.

O governador de Lugansk, Serhiy Haidai, afirmou no Telegram que em algumas localidades sob controlo russo as autoridades estão a contabilizar votos de eleitores que estão a lutar na frente de combate ou até que já morreram.

O presidente da autarquia de Enerhodar, na região de Zaporíjia, descreve situações semelhantes, enquanto, segundo o jornal da oposição russa *Astra*, na localidade de Vasilivka, na mesma província, algumas pessoas que marcaram a "opção errada foram detidas.

Segundo o líder da autoproclamada República de Donetsk, Denis Pushilin, a participação no primeiro dia de votação foi de 23,64%, enquanto na vizinha Lugansk foi de 21,97%. No sudeste, na região de Zaporíjia, a presidente da Comissão Eleitoral, Galina Katiush-chenko, disse que 20,5% dos votantes já participaram no Referendo de Anexação à Rússia. A participação na consulta na província de Kherson, no sul, foi de 15,3%, segundo a presidente do órgão eleitoral pró-russo, Marina Zakhrova.

As contas finais parecem estar já calculadas. Em Donetsk e Lugansk "aproximadamente 90% votará" a favor da anexação destas regiões, reconhecidas como independentes pelo Kremlin três dias antes da invasão Ucrânia, segundo fontes próximas da administração presidencial russa citadas pela imprensa internacional. Em Kherson e Zaporíjia, o resultado será também de cerca de 90%, com uma participação de 80%. A data para o processo de anexação está decidida: dia 29, quinta-feira.

Alexander Rodnyansky, assessor de Zelensky, afirma que o plano de Putin é muito evidente e que está vertido naquilo que é a "doutrina militar russa". Ao tentar declarar que Lugansk, Donetsk, Kherson e Zaporíjia são territórios russos por força dos referendos isso abre a "possibilidade do uso de armas de destruição em massa, armas nucleares, o que eles quiserem usar".

Basta um "qualquer ataque" porque é a "Rússia" que à luz dessa doutrina está a ser a atacada. "Eles", afirma Rodnyansky, "podem usar isso como pretexto. Eles podem fazer o que quiserem, de qualquer maneira. Eles estão a invadir um país sem motivo".

Joseph Borrell, chefe da diplomacia da União da Europeia, partilha desta leitura – "é um momento perigoso porque o exército russo foi encurralado" – e considera que não se pode ignorar as ameaças nucleares de Putin.

Alexander Baunov, analista russo, citado pela BBC, considera que uma "redefinição de fronteiras "provavelmente não deterá o exército ucraniano", mas – e é esta a "esperança do Kremlin", considera – provocará "hesitações nos países ocidentais" que provavelmente não "querem ter armas suas disparadas contra territórios que a Rússia declare como seus".

No plano diplomático, e aproveitando os protestos (quase mil pessoas foram já detidas) que estão a ocorrer na Rússia, em pelo menos 32 cidades, e a "fuga" de milhares para a Geórgia, Finlândia, Mongólia e Cazaquistão – há informações de engarrafamentos de dezenas quilómetros –, após Putin ter anunciado o recrutamento de 300 mil "reservistas" para a guerra, Charles Michel, presidente do Conselho Europeu, defendeu publicamente que a "União Europeia deve acolher aqueles que estão em perigo devido às suas opiniões políticas. Se as pessoas na Rússia estão em perigo pelas suas opiniões políticas, por não seguirem esta louca decisão do Kremlin de lançar esta guerra na Ucrânia, devemos ter isso em conta".

Serguei Lavrov, ministro dos Negócios Estrangeiros russo, ontem, ao discursar na 77.ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, não mudou muito daquilo que tem sido o tom habitual da retórica de Moscovo e acusou o Ocidente de uma "russofobia oficial sem precedentes" e "grotesca".

Apesar do número oficial ser de 300 mil, dois jornais de língua russa (*Novaya Gazeta Europe* e *Meduza*) dizem que o objetivo é mais alto: um milhão. A Reuters, por seu lado, tem revelado que "homens sem qualquer experiência militar ou em idade de serviço militar" estão a receber "convocatórias" para a guerra.

E as regras e leis da guerra mudaram. Os militares russos que se rendam, desertem, desobedeçam a ordens ou se recusam a combater podem apanhar dez anos de prisão. Os estrangeiros que lutem pela Rússia têm direito imediato à cidadania desde que assinem contrato militar de pelo menos um ano.

artur.cassiano@dn.pt

EPA / ANATOLY MALTSEV

Polícia deteve dezenas de pessoas que em São Petersburgo protestavam contra a "mobilização parcial".

BREVES

35 mortos e mais de 700 detidos no Irão

O balanço oficial de mortos nos protestos no Irão que marcaram a última semana, após a morte de uma mulher sob custódia policial, duplicou ontem, passando para 35 vítimas mortais dos confrontos com as forças de segurança. Centenas de manifestantes foram detidos – 739, segundo números oficiais, dos quais 60 mulheres. Os protestos têm saído às ruas das principais cidades iranianas todas as noites desde a morte de Mahsa Amini. A curda de 22 anos foi declarada morta após três dias em coma na sequência da sua detenção pela polícia dos costumes, por alegadamente ter violado o código de vestuário muito estrito imposto às mulheres no Irão. O presidente Ebrahim Raisi veio entretanto anunciar que vai "agir de forma decisiva" para travar os protestos. E garantiu que a morte da jovem vai ser investigada, mas o ministro do Interior reiterou que não foi espancada.

Decisão sobre aborto no Arizona é "catastrófica"

A porta-voz da Casa Branca condenou as "consequências potencialmente catastróficas, perigosas e inaceitáveis" de uma decisão da justiça no Arizona, que reativou legislação do século XIX que interdita quase totalmente o aborto. "Se a decisão se confirmar, o pessoal de saúde arrisca-se a 5 anos de prisão se cumprir o dever de tratar, mulheres que tenham sobrevivido a violação ou incesto são forçadas a ter filhos dos agressores e grávidas com problemas de saúde enfrentam riscos terríveis", afirmou Karine Jean-Pierre. Um tribunal do Arizona decidiu na sexta-feira a favor do governo do estado e permitiu a aplicação de uma lei que proíbe o aborto em quase todos os casos. A decisão surgiu depois de o Supremo Tribunal dos EUA ter derrubado em junho a sua jurisprudência sobre o direito ao aborto que vigorava em todo o país desde 1973.

URBANISMO A autarquia foi única em Portugal na adoção de uma política de gratuitidade dos transportes públicos em 2020, com 40% dos residentes a aderirem ao cartão Viver Cascais. Na UE, o Luxemburgo estendeu a todo o território, sendo a primeira nação a tomar a iniciativa que vai fazer escola.

Quase metade da população de Cascais já usa transportes gratuitos

TEXTO **RUTE COELHO**

Em Portugal, o exemplo único da adoção de uma política de transportes públicos gratuitos para todos os seus residentes foi dado pela cidade de Cascais, que em 2020 implementou no concelho este modelo, no mesmo ano em que o Luxemburgo dava um passo de gigante na Europa e a nível mundial ao decretar a gratuitidade de todo o sistema público de mobilidade para os seus residentes.

Dois anos depois, os resultados em Cascais são encorajadores na dissuasão do uso do carro, uma vez que quase metade da população aderiu. "O Programa de Mobilidade Gratuito tem sido um enorme sucesso. Desde 2020, 85.000 utilizadores, cerca de 40% da população de Cascais, requereram a emissão do cartão Viver Cascais, com o qual podem viajar gratuitamente. Apesar deste marco, é com satisfação que se verifica que os restantes títulos mensais de transporte, incluindo os títulos Navegante Metropolitano e Navegante Municipal, apresentam também uma tendência crescente nos cartões ativos. Verifica-se um aumento de 76% do total dos cartões ativos entre 2020 e 2021", afirmou Rui Cordeiro, diretor do Gabinete de Marketing, Comunicação e Imagem da empresa municipal Cascais Próxima (Gestão da Mobilidade, Espaços Urbanos e Emergia).

Já o Grão-Ducado do Luxemburgo, que conta apenas com 640 mil habitantes, tem a maior densidade de veículos particulares do continente europeu, apesar da política de transportes públicos gratuitos: nove em cada dez luxemburgueses tem um carro, uma em dez famílias tem três ou mais automóveis, referiu um artigo da Bloomberg. Há razões financeiras para este capricho: tarifas e impostos baixos, o gasóleo mais barato da EU e o gás mais barato da Europa Ocidental. Em pequenas cidades luxemburguesas é possível encontrar stands das luxuosas Ferrari e da Maseratti.

Mas na cidade de Cascais, joia da chamada "*riviera* portuguesa", os impostos sobre os combustíveis não são baixos como no Luxemburgo pelo que a adesão aos autocarros e comboios gratuitos para residentes está a ser significativa. "No que se refere ao número de passageiros transportados, obtido através do número de validações dos diferentes títulos de transporte disponíveis, observa-se uma tendência de crescimento. Constata-se que os títulos Viver Cascais já têm uma cota de 47%, no número de validações, em relação aos restantes. No entanto, a conclusão mais importante a retirar é que as validações registadas em todos os títulos continuam a apresentar uma tendência de crescimento sustentado, tendo-se verificado um aumento de 46% no número de validações registadas nos últimos trimestres dos anos de 2020 e 2021 (referem-se apenas os valores dos últimos trimestres de modo a minimizar o efeito das medidas de restrição impostas pela pandemia Covid-19)".

"Pode-se assim concluir que, o sistema de transportes públicos em autocarros está a conseguir captar passageiros", salienta o porta-voz da Cascais Próxima.

Como o programa de Mobilidade Gratuito é recente ainda não permite tirar conclusões definitivas sobre o efeito dissuasor no uso do carro. Mas já permite perceber que os residentes estão a gostar de ter alternativas. "Podemos assumir que com o aumento significativo da emissão dos cartões Viver Cascais, Navegante Municipal e Metropolitano, acrescido do aumento do número de viagens, a dependência do transporte individual tem vindo a diminuir. É importante reforçar que entre 2020 e 2021 verificou-se um aumento de 76% do total dos cartões ativos. O que reforça a procura por alternativas ao transporte individual".

A linha mais usada é a do autocarro M22, que liga Cascais a Carcavelos."Desde o início da sua operação, a linha M22 teve uma média de 2405 passageiros por dia (2836 passageiros aos dias úteis, 1615 aos sábados e 1362 aos domingos e feriados)".

Das linhas que estão em operação, 9 são responsáveis por mais de metade (51,67%) da procura total desde 25 de maio de 2021, data que marca o início da operação da nova rede municipal. A média da rede municipal é de 22126 passageiros por dia (27119 aos dias úteis, 13249 aos sábados e 10039 aos domingos e feriados), segundo os dados da empresa municipal."No entanto, há que referir que estes valores incluem um impacto significativo da pandemia, principalmente em 2021, uma vez que o estudo que fizemos com as li-

O transporte rodoviário em Cascais é grauito desde 2020 para residentes, estudantes e visitantes e inclui também veículos movidos a hidrogénio.

nhas operadas pela Cascais Próxima (por serem das que temos dados num período de tempo significativo) indica que apenas recuperámos a procura anterior à pandemia a partir da segunda quinzena de janeiro de 2022 com o fim do teletrabalho obrigatório".

Custos no Luxemburgo e em Cascais

O artigo da Bloomberg questiona se a política dos transportes públicos gratuitos , que tem sido bem acolhida pelos luxemburgueses, teve sucesso na dissuasão do uso do carro particular. E a resposta é não. O automóvel continua a ser rei nas estradas do Grão-Ducado. Em maio deste ano a congestão nas estradas do Luxemburgo estava equivalente e, em alguns casos, mais acentuada até, a maio de 2019.

Mas não há dúvidas de que o pequeno e rico Estado foi pioneiro na tentativa de se curar do "vício". A 29 de fevereiro de 2020 tornou-se a primeira nação do mundo a adotar o transporte público completamente gratuito para os seus cidadãos. Com exceção aos bilhetes de primeira classe, nunca mais alguém pagou alguma tarifa para andar de autocarro, comboio ou qualquer outro meio de transporte público dentro das fronteiras do Luxemburgo.

A ideia de não cobrar nada aos passageiros parece algo apenas ao alcance de um pequeno e rico Estado como é o Luxemburgo. Até porque a fatura é pesada: a experiência custa um acréscimo de 43,4 milhões de euros aos habituais gastos anuais do Grão-Ducado em transportes.

O custo desta medida para a Câmara de Cascais ronda os 12 milhões de euros anuais mas é integralmente pago com duas fontes de receita: o parqueamento nos parques de estacionamento do município e o Imposto Único de Circulação, que incide sobre quem tem um transporte individual. "Isto é quase uma forma de economia circular, quem utiliza o transporte individual tem de ajudar a financiar o transporte coletivo", como explicou o vice-presidente da autarquia, Miguel Pinto Luz, num artigo do Diário de Notícias publicado a 24 de fevereiro deste ano.

As políticas de gratuitidade dos transportes públicos (parciais ou globais) têm sido adotadas em cidades e até em outros países como incentivo à descarbonização e como forma de combater os elevados preços da energia. Por exemplo, durante estes três meses do verão de 2022 a Alemanha decidiu avançar com passes de viagem válidos em todas as linhas urbanas e regionais (com exceção aos comboios rápidos intercidades) com o preço mínimo de 9 euros mensais.

A capital da Estónia, Tallinn, oferece desde 2013 aos seus habitantes o usufruto dos transportes públicos, incluindo nos autocarros que só fazem percursos rurais. Experiências similares estão a ser realizadas nas cidades de Dunquerque, França, e na checa Frýdek-Místek.

Nas cidades europeias onde os comboios e autocarros são confiáveis, em geral, e altamente subsidiados, políticas do género contribuem para persuadirem os cidadãos a deixaram de usar o carro. Também removem as barreiras de mobilidade para os mais pobres e lembram os eleitores de que um mundo com zero emissões traz vantagens e confortos, não apenas sacrifícios, como sublinha o artigo da Bloomberg.

FUTURO Cimeira traz esta semana à Nova SBE especialistas mundiais para discutir a mobilidade na nova ordem mundial e em plena crise energética.

Nova era da mobilidade e da energia cruzam-se no Portugal Mobi Summit

TEXTO **CARLA AGUIAR**

Como vamos conseguir fazer a transição energética e mudar os hábitos de mobilidade para atingirmos a neutralidade carbónica em 2050 e retardar o aquecimento global? Agora que temos apenas oito anos para conseguir cumprir as metas intercalares, com as alterações climáticas a falarem cada vez mais alto e com a crise energética a acrescentar urgência à mudança do nosso *chip* coletivo, o que estamos a fazer e o que podemos mudar?

Essa é a magna questão que preside à 5º edição do Portugal Mobi Summit que se realiza a 27 e 28 de setembro na Nova SBE em Carcavelos e vai reunir governantes nacionais e europeus, autarcas, líderes da energia e do setor automóvel, da economia digital e especialistas mundiais em temas como cidades inteligentes, mobilidade elétrica e autónoma ou planeamento urbano, só para citar alguns exemplos.

Desde 2018 – primeiro ano do evento do Global Media Group e da EDP – até agora, a mobilidade em Portugal registou uma mudança vertiginosa. Se nessa altura os veículos elétricos ainda não passavam de uma excentricidade de alguns, hoje, Portugal é um dos cinco países europeus com a maior percentagem de elétricos nos novos veículos vendidos, valendo já 10% deste mercado.

Enquanto há cinco anos o país ainda pontuava muito mal na rede de carregamento público, este ano já se encontra acima da média da UE, com mais de 5500 pontos de carregamento da rede Mobi.e com a expectativa de chegar aos 15 mil até 2025.

Mas, não haja ilusões, a mobilidade elétrica não resolve tudo, a começar pelo congestionamento de tráfego das cidades que continua a reclamar uma alteração profunda nos modo de nos movermos. E se é verdade que as bicicletas e as trotinetes se estão a afirmar como uma alternativa sustentável e até económica para as curtas distâncias nas cidades, o papel do transporte público é absolutamente crucial para vencer o desafio da descarbonização.

Por isso mesmo é preciso não só investir mais na rede de comboios, metro e autocarros como também é necessário torná-los mais atrativos para os milhões que todos os dias usam o carro para trabalhar estudar ou passear. Torná-los gratuitos é justamente uma das soluções, e os exemplos de Cascais, Lisboa ou Paris, serão tema de debate no Portugal Mobi Summit.

E nada disto faria sentido se não existisse o objetivo de tornar as próprias fontes de energia que usamos para nos movermos mais verdes, dos carros aos autocarros, dos comboios aos aviões, havendo já exemplos em Portugal de autocarros movidos a hidrogénio e comboios na Alemanha, sendo que também já existe a tecnologia para a aviação.

É todo este desafiante universo da mobilidade do futuro que o GMG e a EDP, juntamente com os parceiros Brisa, Fidelidade, Lidl e municípios de Lisboa e Cascais abrem a todos os que quiserem participar e assistir ao maior evento de mobilidade urbana em Portugal. Saiba mais em *www.portugalms.com*.

O reforço do transporte público tem de ser chave da mudança.

Os modelos mais básicos custam cerca de 1000 euros, mas existem alguns topo de gama a custar cerca de 15 mil euros.

INDÚSTRIA O país é o principal produtor para o mercado europeu, mas envia estes veículos de duas rodas para todo o mundo. Os principais clientes são Espanha, França e Alemanha e o mercado valeu 600 milhões de euros em 2021.

Portugal exporta bicicletas para 90 países, mas por cá são usadas por menos de 1%

TEXTO **RUTE COELHO**

É irónico que apenas 0,5% dos portugueses usem a bicicleta para se deslocarem e, ao mesmo tempo, Portugal seja uma das maiores fábricas de duas rodas para o mercado europeu e até mundial. De facto, "Portugal exporta, para mais de 90 países, bicicletas e as suas componentes", afirmou Gil Nadais, secretário-geral da Associação Nacional da Indústria de Duas Rodas (Abimota).

A matéria-prima para o fabrico vem de outros países, nomeadamente China e Japão, por exemplo, mas Portugal especializou-se na montagem de todas as peças e componentes.

No *top* dos importadores das bicicletas portuguesas estão países europeus, mas os clientes de topo são Espanha, França e Alemanha, segundo dados da associação.

A esmagadora maioria das bicicletas produzidas em Portugal vai para fora do país. "As empresas portuguesas exportam cerca de 95% da sua produção e o valor deste mercado em 2021 foi de cerca de 600 milhões de euros". Considerando o crescimento registado neste ano de 2022, podemos

afirmar que que continuaremos a crescer para que uma percentagem, cada vez mais alta do mercado, seja com produtos fabricados em Portugal", adianta Gil Nadais.

A indústria portuguesa produz quase três milhões de bicicletas por ano. Os modelos mais básicos no mercado custam cerca de 1000 euros, mas já existem alguns topo de gama a custar cerca de 15 mil euros, segundo o secretário-geral da Abimota.

Sem referir marcas em particular, Gil Nadais admitiu o interesse do setor automóvel nas parcerias com a indústria portuguesa do setor. "Há empresas portuguesas que já têm parcerias com marcas de automóveis para a produção de bicicletas, algumas do segmento alto do mercado".

Desde o ano 2000 que as exportações do setor português das duas rodas e mobilidade suave têm registado um crescimento constante. Em 2015, o setor sofreu uma grande aceleração com a criação da marca Portugal Bike Value.

Segundo referiu Gil Nadais, num artigo de 16 de fevereiro deste ano do *Dinheiro Vivo*, "foi a implementação de uma marca, de um projeto, integrador para toda a indústria das duas rodas e mobilidade suave portuguesa, que permitiu ganhar visibilidade e dimensão. Dessa forma, Portugal tornou-se um país extremamente competitivo, como o provam os resultados".

Outro dos motores para esse crescimento foi a fábrica Carbon Team instalada no concelho de Vouzela e que desde finais de junho de 2021 produz componentes para bicicletas. Esta unidade industrial foi criada por três empresas portuguesas – a Rodi, a Miranda e a Ciclo Fapril, em parceria com Bike Ahead Composites (Alemanha) e Art Collection (Taiwan).

O número de funcionários neste setor subiu 65% nos últimos cinco anos, concentrando atualmente 7800 trabalhadores, segundo dados de agosto de 2021 da Abimota.

Portugal assiste, no entanto, ao contrassenso do ritmo de utilizadores no país não acompanhar nem de perto o crescimento do setor na produção e exportação destes veículos de duas rodas.

Apesar do grande investimento de várias autarquias em ciclovias e dos incentivos financeiros do Fundo Ambiental do Governo este ano à aquisição de bicicletas, a verdade é que Portugal é um dos países da União Europeia onde as pessoas menos se deslocam a pedalar. Apenas 0,5% de utilizadores numa população de 10 milhões, quando o objetivo ambicioso é o de ter meio milhão de portugueses ciclistas até 2030.

"Em Portugal temos uma estratégia para a mobilidade ativa ciclável nacional com objetivos de ter até 2025 4% das viagens em bicicleta nas cidades e até 2030 serão 10%. Como vamos criar estes mais meio milhão de utilizadores de bicicleta? É preciso investimento, esforço e trabalho para promover a escolha desta forma de mobilidade. Um dos maiores obstáculos à utilização da bicicleta é a falta de segurança. Só no ano passado tivemos 150 peões mortos atropelados por automóveis e outras centenas de peões feridos graves. Também no ano passado houve 20 ciclistas mortos e 100 feridos graves. A insegurança rodoviária é um problema e devia estar na agenda política a nível nacional e nas autarquias", observou Inês Sarti Pascoal, da MUBI – Associação pela Mobilidade Urbana em Bicicleta, aquando da 4ª sessão do Portugal Mobi Summit sobre "a cidade dos 15 minutos e a mobilidade suave e ativa. Gil Nadais sublinhou, por ocasião desse debate, o problema cultural do país na obsessão pelo automóvel: "O que nos leva a andar pouco de bicicleta?: a distância entre duas orelhas. Porque são os nossos hábitos, temos uma sociedade feita para andar de carro. Mudar para bicicleta não é fácil".

MERCADO A Porsche, a Mercedes-Benz ou a Jeep estão a investir nos seus próprios modelos de bicicletas elétricas para entrarem num mercado global que vai valer 26 mil milhões em 2025.

Marcas de topo do setor automóvel investem na micromobilidade

Até as marcas de topo do setor automóvel já perceberam que investir na mobilidade verde é não só um contributo para a descarbonização mas um negócio muito lucrativo. Porsche, Mercedes-Benz. Hyundai, Jeep são apenas alguns dos fabricantes que estão a investir na micromobilidade, tendo por base a estimativa de que o mercado global das bicicletas elétricas vai valer 26 mil milhões de dólares em 2025.

Os grandes fabricantes do setor automóvel estão a diversificar e a apostar cada vez mais no setor da micromobilidade (bicicletas e trotinetas elétricas, entre outros). Passar das quatro rodas para as duas é, no entanto, uma opção estratégica da indústria com base numa previsão de ouro: o mercado global das bicicletas elétricas valerá 26 mil milhões de dólares daqui a três anos, o que significa um crescimento anual de 10% face ao ponto de partida de 2019, em que tinha um valor de 14,4 mil milhões de dólares. Os dados do mercado foram divulgados pelo *site* The Investor.

A indústria automóvel está a aproveitar o valor deste mercado para fazer testes de modelos para a futura tecnologia de veículos elétricos. É uma forma de os fabricantes clássicos de carros melhorarem o seu portfólio no setor da micromobilidade, que crescerá, em geral, cerca de 40% até 2030. Como notam os especialistas do setor, tanto as bicicletas como os veículos elétricos em geral têm motores e baterias como peças principais e também partilham peças na sua estrutura de design. Características que oferecem aos fabricantes de automóveis uma clara vantagem no negócio das bicicletas elétricas, o qual ainda está na sua fase inicial, sem um líder claro de mercado.

Marcas de luxo e outras do segmento médio e urbano estão já a dar sinais muito claros da aposta no potencial mundo milionário da micromobilidade. A Porsche, por exemplo, planeia lançar uma joint venture de duas empresas, unindo-se à firma de investimentos holandesa Ponooc para produzir bicicletas elétricas de alto desempenho e desenvolver tecnologias avançadas para os vários veículos da micromobilidade. A BMW e a Jeep também estão a produzir bicicletas elétricas topo de gama.

Outro exemplo é o do fabricante coreano Hyundai, muito virado para o mercado das duas rodas até porque tem feito diversos investimentos no setor da micromobilidade nos últimos anos. Em abril deste ano, a Hyundai candidatou-se a uma patente para a conceção de um triciclo elétrico desenhado nos Estados Unidos.

A fabricante coreana também lançou uma trotineta Ioniq de 7,7 quilos em 2019, que está ligada a uma bateria de íons de lítio, o que lhe permite percorrer cerca de 20 quilómetros com uma única carga.

Finalmente, o Hyundai Motor Group fez recentemente uma prospeção de mercado na empresa de serviços de entregas Manna Corp. para investir na indústria da distribuição descarbonizada de "*last mile*" ou última milha. O valor do investimento rondará os 30 a 40 mil milhões de won (cerca de 29 mil milhões de euros).

A bicicleta elétrica da Jeep foi lançada este ano.

Diogo Dalot estreou-se na Liga das Nações com dois golos, num jogo de sonho para o lateral direito.

MIGUEL A. LOPES / LUSA

ESTÁDIO EDEN ARENA (PRAGA)
ÁRBITRO SRDJAN JOVANOVIC (SÉRVIA)

REP. CHECA	PORTUGAL
0	4
VACLÍK	DIOGO COSTA
ZIMA	DALOT
BRABEC (22')	DANILO (84')
JEMELKA	RÚBEN DIAS
COUFAL	MÁRIO RUI
SOUCEK (77')	BRUNO FERNANDES (77')
KRÁL	RUBEN NEVES
BARÁK (63')	WILLIAM CARVALHO (77')
ZELENÝ (63')	BERNARDO SILVA (67')
SCHICK	CRISTIANO RONALDO
HLOZEK (63')	RAFAEL LEÃO (67')
TREINADOR	**TREINADOR**
JAROSLAV SILHAVY	FERNANDO SANTOS
SUBSTITUIÇÕES	**SUBSTITUIÇÕES**
KÚDELA (22')	RICARDO HORTA (67')
SEVCIK (63')	DIOGO JOTA (67')
CERNY (63')	PALHINHA (77')
VIKANOVA (63')	MATHEUS NUNES (77')
KUCHTA (77')	JOÃO MÁRIO (84')

GOLOS: 0-1, DIOGO DALOT (33'). 0-2, BRUNO FERNANDES (45'). 0-3. DIOGO DALOT (52'). 0-4. DIOGO JOTA (82').

Sustos de CR7 em triunfo folgado, com Portugal dono da sua sorte

LIGA DAS NAÇÕES Jogo de sonho de Diogo Dalot, que marcou dois golos na vitória sobre a Rep. Checa (4-0). Seleção só precisa de um empate, frente à Espanha, para se apurar para a *final four*.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

A efeméride merecia e exigia um triunfo. No dia em que passavam oito anos da apresentação de Fernando Santos como selecionador nacional, ninguém esperava menos que a vitória sobre a Rep. Checa (4-0) para celebrar o momento e colocar Portugal a depender só de si para se apurar para a final four da Liga das Nações. Agora, só precisa de um empate frente à Espanha - que ontem perdeu com a Suíça (1-2) -, na próxima terça-feira, em Braga.

Ontem, em Praga, num jogo em que Portugal mostrou boas dinâmicas (na posse, controlo e nos momentos de pressão), os jogadores do Manchester United (e Diogo Dalot em particular, uma vez que marcou dois golos) foram os protagonistas-mor de um triunfo que colocou a seleção no primeiro lugar do grupo, beneficiando desse desaire espanhol [*ver tabela*].

Portugal entrou em campo com seis dos sete jogadores em risco de exclusão para o jogo com a Espanha. Cristiano Ronaldo, Bruno Fernandes, Bernardo Silva, Danilo, William e Rafael Leão não podiam ver (e não viram) um cartão amarelo para não falhar esse último e decisivo jogo. Não houve poupanças, mas houve mexidas. Sem o castigado João Cancelo, Diogo Dalot assumiu o lado direito da defesa. Do outro lado Mário Rui foi o escolhido, numa defesa que teve Danilo como colega de Rúben Dias. William jogou como médio defensivo e Leão foi o companheiro de ataque de Cristiano Ronaldo, que aos 14 minutos pregou um grande susto a Portugal.

O capitão chocou com o guarda-redes checo e ficou muito mal tratado, sangrando abundantemente do nariz. Acabou por voltar ao jogo e foi dele a primeiro oportunidade (ou primeira perdida, depende do ponto de vista) de golo. CR7 não acertou bem na bola e perdeu uma excelente oportunidade para adiantar a equipa no marcador, depois de uma jogada bem trabalhada pelo meio campo português.

Os checos iam mostrando alguma iniciativa de jogo para obrigar Portugal a defender com uma linha de cinco - Rúben Neves intrometia-se entre Danilo e Rúben Dias - para roubar espaços a Patrick Schick e companhia na procura do golo. A resposta do camisola 7 checo foi em tudo igual à do 7 português. Antonín Barák falhou o desvio para a baliza de Diogo Costa e assim o 0-0 persistiu no marcador... por mais dois minutos, até Diogo Dalot adiantar os portugueses.

O lance foi confuso, mas eficaz. Ronaldo desperdiçou um passe de Bruno Fernandes, mas Rafael Leão não desistiu do lance e serviu o lateral, que assim se estreou a marcar pela seleção e logo no jogo em que se estreou na Liga das Nações. O golo abalou os checos e Portugal aproveitou para fazer o 2-0, em mais uma jogada improvável, com Bruno Fernandes a aparecer no coração da área a finalizar, após passe de Mário Rui. A seleção portuguesa colocava-se assim a ganhar por dois golos e com a particularidade de ambos terem sido marcados por jogadores do Manchester United.

Susto de CR7, golaço de Dalot

Antes do intervalo Ronaldo pregou mais um susto. Inconscientemente, o capitão e meteu a mão à frente da cara, talvez numa tentativa de proteger a face já de si maltratada, e acabou por cortar a bola com a mão na área. O árbitro (com ajuda do VAR) considerou que houve movimento ascendente e marcou penálti. Chamado a marcar, Patrick Schick falhou e a seleção portuguesa manteve os dois golos de vantagem para o intervalo.

Manter o controlo da bola através da posse era a solução para manter a vantagem no marcador. Todos sabiam que os checos não precisavam ter muita bola para criar oportunidades e concretizá-las e eles entraram com tudo no segundo tempo, aparecendo com quatro homens na área. Fernando Santos não largava o ar preocupado, mas em campo a equipa ia dando conta do recado e Diogo Dalot mostrava que a noite era dele, com um golaço: um remate a mais e 30 metros da baliza que sossegava tudo e todos e permitiu ao selecionador entrar em modo gestão para o jogo com os espanhóis. Ronaldo manteve-se até ao fim e ainda serviu Diogo Jota para o 4-0 final.

E assim Portugal ganhou folgadamente e sem sentir a renúncia de Rafa Silva.

isaura.almeida@dn.pt

GRUPO 2

	P	J	G
1. Portugal	**10**	**5**	**11-2**
2. Espanha	8	5	7-5
3. Suíça	6	5	2-8
4. Rep. Checa	4	5	4-11

Jogos da próxima jornada
Portugal -Espanha (19.45, RTP1)
Suíça-Rep. Checa

Federer e Nadal em lágrimas na despedida

O suíço Roger Federer despediu-se na sexta-feira do ténis num jogo de pares ao lado do rival Rafael Nadal, na Laver Cup, em Londres. A dupla de antigos número uns perdeu, mas no final foram as lágrimas de ambos que ficaram para a história. "Foi fantástico jogar com o Rafa na mesma equipa e ter todas as lendas aqui... Obrigado", disse Federer, enquanto o espanhol disse o que lhe ia na alma: "Chorar é bom. De alguma forma acaba também uma parte da minha vida."

Abel Ferreira distinguido como cidadão honorário de São Paulo

BRASIL Treinador português recompensado pelos títulos sul-americanos ao serviço do Palmeiras. "Sinto-me paulistano."

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Sou mais um de vós. Hoje, sinto-me um cidadão paulistano." Foi assim que Abel Ferreira agradeceu o título de cidadão honorário de São Paulo, concedido na sexta-feira pela Câmara Municipal daquela cidade do Brasil. O treinador português, de 43 anos, que orienta o Palmeiras desde 2020, foi distinguido pelo trabalho que tem realizado no clube, pelo qual conquistou duas Taças Libertadores, uma Supertaça Sul-americana e uma Taça do Brasil, sendo que atualmente lidera o Campeonato Brasileiro com oito pontos de avanço para o Internacional de Porto Alegre, quando faltam onze jornadas para o final da prova.

Acompanhado pela mulher e pelas duas filhas, que no início do ano se mudaram para o Brasil, Abel Ferreira não conteve a emoção na hora do discurso na Câmara dos Vereadores, que contou com a presença de muitos adeptos do Palmeiras. "Aqui as pessoas sabem receber. É uma grande honra, um grande orgulho receber esse título de cidadão paulistano", começou por dizer, tendo, com voz embargada, acrescentado: "Espero estar à altura de representar uma das maiores cidades do mundo. Hoje, não estou aqui apenas como cidadão palmeirense. Sou mais um de vós. Sinto-me um cidadão paulistano desde o primeiro dia."

Abel Ferreira brilha no Palmeiras.

Abel Ferreira tornou-se no quarto treinador do Palmeiras a receber esta distinção municipal neste século, depois dos brasileiros Vanderlei Luxemburgo (2015), Emerson Leão (2016) e o antigo selecionador nacional Luiz Felipe Scolari (2020). O técnico natural de Penafiel considerou o Brasil como uma "grande potência, não só pelo tamanho do país, mas também pelo tamanho da criatividade das pessoas". Nesse sentido, mostrou-se já bem identificado com a cidade que o acolheu. "Como diz uma frase no brasão de uma das maiores cidades do mundo, que é São Paulo, 'Conduzo, não sou conduzido'. E até isso se parece comigo."

Abel Ferreira admitiu ainda que tem cometido alguns erros desde que chegou ao Palmeiras, que inclusive lhe valeram algumas expulsões. "Sei que nem sempre sou o melhor exemplo, mas procuro aprender com os meus erros", disse.

Este é o segundo treinador português a ser distinguido por um município brasileiro, depois de Jorge Jesus, que em 2019 se tornou cidadão honorário do Rio de Janeiro graças aos seus êxitos no Flamengo, onde num ano se sagrou campeão brasileiro e venceu a Taça Libertadores.

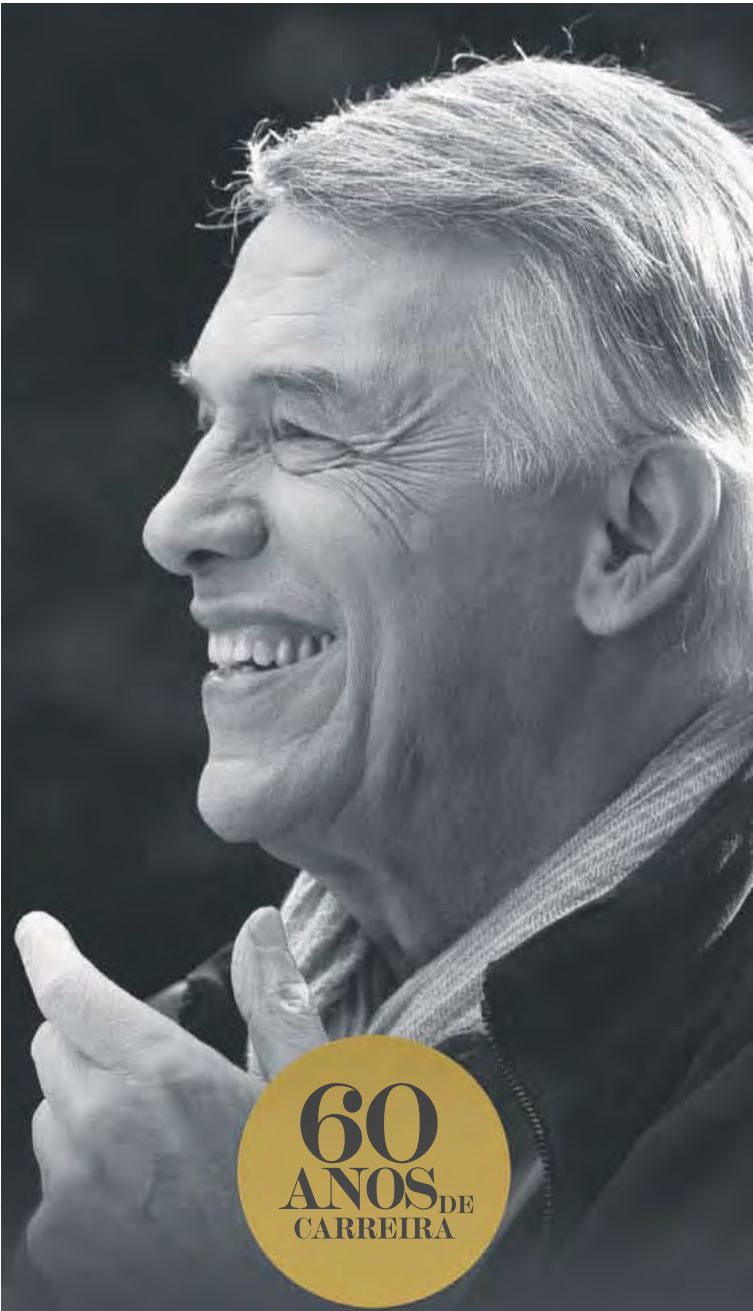
carlos.nogueira@dn.pt

BREVES

Académica vai abrir processo de insolvência

A Académica, um dos históricos do futebol português, está em apuros. Depois de descer à Liga 3, o clube de Coimbra decidiu abrir um processo de insolvência da respetiva Sociedade Unipessoal por Quotas (SDUQ), invocando perdas no valor de 1, 5 milhões de euros. A decisão foi ontem comunicada ao plantel e à equipa técnica. "A Académica atravessa a situação mais delicada na sua história, não só porque está no ponto mais baixo desportivamente, mas também porque, com a descida de divisão, a Briosa perdeu cerca de 1,5 milhões de euros de receitas que eram geradas na II Liga pelos direitos televisivos, apostas desportivas e patrocinadores", lamentou ontem, em conferência de imprensa, Rui Frias, vice-presidente da Académica, entidade que deve 1,29 milhões à Autoridade Tributária e cerca de 610 mil euros à Segurança Social.

Lucas Veríssimo e João Victor de volta no Benfica

Os defesas centrais Lucas Veríssimo e João Victor já estiveram às ordens de Roger Schmidt nas três sessões de treino de ontem, no Seixal. De acordo com os encarnados, os jogadores brasileiros estão em fase de "reintegração progressiva" e cumpriram "os respetivos planos de recuperação" com a subida ao relvado. Nas imagens divulgadas pelas águias já foi possível verificar que Veríssimo e João Victor participaram nos exercícios com bola. João Victor pode ter alta médica no final da próxima semana, mas Lucas Veríssimo ainda vai demorar quatro semanas, no mínimo. Nota ainda para as ausências dos 12 jogadores que estão ao serviço das respetivas seleções nacionais. Cenário que hoje se repetirá. O próximo jogo do Benfica, líder isolado do campeonato, é com o Vit. Guimarães, no dia 1 de outubro, na cidade Berço, às 20.30.

Jorge Palma *Antologia*: Seis concertos para ouvir cinco décadas de carreira

MÚSICA Seis concertos únicos e diferentes onde vão caber 50 anos de carreira. É assim que Jorge Palma vai revisitar as suas músicas, as mais e as menos conhecidas, durante o ciclo de espetáculos *Antologia*. O primeiro é já hoje nos jardins do Palácio Baldaya, em Benfica. Razão mais do que suficiente para nos sentarmos à conversa com o músico.

ENTREVISTA **FILIPE GIL**, FOTOGRAFIA **RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS**

O encontro com Jorge Palma deu-se nos corredores do Teatro Tivoli, sala de espetáculos onde vai dar quatro dos seis concertos do ciclo *Antologia*. Meia dúzia de espetáculos para comemorar, revisitar e redescobrir temas dos 50 anos de carreira do cantor e autor.

Com uma lata de Coca-Cola na mão, acabado de fumar um cigarro na pausa de uma conversa anterior com outro jornalista, encontramos Jorge Palma afável e disponível para a sessão de fotografias para esta entrevista. Ora com um chapéu de palha, ora sem ele, sentado ou de pé, não transpareceu por um segundo algum eventual cansaço destes contactos com os órgãos de comunicação social após 50 anos de estrada – e 72 de vida. Antes de umas perguntas e respostas mais diretas [*ver caixa*], falou-se sobre os concertos que vai dar entre este domingo e o dia 19 de novembro [*ver calendário*].

Sentado num banco de veludo azul dos corredores do Teatro Tivoli, Palma explicou o que vai acontecer. "Este domingo, em Benfica, vamos fazer um concerto que já tenho feito desde 2016 e que tem corrido muito bem. Vou estar sozinho em palco, só com voz e piano", explicou. Diferente dos concertos que já estão a ser preparados para os outros locais: "Aqui no Tivoli vou ter o meu quinteto habitual. E no último concerto [no Capitólio] vai ser com o Palma's Gang."

Seis concertos únicos e individuais, todos em Lisboa, para celebrar cindo décadas de carreira. Uma ideia pensada por André Sebastião e pelo Tiago Branco *managers* que há cerca de nove anos trabalham e acompanham Jorge Palma.

"São muito mais do que *managers* e depois têm ideias como a dos concertos de *Antologia*. Confesso que, no início assustei-me com a ideia, mas agora está a dar-me imenso gozo, a mim e aos outros músicos que me acompanham, e que são todos mais novos do que eu".

Nos vários concertos vão regressar ao palco músicas já quase esquecidas, "algumas que, desde a sua gravação, nunca mais toquei", comentou. "Estou a estudar e a descobrir coisas que toquei e escrevi, e às vezes tenho a sensação de: 'Olha que engraçado, eu fiz esta merda' [*risos*], está a ser um verdadeiro trabalho didático de estudar coisas que pari".

Entre as redescobertas está o primeiro *single* de Palma em nome próprio, de 1972, *The Nine Billion*

"Estou a estudar e a descobrir coisas que toquei e escrevi, e às vezes tenho a sensação de: 'Olha que engraçado, eu fiz esta merda' [risos], está a ser um verdadeiro trabalho didático de estudar coisas que pari."

Names of God, tema escrito em inglês numa altura em que, explicou, não estava a conseguir escrever letras em português, "ainda antes de ter começado a lidar com o Ary dos Santos". O *single* tem o mesmo nome que um conto do Arthur C. Clarke, de que Palma gosta muito. "É um encontro entre o místico, dos monges, e a civilização ocidental. A ideia dos monges é descobrir os vários nomes de Deus. Decidi transformar esse conto numa letra de canção, ou seja, a história de uma forma mais sucinta. Está num inglês incipiente – ainda não tinha a rodagem de viver em países onde se fala em inglês".

Aliás, cantar em inglês é algo que faz com regularidade sobretudo em *covers* de Paul Simon, Tom Waits ou Bob Dylan, a fazer lembrar os tempos em que tocava nas ruas e nas estações do metro de Paris. "Nesses anos cantava e tocava de cor umas quarenta músicas. Não gosto de tocar a mesma música no mesmo dia, como também dizia a Billy Holliday, mas não é superstição, não gosto mesmo!"

Ainda antes das perguntas e respostas, lembra-se de dois alemães com quem partilhava as ruas a tocar: "Na altura, em Paris, em que se fazia dinheiro a tocar na rua e nas esplanadas, estes dois alemães até tinham contas bancárias e alugavam apartamentos, com o dinheiro que faziam. Mas, lembro-me, só sabiam duas músicas, e passavam os dias a tocá-las repetidamente, era incapaz de o fazer".

Voltando aos concertos da *Antologia*, perguntamos qual o formato que lhe dá mais gozo, sozinho ou acompanhado? "Sozinho tenho liberdade total e, apesar das estruturas da música, se quiser alongar ou cortar noutro local, faço-o. Com a banda é diferente, mas apesar de haver uma estrutura mais combinada há espaço para improviso, diz". Certo é que a mesma música não se ouvirá duas vezes no mesmo dia.

filipe.gil@dn.pt

"Não gostaria de viver permanentemente noutro país. Gosto muito deste"

Lançamos o desafio de dizer algumas palavras a Jorge Palma e perceber o que elas significam para o cantor.

Futuro
"É já, o futuro é já! Nunca programei nada a longo prazo. As coisas nunca correm como planeámos [*risos*]. Mas a sério, quando tinha 20 anos achava que era imortal. Agora, com 72, é evidente que, de vez em quando, reflito no futuro... pode ser amanhã, pode ser daqui a 30 anos, mas porquê pensar nisso? Vamos viver, enquanto houver estrada para andar [*risos*] e dedos para tocar".

Portugal
"É um país *sui generis*. Tem coisas muito boas, é um país lindo, do ponto de vista da natureza. Tem pessoas muito afáveis e cordiais. Mas também é um país conservador por natureza. Mas, curiosamente, quando o povo português se exalta, como aconteceu com Timor ou no tempo da pandemia, as pessoas vão à luta e são bravas. Quando não há nada têm tendência a ficar acomodadas e com um pouco de preguiça. Não gostaria de viver permanentemente noutro país. Gosto muito deste."

Guerra [a do Ultramar e a na Ucrânia]
"Só a ideia de ter um sargento a gritar comigo, não! E levar uma injeção na espinha como se dizia na altura..., não! Pegar numa arma, numa G3, matar pessoas e arriscar-me a ser morto, não! Adoro guerra, mas só nos filmes, aí sou grande fã.
Já vi o *Resgate do Soldado Ryan* e o *Apocalipse Now* umas 150 vezes, sem exagero. Quanto à guerra que acontece na Ucrânia, para mim e para o cidadão comum, é termos de continuar a arcar com as dificuldades económicas que estamos a sentir. Mas sou pacifista, não me lembro de ter andado à pancada sequer, tento sempre resolver os conflitos com diálogo. Mas é preocupante, o Putin está a levantar a fasquia. Sei que não pode perder a face, e não pode pedir desculpa e dizer que a invasão da Ucrânia foi um engano. Por outro lado, os ucranianos não cedem e estão a dar muita luta. Se alguém decidir lançar uma bomba nuclear espero que, pelo menos, não seja o início da Terceira Guerra Mundial atómica. Mas mesmo que seja uma bomba mais pequena é muito preocupante."

Filhos
"Dois. E acho que chega. Tenho dois filhos fantásticos, um com 39 e outro com 27, que para além de filhos são grandes amigos e compinchas. Muito diferentes um do outro. O que toca comigo, o Vicente, o mais velho, é completamente antialcoólico e antifumo e agora até é vegetariano. O outro é mais parecido comigo [*risos*]. E são ambos bons músicos e ambos cantam bem, afinados. O mais velho é muito experiente e toca com outras pessoas. O Francisco, o mais novo, toca guitarra melhor que eu e é um perito em história do *rock* e dos *blues* e escreve muito. Recentemente escrevi uma canção para o novo disco que vai sair em 2023 que se chama *Três Palmas na Mão*, e no passado domingo [18 de setembro] tocámos a música os três, juntos. Foi, e é sempre, uma sensação fantástica, olhar para a direita está um, olhar para a esquerda está o outro."

Pandemia
"Claro que dei por ela, e tive as minhas precauções, obviamente, até pela minha idade e por ter um enfisema pulmonar provocado pela quantidade de tabaco que tenho fumado desde os 14 anos, mas não alterou muito a minha realidade. Nos últimos anos tenho deixado de ir para a noite, para as noitadas e copos até de manhã, e tenho passado muito tempo em casa. Tenho as minhas guitarras, o piano, a televisão e a Netflix, livros e discos. Como não tenho um trabalho regular, um emprego normal, não senti muito, mas tenho amigos a quem a pandemia bateu forte. E, claro, economicamente senti, porque deixei de ter concertos. Fui fazendo *streamings* em casa e assim que houve a primeira abertura, no verão de 2020, fui ver espetáculos ao Maria Matos, do Salvador Sobral e do Sérgio Godinho, e fiz uns concertos com banda e em formato trio, que é outro formato que tenho. Atualmente, já faço um nível de concertos bons. Mas há uma coisa que tenho e que muitos não têm... pessoas como eu, o Sérgio Godinho, o Rui Veloso, temos muita obra feita e recebemos duas vezes por ano os nossos direitos de autor, o que é bom."

Setenta e dois
"Venham mais. Venham os que vierem com saúde. Sinto-me bem. Não me assusta..., o que me assusta é eventualmente ficar inapto e ficar a dar chatices aos outros e a mim próprio. Havendo saúde, venham mais."

Carreira
"Não gostava da palavra carreira, mas a verdade é que tenho uma carreira discográfica e não só, uma carreira com muita estrada. E isso também é para continuar. Por estrada ou pelo ar, a viajar. Gosto muito de viajar e, sempre que posso, faço viagens grandes, continentais. Mas tenho tido muita sorte, e também muita perseverança, otimismo e confiança. Quando há portas fechadas, e se não as conseguir abrir, contorno-as e arranjo uma alternativa."

Calendário de concertos

25 de setembro, Jardins do Palácio Baldaya, em Benfica (a solo)
7 de outubro, Teatro Tivoli BBVA
26 de outubro, Teatro Tivoli BBVA
1 de novembro, Teatro Tivoli BBVA
8 de novembro, Teatro Tivoli BBVA
19 de novembro, Cineteatro Capitólio (com Palma's Gang)

Brasil 200. A nova rádio para juntar brasileiros e portugueses

NOVIDADE "Dois séculos a unir duas culturas". É assim que a nova rádio *online* da Antena 1 se apresenta. Com conteúdos originais e de arquivo, para brasileiros a viver em Portugal e portugueses com curiosidade pela cultura brasileira.

TEXTO **FILIPE GIL**

É lançada amanhã, às 11.00 horas, a Brasil 200, a nova rádio *online* da Antena 1. Nuno Galopim, diretor de programas da Antena 1, e da Brasil 200, explicou ao *DN* que a nova rádio nasce "naturalmente no momento em que se assinala os 200 Anos da Independência do Brasil, mas não foi criada para falar disso, mas sim de como ao longo destes 200 anos, e sobretudo no presente, há afinidades, há histórias de pessoas, há canções, ivros, movimentos entre Portugal e Brasil que podem ser refletidos. É também uma rádio que continua o trabalho de serviço público de radiodifusão com o universo da lusofonia que já fazemos com a RDP África e que aqui se expande a outro espaço da lusofonia".

O público alvo da Brasil 200 são, sobretudo, os brasileiros que vivem em Portugal e os portugueses que se interessam pelo Brasil e "queremos falar também para aqueles que no Brasil, portugueses ou brasileiros, tenham interesse nos nossos conteúdos", explica Galopim.

A rádio será dividida em sete editorias: a música – que define a própria *playlist* da rádio –; a cultura, que envolve todas as formas culturais que não a música; o entretenimento; histórias de pessoas que tanto podem ser conhecidas ou não; história; desporto e política.

"Parte da programação tem a ver com um exercício que fizemos de procura de programas produzidos pelas antenas do grupo RTP (Antena 1, Antena 2, Antena 3, RDP África, RDP Internacional e Rádio Zig Zag) sobre o universo do Brasil. Fomos aos arquivos procurar programas feitos ao longo dos anos nas nossas antenas, como, por exemplo, uma entrevista de arquivo com o Jô Soares, outra com a Betty Faria, ou com a Maria Lúcia Lepecki, e que voltam a ganhar vida. Mas iremos ter também sessões de música mais recentes, como a do músico Silva, feita para a Antena 1, ou outra feita com os Balas Desejo, umas das bandas do momento no Brasil, que estiveram há pouco tempo com a Antena 3".

Às sextas: do *online* para o éter

A Brasil 200 é, segundo Nuno Galopim, uma rádio que não se fará apenas de memórias e reposições. "Estamos também a produzir novos conteúdos que vão ter espaço de emissão fixa na antena da Antena 1, todas as sextas-feiras às 20.00 horas. E por exemplo, um desses conteúdos novos é para já o programa *O Meu Brasil*, no qual vários profissionais das várias antenas da RTP são convidados a, durante uma hora, escolherem 10 canções que traduzem a sua relação com a música do Brasil e a explicarem o porquê da sua importância.

"Há também o programa *Gritos do Ipiranga*, que são conversas com brasileiros que escolheram Portugal para viver e trabalhar, nas mais variadas áreas. Temos outro programa *Histórias e Lugares do Brasil*, onde cabem histórias de escritores, de autores, de empreendedores cujo trabalho já é reconhecido. E também vamos ter um magazine mensal chamado *Isto aqui o que é?*, para conhecer o que está a acontecer de novo na música no outro lado do Atlântico.

"Também vamos ter um programa chamado *Vitrola*, que é o equivalente ao programa que tenho na Antena 1, *Gira-Discos*, onde mergulho na minha coleção de discos com um tema diferente, o primeiro programa vai ser com canções sobre a cidade de São Paulo. Há ainda o programa *Mortinho para Sair de Casa*, com sugestões para nos fazer sair de casa e para dar a conhecer aos portugueses o que está a acontecer de cultura brasileira por cá."

A rádio está definida para durar um ano, segundo o seu diretor, mas "em função de se poder criar, ou não, uma comunidade" poderá prolongar-se no tempo. Por ora, é por um ano, que é a forma como definimos os projetos".

Assim, amanhã às 11.00 irá para a internet a rádio Brasil 200 e, ao mesmo tempo, será feito o seu lançamento oficial na Casa do Brasil, em Lisboa, com a atuação da cantora brasileira Malu Magalhães, que há vários anos vive em Portugal.

filipe.gil@dn.pt

> Amanhã às 11.00 horas irá para a internet a rádio Brasil 200 e, ao mesmo tempo, será lançada oficialmente na Casa do Brasil, em Lisboa, com a atuação da cantora brasileira Malu Magalhães, que vive em Portugal.

A Brasil 200 está prevista durar um ano, mas Nuno Galopim admite que o projeto se poderá prolongar no tempo.

Opinião
João Lopes

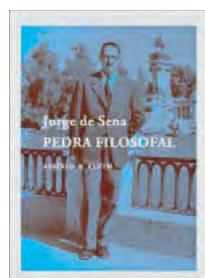
A imagem que repousa

Regresso a Jorge de Sena. E cito os versos com que termina um poema de 1950 dedicado ao pintor Pierre Bonnard: "A vós só cores convergem os sentidos / – só cores, não uma, não esta sobre aquela, / mas esta, aquela, todas, / presença fervorosa em gradações conjuntas: / a vossa idade calma de existir, / de estar pousado sobre a terra humana / como coisa alada que repousa." O poema pertence ao livro *Pedra Filosofal*, datado desse mesmo ano, há poucos meses reeditado pela Assírio & Alvim, com prefácio de Joana Meirim.

Será um detalhe biográfico, uma equívoca chave de leitura para algo que, em boa verdade, não necessita de chaves para promover a nossa entrada naquele mundo, mas não pude deixar de me sentir tocado pelo facto de Sena e Bonnard terem partilhado um tempo concreto que, agora, se nos apresenta como abstração dos calendários ou, em todo o caso, património histórico – se é que a história se faz de um devir tendencialmente abstrato a que, com maior ou menor capacidade de crença, atribuímos o valor e a pertinência (histórica, justamente) daquilo que aconteceu. Como dizia Roland Barthes, celebrando a "mensagem" das fotografias que o fascinavam: "Isto aconteceu."

Aconteceu que Sena e Bonnard (ainda) foram contemporâneos. Através de uma distância tecida de claras diferenças geracionais, mas ligados pelo tempo cúmplice da escrita e da pintura. Quando Sena escreveu o citado poema, a 19 de fevereiro de 1950, tinham passado pouco mais de três anos sobre o desaparecimento do pintor, a 23 de janeiro de 1947, contava 79 anos. Sena completaria 31 anos de vida em 1950, tendo falecido em 1978, com a idade de 58 anos.

O poema ilustra um peculiar pensamento das imagens, por estes dias desvalorizado pela vertigem, digital e errática, da sua imperiosa circulação. Considerar que "ilustra" esse pensamento não deixa de envolver alguma ironia: pensar uma imagem não era reduzi-la a códigos descritivos de uma cultura visual (agora dominante) comandada por significados fixados de uma vez por todas; era, isso sim, reconhecer nessa imagem a possível beleza radical de uma "coisa" que resiste a qualquer significação rudimentar e definitiva. Voando na própria contradição que a faz existir: "coisa alada que repousa".

> "A poesia de Jorge de Sena e a pintura de Pierre Bonnard nascem de uma mesma solidão criativa."

Pierre Bonnard: *Sala de Jantar no Campo* (1934-1935).

Provavelmente, Sena reconhecia em Bonnard algo da solidão criativa que ele experimentou através dos seus primeiros livros de poesia, incluindo *Pedra Filosofal*. Como Joana Meirim recorda, citando um estudo de Jorge Fazenda Lourenço, por essa altura, alguma crítica, "liderada" por João Gaspar Simões, rotulou-o através de três palavras de irremediável impacto emocional: "hermetismo, cerebralismo, intelectualismo". São palavras que, na sua frieza, reconhecem aquilo que outras palavras podem conter para lá das regras apertadas do seu presente, apontando para "o novo tempo e os outros que hão de vir", como Sena escreveu num poema do Natal de 1947.

Num caso como noutro, não se trata de reeditar o *cliché* do "artista como vítima". Nem sequer de supor que a obra de um artista se faz através de uma linha linear (passe a redundância…) que só pode apontar para um futuro determinado e determinista. Nessa perspetiva, o universo de Bonnard talvez encerre uma lição – "lição de coisas", como diria Godard – cuja pertinência não se perdeu. Em termos esquemáticos: num tempo de muitas atribulações mais ou menos abstratas (fascinantes, não é isso que está em causa), Bonnard ficou sempre "agarrado" à figura humana e à representação dos lugares dos humanos, lugares por sua vez enredados com os elementos naturais – é um jogo de secreta sensualidade que, no limite, nos leva a repensar a noção de natureza.

Muitos quadros dos anos finais de Bonnard, vividos na sua propriedade de Le Cannet, no sul de França, são o comovente testemunho dessa naturalidade (estranha palavra neste contexto) que nada tem que ver com qualquer naturalismo televisivo, culturalmente dominante no nosso presente. O carinho com que ele pintou, por exemplo, a mesma sala de jantar em diversas telas decorre de um respeito – que é também uma forma de amor – pela pluralidade dos nossos modos de ser, logo de habitar.

O maravilhoso Museu Bonnard, precisamente na zona de Le Cannet, existe como testemunho exemplar dessa visão do mundo. Se quisermos ceder à tentação de algum simbolismo, diremos que, saindo dele e descendo os dois quilómetros do Boulevard Carnot, iremos encontrar o palácio onde, desde 1983, decorre o Festival de Cannes. Como num filme.

Jornalista

Opinião
António Araújo

Paraíso perdido

Há coisas de pasmar neste mundo. Uma delas, das maiores delas, são as *moai* e as *ahu* de Rano Raraku. São gigantes, chegam a ter mais de 20 metros de altura, mais do que um prédio de cinco andares, e a mais pesada de todas atinge as 270 toneladas. Encontram-se no pedaço de terra mais remoto do mundo, longe de tudo, a distâncias astronómicas: a 3700 quilómetros a Oeste da costa do Chile, a 2000 quilómetros a Leste das ilhas de Pitcairn, na Polinésia. Há milhares de anos, houve seres humanos que percorreram essa distância, a bordo de pirogas mais que frágeis, sem bússolas, nem instrumentos de navegação, indo parar ali, no meio do nada, o zero absoluto num oceano imenso. Sabermos isso é coisa que ainda hoje desafia a razão e o entendimento. O que mais nos inquieta, e ao mesmo tempo fascina, é alcançar o motivo, o propósito que animou os protagonistas de tal epopeia, o que os terá feito aventurarem-se assim, mar adentro, sem a mínima certeza de que, por mais que navegassem, iriam encontrar terra firme (e que nessa terra viveriam melhor do que no lugar de onde partiram).

Muitos séculos depois, outros chegaram lá, comandados por um holandês, Jacob Roggreven, que aportou a 5 de Abril de 1722. Por ser dia de Páscoa, assim baptizaram aquela ilha perdida, pontuada por três crateras vulcânicas: Rano Raraku, a maior de todas, com 550 metros de diâmetro, em redor da qual existem 397 estátuas de pedra de tamanhos variáveis; Poike, o vulcão mais antigo, que teve uma erupção há 600 mil anos (ou talvez mesmo há três milhões de anos); e Terevaka, a cratera mais jovem, que há 200 mil anos libertou as lavas que agora cobrem 95% da superfície da ilha. Esta tem 170 quilómetros quadrados, uma altitude de 509 metros, modesta para os padrões da Polinésia, com uma topografia suave, sem grandes vales e declives, coisas que acabariam por marcar tragicamente o destino da Ilha de Páscoa e dos seus habitantes, como refere Jared Diamond num dos seus livros mais extraordinários, *Colapso. Ascensão e Queda das Sociedades Humanas* (Gradiva, 2008), cuja leitura, por razões tristemente óbvias, muito se recomenda nos nossos dias.

Ainda hoje não sabemos ao certo como é que a população da Ilha da Páscoa, que não tinha gruas, nem rodas, nem máquinas ou instrumentos de metal, nem animais de tiro e de carga, foi capaz de erguer e transportar estátuas daquela dimensão e grandeza. O que não se compreende, acima de tudo, é que pulsão os terá levado a construírem tantas estátuas num local inóspito e desolado, com vegetação rasteira, sem quaisquer árvores. Até hoje, estão registados 887 monólitos, de dimensões e pesos variáveis, representando torsos masculinos sem pernas e com longas orelhas.

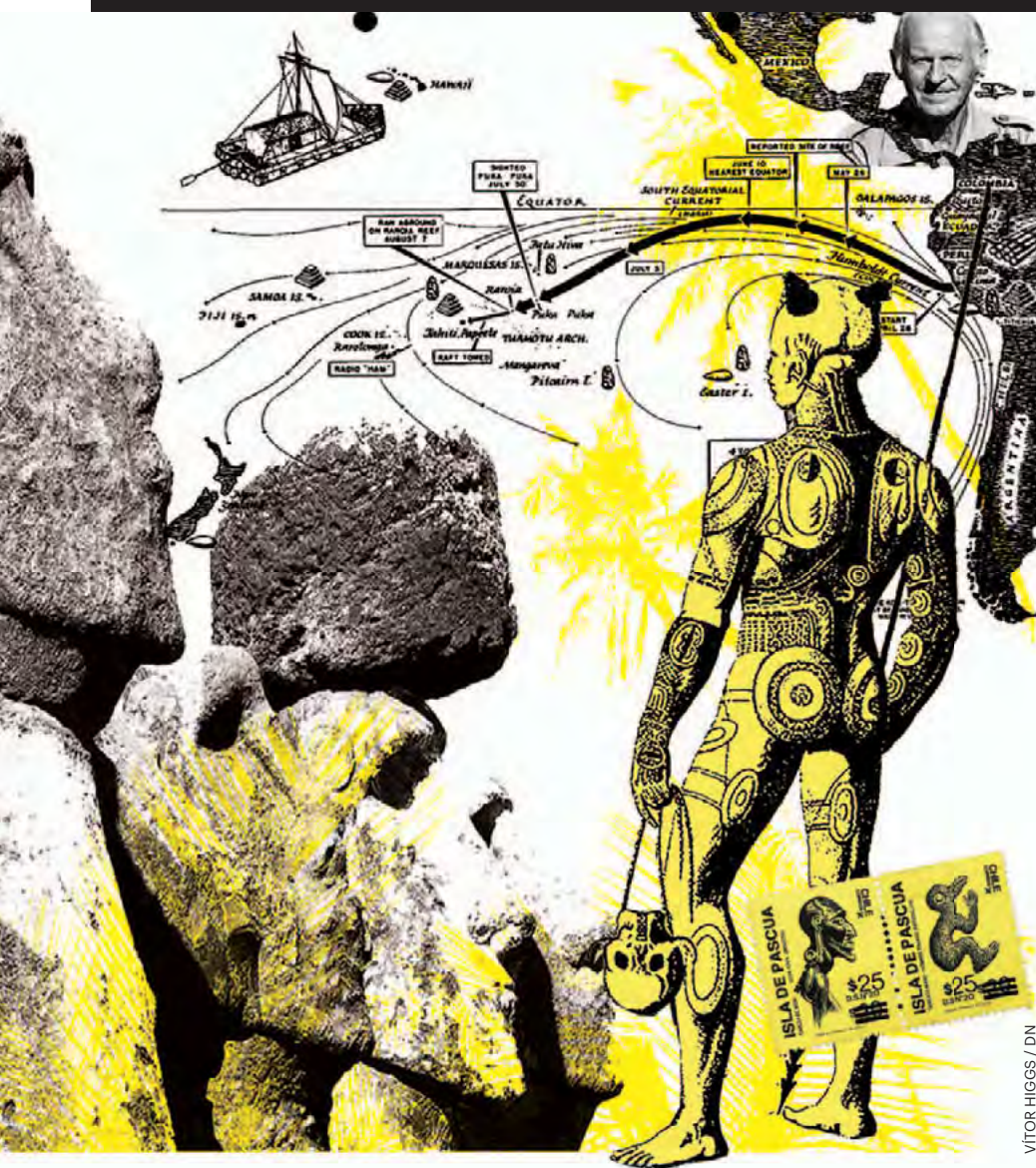
Outro mistério: até há algumas décadas, todas as estátuas encontravam-se caídas no solo, tendo muitas delas sido derrubadas deliberadamente para que se partissem pelo pescoço. O que hoje os turistas vêem na Ilha da Páscoa (ou Rapa Nui, se preferirem) não é aquilo que os navegantes e os exploradores europeus encontraram nos séculos XVIII e seguintes. Só recentemente, e com grande esforço, foram reerguidos aqueles monstros – as *moai* –, feitos esmagadoramente de cinzas ou tufo vulcânicos da cratera de Rano Raraku, bem como as colossais plataformas de pedra – as *ahu* – em que as bizarras estátuas assentavam. Quer dizer, há, pelo menos, três grandes enigmas naquela ilha do Pacífico: primeiro, saber como e porquê houve seres humanos que foram até lá e se fixaram num local tão remoto, longe de tudo; depois, saber como e porquê ergueram aquelas estátuas e estruturas de pedra; por último, porque as derrubaram com tanto afã e empenho, até mesmo violência.

Em face de tantos e tão fabulosos mistérios, não admira que logo tenham surgido teorias fabulosas para os deslindar. A mais célebre de todas foi avançada pelo explorador e etnógrafo Thor Heyerdahl, famoso pela *Expedição Kon-Tiki*, de 1947, na qual atravessou o oceano numa réplica de um barco antigo, da costa do Peru até à Polinésia francesa, para demonstrar que a colonização dos arquipélagos do Pacífico fora feita por povos vindos das Américas. Foi uma aventura audaciosa, de grande coragem e risco (tanto maiores porque Heyerdahl, que na infância quase se afogara duas vezes, tinha um medo terrível das águas!), e que apaixonou o mundo: o livro que publicou sobre a expedição converteu-se num *best seller* internacional, traduzido em 70 línguas, português incluído, o documentário da epopeia arrecadou um Óscar, mas a maioria dos antropólogos e dos cientistas da actualidade não perfilha a sua tese sobre a origem americana dos polinésios, ainda que, reconheça-se, todos os anos surjam novos estudos, análises linguísticas ou de ADN, que ora destroem as ideias de Heyerdahl, ora concluem que, afinal, existem alguns indícios da presença dos índios sul-americanos nos areais da Polinésia.

Como tantas vezes sucede aos cientistas que alcançam o estrelato, o problema de Heyerdahl foi ter-se entusiasmado em excesso com a fama da sua façanha: em 1955, tentou replicá-la, liderando uma expedição à Ilha da Páscoa, no termo da qual sustentou a tese de que ela teria sido colonizada por um povo semi-lendário, os *Hanau eepe* ("*Orelhas Compridas*"), vindos da América do Sul. Não contente com isso, dedicou-se mais tarde a mostrar, através das *Expedições Ra I e Ra II*, que os egípcios tinham atravessado o Atlântico e descoberto a América do Sul, o que explicaria a semelhança entre as pirâmides dos faraós e as dos maias ou dos aztecas... Às tantas, a coisa converteu-se numa empresa de cruzeiros e, em 1977, com a *Expedição Tigris*, Heyerdahl avançou a ideia de que os povos da Mesopotâmia tinham colonizado a Índia; e até morrer, em 2002, ainda defendeu que os nórdicos tinham chegado ao Azerbaijão, que as Maldivas tinham sido colonizadas por cingaleses, entre muitas outras teses, todas fantásticas.

Hoje podermos olhar com um sorriso complacente e irónico este frenesi náutico do norueguês, que em toda a parte buscava conexões e ligações ocultas entre vários povos de várias épocas, explicando o desenvolvimento cultural através do chamado Modelo "difusionista". No entanto, se o valor científico das teses de Thor Heyerdahl é mais do que questionável, foi enorme o contributo cívico que deu para forjar, no pós-guerra, uma noção humanista de "cidadania planetária" (presente também, por exemplo, na célebre exposição "*The Family of Man*" que Edward Steichen organizou em 1953), que viria a revelar-se essencial para sedimentar o papel da ONU, para a consciencialização das desventuras do "Terceiro Mundo" (expressão lançada em 1952 nas páginas do *Le Monde* pelo economista e demógrafo Alfred Sauvy) e para as primeiras preocupações com o ambiente do planeta (o seminal livro de Rachel Carson, *Silent Spring / Primavera Silenciosa*, foi publicado em 1962 e, dez anos depois, reunia-se a *Conferência de Estocolmo*, cujo 50.º aniversário foi evocado há dias no Instituto de Ciências Socais da Universidade de Lisboa – obrigado, Luísa Schmidt!).

Se Thor Heyerdahl ainda se mantinha, apesar de tudo, nos limites da ciência, outros procuraram explicar as estátuas da Ilha da Páscoa através da mirabolante tese de que elas seriam obra de astronautas extraterrestres. O maior arauto desta patranha foi o suíço Erich von Däniken, um gerente de hotel em Davos, perseguido e condenado desde jovem por furtos, fraudes e burlas (uma das suas obras mais conhecidas foi, aliás, escrita na prisão…), que ganhou fama planetária pelo seu livro *Eram os Deuses Astronautas?*, saído em 1968 e adaptado ao cinema, o qual, naturalmente, calou fundo no saudoso espírito dos anos 60 e 70, muito dado às coisas do oculto e do fantástico. Talvez mais interessante do que os livros que escreveu seria o modo habilidoso e muito manhoso com que, durante décadas, Von Däniken tentou defender-se do vendaval de críticas e acusações que devastaram por completo as suas inenarráveis, mas muito lucrativas, teses conspirativas, muitas das quais com laivos supremacistas e racistas, e por isso ainda hoje em voga em certos meios da direita extrema.

A realidade, porém, é mais prosaica do que julgavam Heyerdahl e Von Däniken, mas nem por isso menos deslumbrante. A crer no que nos conta Jared Diamond, há provas e mais do que provas de que a colonização da Ilha da Páscoa foi a última etapa da expansão polinésia começada no ano 1200 antes de Cristo, a qual, através dos Arquipélagos da Indonésia, levou povos continentais da Ásia até

VÍTOR HIGGS / DN

à Austrália e à Nova Guiné. O processo foi lento, lentíssimo, e, apesar de não ser uma tese unânime, estima-se que só 2400 anos depois, ou seja, por volta do século XIII, é que colonos vindos provavelmente de Mangareva, Pitcairn e Henderson, chegaram à Ilha de Rapa Nui, mais tarde chamada da Páscoa.

Ao contrário do que se julgou durante muitos anos, não se tratou de uma descoberta acidental, mas de uma empresa meticulosamente planeada em busca de novas terras, capazes de darem provento e sustento a uma população em expansão. As ilhas Cook e as Marquesas terão sido achadas por volta do ano 600 ou 800 d.C., mas os polinésios fizeram uma longa pausa de várias centenas de anos até terem embarcações capazes de transportar seres humanos e várias espécies de animais e plantas – porcos, cães e galinhas, bananeiras – pelo mar fora, rumo ao desconhecido. Um imenso desconhecido, sem dúvida, mas não tanto como supomos: olhando para a ilha, com apenas 14 quilómetros de largura, parece uma sorte tremenda que alguém a tenha encontrado; na realidade, os polinésios guiavam-se pelas aves, que voam num raio de 150 quilómetros a partir da terra firme, pelo que a Ilha da Páscoa, para efeitos de localização, tem 300 e não apenas 14 quilómetros de diâmetro. Isso em nada diminui a grandeza do feito descobridor, mas, sem dúvida, contribui para que retiremos de vez do domínio do mítico e do lendário.

Também a erecção das estátuas tem uma explicação concreta, quase se diria simples. As *ahu*, as plataformas de pedra onde se levantavam as estátuas, têm claras semelhanças com as *marae*, usadas na Polinésia como santuários onde eram erigidos templos. Assim, é mais do que credível a tese de que os ilhéus mais não fizeram do que usar o modelo e a técnica construtiva que os seus antepassados praticavam, apenas com uma diferença: nas *marae* da Polinésia edificavam-se templos, nas *ahu* da Ilha da Páscoa ergueram-se estátuas.

A construção destas era feita na cratera de Rano Raraku, onde foram descobertas centenas de picaretas de pedra e outros utensílios, e, quanto ao transporte, tudo indicia que se realizava através de, digamos assim, um sistema de carris em madeira que aproveitava o declive do terreno, técnica também usada em muitas partes da Polinésia e, aliás, em vários pontos do mundo: de Stonehenge às pirâmides do Egipto, passando por Teotihuacán ou pelos edifícios dos incas ou dos olmecas, deslocaram-se através desse sistema pedras tão ou mais pesadas do que as da Ilha da Páscoa. O levantamento das estátuas, por sua vez, seguiu outra técnica precisa e elaborada, na qual os pesados monólitos eram levados por uma rampa de pedras e depois içados com o auxílio de cordas e de troncos de madeira, existindo outra subtileza: as estátuas eram esculpidas de forma a que o seu centro de gravidade e a inclinação da cabeça – 87 graus em relação à base, ao invés de uma perpendicular perfeita, de 90 graus – permitissem que fossem erguidas de um modo estável e seguro. Uma operação desta envergadura envolvia muita gente, desde os escultores e cinzeladores aos transportadores e operários, e uma análise recente concluiu que esta obsessão estatuária, que durou cerca de 300 anos (há quem fale no dobro, de 1100 a 1680), consumiu cerca de 25% dos recursos alimentares da ilha.

Estranhamos as estátuas de Rapa Nui, a ponto de as tomarmos por obra de deuses ou extraterrestres, devido a um pecado grave, mas frequente – o anacronismo –, que nos leva a julgarmos que, quando as estátuas foram erguidas, há quatro ou cinco séculos, a paisagem da ilha era igual ao que é hoje, completamente despojada de árvores e de animais de grande porte, coberta apenas por uma vegetação improdutiva e rasteira. Nessas condições, seria de facto assombroso que um punhado de homens, sem cordas nem troncos de árvores, conseguissem transportar e depois erguer aqueles prodígios vulcânicos.

Simplesmente – e é este o ponto crucial da história –, a Ilha da Páscoa que os polinésios encontraram, nos séculos XII ou XIII, era uma floresta subtropical densamente povoada, onde existam palmeiras com o dobro do tamanho da *Jubae chilensis*, actualmente a maior palmeira do mundo. Era o paraíso na Terra, com 25 espécies de aves nidificantes, pelo menos, muita abundância de focas e golfinhos-comuns, de peixes, crustáceos, tartarugas marinhas, talvez até lagartos. Os polinésios levaram consigo galinhas e, sem o saberem, ninhadas de ratos que se reproduziram aos milhares e passaram a fazer também parte da alimentação humana.

A Ilha da Páscoa, ali onde a vemos, é um dos maiores exemplos, porventura o maior, do efeito devastador e suicidário que os humanos podem ter sobre um ecossistema. As árvores, outrora frondosas, numerosíssimas, foram sendo dizimadas uma a uma, até à extinção completa, e a caça desmesurada de espécies que desconheciam o perigo, aliada à depredação provocada pelos ratos, implicaram o desaparecimento das aves marinhas. A floresta era tão abundante que a tiveram por inesgotável e, com bárbara voracidade, usaram-se toneladas e toneladas de madeira em piras funerárias, na construção de casas, nos carris que transportavam as centenas de estátuas que honravam os poderosos. Com o tempo, porém, a ausência de árvores fez diminuir as chuvas e a renovação dos solos, levou a que os habitantes perdessem a sua fonte de combustível, essencial para cozinharem e para se protegerem do frio.
Geraram-se, então, sangrentas disputas pelo que restava dos arbustos lenhosos e os frutos da palmeira, os jambos vermelhos e todos os demais frutos selvagens desapareceram da dieta dos ilhéus, aos quais só restaram duas alternativas: os ratos ou o canibalismo. Não por acaso, Rapa Nui é a única ilha polinésia em que, nas lixeiras acumuladas ao longo de séculos, o número de ossos de rato encontrados pelos arqueólogos supera o das espinhas de peixe. Praticado em larga escala, o canibalismo daria lugar ao insulto mais ofensivo que se poderia lançar a um inimigo – "Tenho a carne da minha mãe presa nos meus dentes" – e, segundo os cientistas, é impressionante a concentração de ossos humanos nas antigas lixeiras da Ilha da Páscoa.

A falta de árvores teve outro efeito catastrófico, privando os indígenas da madeira essencial ao fabrico das embarcações para a pesca em alto mar ou para o contacto com outros povos. No meio do caos e da miséria, os ilhéus de Rapa Nui não tiveram a escapatória dos seus antepassados, centenas ou milhares de anos atrás: sem árvores e sem barcos, ficaram sequestrados durante séculos numa ilha que foi calvário. Talvez o seu nome pascal não seja tão impróprio quanto isso.

O poder dos chefes e dos sacerdotes, que assentava na sua relação com o divino e na promessa de abundância, entrou em colapso e, por volta de 1680, os chefes militares, os *matatoa*, depuseram os antigos senhores, abrindo um período de guerra civil em que as estátuas foram sendo derrubadas uma a uma, justamente para assinalar o violento desaparecimento da velha ordem; em seu lugar, os *matatoa* instituíram um novo culto religioso, baseado no deus criador Make-make. Quando os primeiros europeus chegaram, em finais do século XVIII, a ilha estava como hoje se encontra, inteiramente desprovida de árvores, uma paisagem desoladora, com uma população reduzida e esfaimada. Mas, sintomaticamente, aquilo que os nativos mais cobiçaram nos navios estrangeiros não eram os alimentos suculentos ou as contas brilhantes de vidro, mas a madeira, a preciosa madeira com que outrora se faziam o fogo e as canoas.

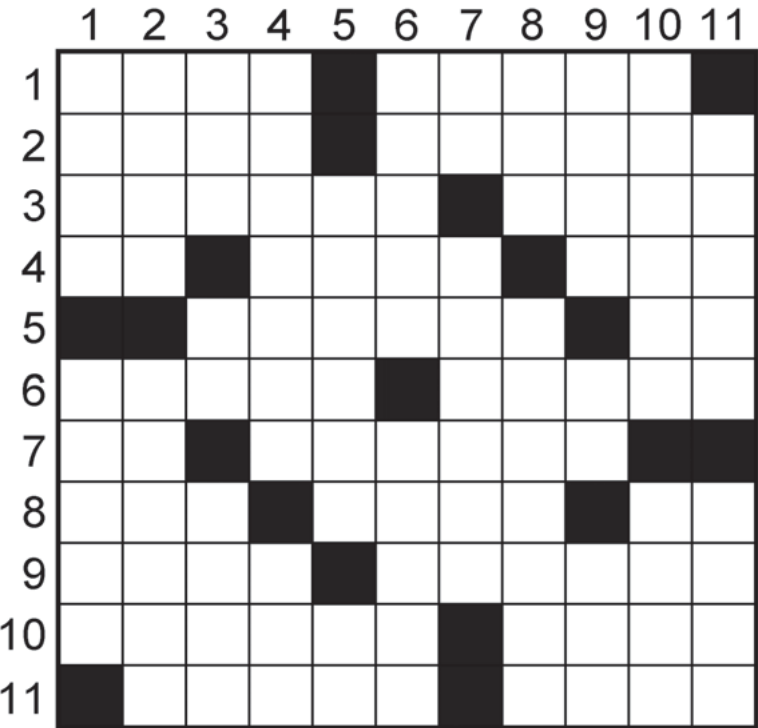
Os ilhéus que restaram seriam chacinados pela varíola ou raptados para irem trabalhar como escravos, com destaque para a abominável captura de 1862-1863, quando 24 navios peruanos aprisionaram cerca de 1500 pessoas, cerca de metade da população sobrevivente de Rapa Nui. Na década de 1870, os comerciantes ocidentais introduziram ovinos e reclamaram a propriedade da terra, em 1888 o Chile anexou a ilha, enquanto a presença de ovelhas, cabras e cavalos acentuava ainda mais a erosão do solo e exterminava os restos de vegetação autóctone. Só em 1966 seria concedida aos ilhéus a cidadania chilena.

Ainda hoje há quem duvide que uma devastação de tal magnitude possa ter sido apenas produto da acção humana, havendo quem fale nos efeitos do *El Niño*, entre outras explicações, pois o modo suicidário como os ilhéus aniquilaram um paraíso terrestre e destruíram o seu próprio modo de vida é algo que desafia a razão e o entendimento. Para o facto de terem lá chegado de piroga, percorrendo distâncias inauditas, e para terem erguido aqueles maciços de pedra, há teses e explicações, umas mais plausíveis do que outras. Já para o abate das árvores, feito de forma tão brutal e tão sistemática, não há justificação alguma.

Existe, contudo, um álibi, uma desculpa: os ilhéus desconheciam que, por circunstâncias variadas, o ecossistema de Rapa Nui era muito mais frágil do que o das ilhas da Polinésia. Assim, limitaram-se a fazer o que os seus antepassados faziam nas terras de origem, que abatiam árvores à farta porque sabiam que elas rapidamente voltariam a crescer. Ali, foi diferente, os solos eram mais pobres, mais expostos à erosão, a ilha não tinha montanhas que gerassem chuvas e protegessem dos ventos. Ao fim de 300 anos tudo ficou reduzido a um deserto, coberto de estátuas tombadas.

Jared Diamond interroga-se sobre o que terá pensado o ilhéu quando abatia a última árvore da ilha da Páscoa. Provavelmente, nada. Provavelmente, terá julgado que iriam nascer outras árvores, ou que ainda restariam algumas noutro qualquer ponto da ilha. Possivelmente, acreditou que nada daquilo se devera à acção humana, mas a um desfavor cruel dos céus. Talvez tenha confiado que, a breve trecho, uma invenção fabulosa ou uma nova tecnologia os iria salvar a todos do abismo iminente. Acabou a comer ratos e a devorar outros ilhéus como ele, ao frio e à fome, no absoluto caos. Nessa tragédia, teve, apesar de tudo, a atenuante da ignorância, a escusa do desconhecimento. Nós, nem isso.

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Reduzir a pó. Basta! (interjeição). **2.** Apogeu. Pequena peça de vidro muito fino usada para cobrir preparações para observação ao microscópio. **3.** Camada superficial e dura que envolve um corpo. Governador árabe. **4.** «A» + «o». Cais. Avançavam. **5.** Mata vedada. «De» + «a». **6.** Carência. Obrigar a aceitar. **7.** A unidade. Ordem oficial afixada em lugares públicos ou publicada nos jornais. **8.** Grande porção (popular). Discursar. Cálcio (símbolo químico). **9.** Verbal. Fictício. **10.** Pilhagem. Início do crepúsculo matutino. **11.** Limpar, banhando em líquido. Rata

Verticais:
1. Espécie de padiola para transporte de doentes. Grande exaltação de ânimo. **2.** Metal precioso de cor amarela. Sem a noção dos princípios da moral. **3.** O «eu» psíquico. Tálio (símbolo químico). Corta rente. **4.** Libertação. Numeração romana (54). **5.** Vedado. Sódio (símbolo químico). **6.** Albumina que envolve a gema do ovo. Matizar. **7.** Hectare (símbolo). Publicar. **8.** Nome da letra M. Prender. **9.** Dei gemidos. Plural (abreviatura). Ligação (figurado). **10.** Amigo. Pavimento de uma casa, inferior ao nível da rua. **11.** Montar. Em forma de asa.

SUDOKU

		3		8	5			
5	4					3		
	6							
	7					8		
	8	1		2		7	9	5
9			8		4		2	3
1				5	8	6		2
6		7	4			9		8
8	9	5	7		2		3	

SOLUÇÕES

7	1	3	9	8	5	2	4	6
5	4	8	2	6	7	3	1	9
2	6	9	1	4	3	5	8	7
3	7	2	5	1	9	8	6	4
4	8	1	3	2	6	7	9	5
9	5	6	8	7	4	1	2	3
1	3	4	9	5	8	6	7	2
6	2	7	4	3	1	9	5	8
8	9	5	7	6	2	4	3	1

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Moer. Chega. 2. Auge. Lamela. 3. Crosta. Emir. 4. Ao. Gare. Iam. 5. Tapada. Da. 6. Falta. Impor. 7. Um. Edital. 8. Ror. Orar. Ca. 9. Oral. Irreal. 10. Rapina. Alva. 11. Lavar. Roer.
Verticais:
1. Maca. Furor. 2. Ouro. Amoral. 3. Ego. Tl. Rapa. 4. Resgate. LIV. 5. Tapado. Na. 6. Clara. Iriar. 7. Ha. Editar. 8. Eme. Amarrar. 9. Gemi. Pl. Elo. 10. Aliado. Cave. 11. Armar. Alar.

Chef Alexandre Silva
Tártaro de atum em tosta com pesto de nabiças

Ingredientes:

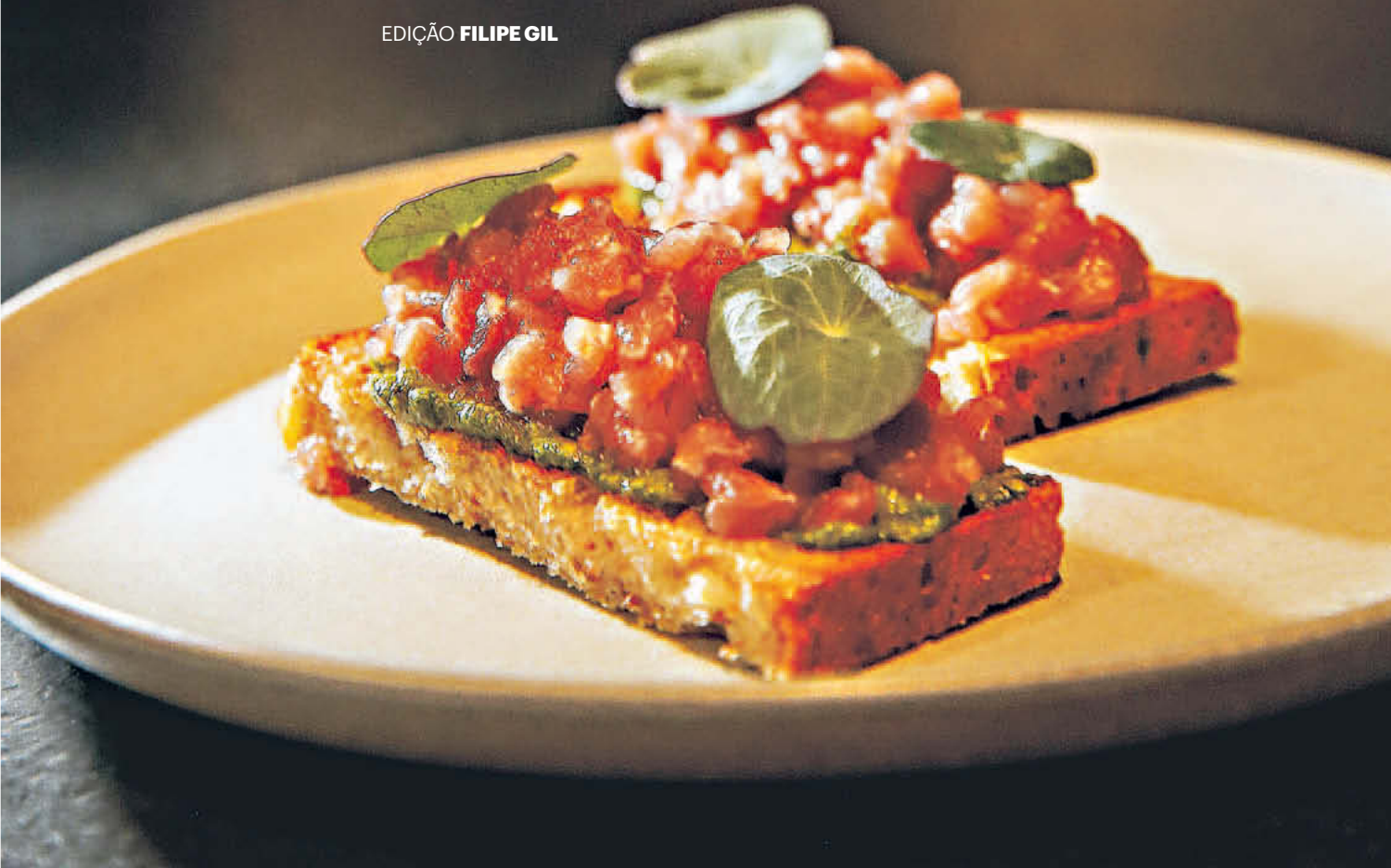
80 gramas de atum fresco
100 gramas de nabiças
50 gramas de amêndoas
1 grama de alho
50 ml azeite
1 fatia de pão de massa-mãe
5 ml sumo de limão
10 gramas de capuchinhas

Confeção:

Cortar o atum em cubos pequenos, temperar com sal e azeite. Fumar durante 10 minutos em lenha de azinho. Reservar no frio.

Num *robot* de cozinha, misturar as nabiças, as amêndoas, o alho e o azeite e triturar até obter uma pasta homogénea.

Torrar a fatia de pão e cortar em metades.
Barrar o pesto de nabiças nas fatias.
Picar os talos das capuchinhas e juntar ao preparado do tártaro. Temperar com o sumo de limão e retificar de sal.
Colocar o preparado do tártaro sobre as fatias de pão e pesto. Usar as folhas das capuchinhas como guarnição.

EDIÇÃO **FILIPE GIL**

A acompanhar

O *chef* Alexandre Silva aconselha que a sua receita seja harmonizada com o vinho Quinta dos Termos Fonte Cal.

O *chef*

Depois de estudar cozinha, pastelaria e Gestão de F&B na Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa, e Gastronomia Molecular no Instituto Superior de Agronomia, Alexandre Silva foi *chef*-executivo do restaurante Bocca, em Lisboa. Ganhou visibilidade junto do público no programa *Top Chef*, da RTP, que venceu em 2012, e lhe garantiu uma temporada no restaurante El Celler de Can Roca, em Espanha. Nesse mesmo ano, mudou-se para o Alentejo, onde foi *chef*--executivo do Alentejo Marmóris Hotel & *Spa*. Em 2013, regressa a Lisboa com o desafio de chefiar o restaurante Bica do Sapato. Um ano mais tarde, decide criar a sua própria empresa. Abriu o espaço Alexandre Silva no Time Out Market e, em 2015, decidiu dar um passo importante: abrir o restaurante LOCO que oito meses depois conquista a primeira estrela Michelin – que conserva desde então. Mais recentemente abriu o Fogo, também em Lisboa.

Diario de Noticias

O PROGRESSO NA SANTA SÉ

O Papa já tem automovel e vai ter um aeroplano

NOVOS RECRUTAS

RATIFICAÇÃO DO JURAMENTO DE BANDEIRAS

A CONFERENCIA DE PARIS VAI IMPÔR CERTAS CONDIÇÕES AOS KEMALISTAS

TRAGICO PASSEIO EM "SIDE-CAR"

KEMENEF substitue LENINE

A SUBMISSÃO DE ABD-EL-KRIM

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 25 DE SETEMBRO DE 1922 PARA LER HOJE

SELEÇÃO DO ARQUIVO DN
POR **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

COM O APOIO INSTITUCIONAL:

O PROGRESSO NA SANTA SÉ

O Papa já tem automovel e vai ter um aeroplano

DOIS CARDIAIS JÁ EXPERIMENTARAM A SENSAÇÃO DUM VOO

E para ser completo o avanço da civilização nos dominios pontificais, até já houve... um desfalque nos dinheiros de S. Pedro

Roma, 16 de Setembro.

Pelo telegrama que oportunamente dirigi a esse jornal sabem já os leitores do «Diario de Noticias» que, durante as festas e o concurso de aviação militar, realizados ha dias, em Loreto, para comemorar a trasladação de Roma para o famoso santuario da imagem da Virgem, oferecida por Sua Santidade, em substituição daquela que, ha um ano, foi destruida por um incendio, os cardiais Tacci e Ranuzzi, que com o cardial secretario de Estado, mons. Gasparri, representavam nessas festas Pio XI, quiseram experimentar as emoções dum vôo em aeroplano e para esse efeito voaram, sucessivamente, por espaço de meia hora, num biplano militar «Caproni», pilotado por um valente e competentissimo coronel-aviador.

Muito grata e profunda foi a impressão que esse vôo causou aos dois cardiais, pois se sabe agora que eles, pouco depois de terem aterrado, dirigiram um telegrama ao Pontifice, comunicando-lhe, em termos entusiasticos, a excursão que acabavam de realizar por cima do Loreto.

Diz-se nos centros do Vaticano que, ao lêr este telegrama, Sua Santidade exclamara, sorrindo:

—Muito bem! estou satisfeito. Assim ninguem terá duvida de que os fieis foram verdadeiramente abençoados do céu.

—E Vossa Santidade gostaria tambem de experimentar as sensações dum vôo? atreveu-se a preguntar um dos dignitarios da Côrte pontificia.

«Se os fieis, assim como ofereceram a Vossa Santidade um automovel, para passear nos jardins do Vaticano, lhe tivessem oferecido um aeroplano, resolver-se-ía a utilizá-lo? prosseguiu o dignitario, vendo que a primeira pregunta havia ficado sem resposta.

—Eu lhe digo... Talvez, sim! Mas não para ultrapassar as minhas fronteiras —respondeu risonhamente Pio XI, pondo nessa resposta o engenho e argucia que tão particulares lhe são.

* * *

Ora disto muito se tem falado, tanto nos circulos politicos como nos da Santa Sé e, devemos confessá-lo, com sobeja razão, ainda que mais não seja senão como demonstração... de quanto têm variado os tempos...

Os dois principes da Igreja que no Loreto se entregaram ás delicias dum vôo não se recordaram, nesse momento, de que, em 1856, Pio IX houve por bem proibir um aeronauta de realizar uma excursão no seu globo, autorizando unicamente que, em vez do aeronauta, fôsse colocada na barquinha do balão uma ovelha. Este facto levou os anti-papistas romanos dessa epoca a satirizarem o Pontifice, afirmando que, «nesse ano voava a ovelha mas no seguinte havia de voar... o proprio Pastor».

O referido cardial Ranuzzi, decerto que tambem se não recordou de que o seu predecessor no episcopado de Bolonha, o cardial Parocchi, ordenou que se recusasse a absolvição ao aeronauta Chiarelli porque este «com os seus vôos em balão, punha conscientemente em risco a propria vida, tal qual o poderia fazer um suicida...»

Além disso, com a mesma severidade, já o arcebispo de Paris havia tratado Santos Dumont, quando o aviador brasileiro se dispunha a empreender uma das suas grandes tentativas em avião, que era ao tempo um invento tão novo quanto pouco seguro.

Pio X, por sua vez, tentou proibir aos cardiais andarem de automovel pelas ruas de Roma, por lhe parecer um meio de locomoção pouco apropriado á dignidade dos principes da Igreja, os quais, em sua opinião, deviam continuar percorrendo as ruas desta capital nas suas tradicionais berlindas puxadas por dois cavalos e, assim, quando um opulento americano lhe ofereceu um soberbo automovel de 40 H.P., o veneravel Pontifice, muito embora consentisse em descer ao chamado patio do Papagallo para vêr o luxuoso carro, recusou-se a benzê-lo e, ainda mais, a estreá-lo. O automovel em questão continua ainda hoje jazendo na mesma cocheira onde, então, o meteram.

Desde esse dia apenas decorreram uns oito a nove anos... e, hoje, não é só o Papa quem anda de automovel mas a propria Virgem quem seguiu num desses veiculos, de Roma até ao Loreto.

Em vista disto diga-nos o leitor se, sim ou não, os tempos não mudaram bastante.

* * *

Mas não é apenas a utilização dos automoveis o unico modernismo que se verifica ter sido introduzido no recinto secular do Vaticano. Por desgraça, penetrou ali dentro um outro muito diferente e deveras lamentavel. Foi uma autentica falcatrua, um latrocinio escandaloso de que ha dois meses eram vitimas as finanças da Santa Sé.

Sabido é geralmente que a Congregação vaticana dos Sacramentos está encarregada de conceder as dispensas para casamento em todos os casos em que ha algum impedimento canonico e que, por tais dispensas, cobre determinados emolumentos que vão engrossar o «dinheiro de S. Pedro».

Ora agora veja o leitor: Ha tempos a esta parte que os frequentadores da referida Congregação notavam que um dos funcionarios — um alto funcionario que desempenhava um elevado cargo — permanecia só no seu gabinete, mesmo depois de fechada a repartição, sem gosar um unico dia de descanso, parecendo ter muito empenho em despachar ele só todos os expedientes, sem a ajuda de ninguem... nem mesmo para cobrar os emolumentos correspondentes ás dispensas outorgadas.

As dispensas concedidas por esse funcionario eram canonicamente validas, porquanto o prelado não excedia as atribuições que lhe haviam sido conferidas, mas o procedimento dele é que não era... muito liso, visto que entregava á Administração do Dinheiro de S. Pedro apenas uma pequena parte das importancias que cobrava e o resto dividia-a, ainda que em proporções desiguais, entre si e um dos amanuenses da Congregação, que se limitava a fazer «vista grossa», como vulgarmente se diz.

E, na verdade, era bem «grossa» a vista do tal amanuense, que não contente em trajar esmeradamente se permitiu o luxo dum automovel, tal qual já havia sucedido com o alto prelado seu cumplice. O diabo foi os dois carros... chocarem e vir a saber-se que era o dinheiro de S. Pedro... que pagava a folia...

Tambem se não ficaram a rir os dois funcionarios, cujos nomes são do dominio publico, desde que a imprensa inseriu o decreto pontificio que os demitiu do lugar.

Enrico TEDESCHI

E' GRAVISSIMA A SITUAÇÃO EM CONSTANTINOPLA

A CONFERENCIA DE PARIS VAI IMPÔR CERTAS CONDIÇÕES AOS KEMALISTAS

A Bulgaria pretende que a Tracia se constitua em Estado autónomo

Os delegados aliados estão de acôrdo em que Constantinopla seja entregue á Turquia

PARIS, 24.—Na conferencia havida ontem em Paris entre lord Curzon, o sr. Poincaré e o conde Sforza, discutiram-se os termos da nota que se pretende enviar a Mustafá Kemal, convidando-o para uma conferencia, na qual se resolvam os assuntos do Proximo Oriente.

O govêrno francês opinou que a nota fosse redigida em termos aceitaveis pelos turcos. Se se não chegar a acôrdo, serão enviadas três notas separadas. A nota inglesa fará o convite, mas não oferecerá garantias, enquanto que as notas francesa e italiana darão as garantias que os respectivos governos entenderem.

A entrega de Constantinopla aos turcos é inquestionavel, assim como a entrega da Tracia até uma linha de fronteiras ainda não definida. A questão mais dificil a resolver parece ser a da cidade de Andrinopla, que está ocupada pelos gregos e que os turcos reclamam como uma cidade santa.

O govêrno francês diz que, se os turcos forem tratados em pé de igualdade, a questão do Proximo Oriente deixará de existir.—(R.)

Na conferencia de Paris foi resolvido que a soberania dos estreitos fique neutra

PARIS, 24.—A conferencia sobre os negocios do Oriente terminou já de noite.

Em virtude das resoluções tomadas, será enviado á Turquia um convite colectivo dos aliados, assinado pelo sr Poincaré, lord Curzon e conde Sforza.

A conferencia reconhece que os kemalistas não poderão, em certas condições, transpôr a zona neutra, nem tão pouco a fronteira do Maritza, compreendendo Andrinopla.

A soberania dos estreitos ficará neutra e será confiada a um «contrôle».—H.

A França pretende impedir a guerra para que a Inglaterra não fique senhora dos estreito

PARIS, 24.—Apesar de Lord Curzon concordar em que Constantinopla seja entregue aos turcos, os aliados não conseguiram chegar a um entendimento.

A questão principal é a dos estreitos, e como a França compreende que, se a Inglaterra declarar guerra aos turcos, Kemal Pachá, longe de obter o seu objectivo, fará com que a Gran-Bretanha fique senhora dos estreitos, deseja por isso persuadir a Inglaterra de que não deve tomar medidas extremas.

Entretanto o govêrno inglês concentra a esquadra do Mediterraneo nos Dardanelos e no Bosforo, exercendo uma activa fiscalização no mar de Marmara.

A França tambem ordenou o reforço das suas forças navais no Proximo Oriente.

Kemal Pachá concentra as suas tropas em Ismid para estar pronto a entrar em acção, se a conferencia de Paris não aceder aos pedidos turcos.—(R.)

A Gran-Bretanha quere apenas impedir que a guerra da Anatolia se estenda á Europa

LONDRES, 24.—O sr. Lloyd George declarou que a atitude da Inglaterra tinha por fim continuar a politica iniciada pelos aliados em 1919, defender a liberdade dos estreitos e impedir que a guerra na Anatolia se estenda á Europa —(Especial).

Em Constantinopla as autoridades dificilmente conseguem manter a ordem

CONSTANTINOPLA, 24.—Nota-se um grande nervosismo na população desta cidade.

O delegado apostolico em Constantinopla telegrafou ao Papa, declarando que a situação aqui é gravissima, sobretudo para os catolicos.

E' com dificuldade que as autoridades conseguem manter a ordem na cidade.—(Especial).

E' esperada com a maior anciedade a resposta de Mustafá Kemal aos aliados

CONSTANTINOPLA, 24.—Consta que Mustafá Kemal declarou estar pronto a respeitar as zonas neutras, contanto que os aliados mandem retirar as forças militares e aprovem imediatamente as reivindicações turcas na Tracia e na Asia Menor.

Contudo, a resposta oficial do governo de Angora aos aliados é esperada anciosamente.

As tropas turcas continuam a sua marcha sobre Constantinopla. Mustafá conferenciou com o seu governo.

Diz-se tambem que o governo francês enviou um radio telegrama a Mustafá Kemal solicitando-lhe que não pratique qualquer acto ostensivo antes da chegada do emissario especial francês, sr. Franklin Bouillon.

O comandante em chefe das forças francesas nesta cidade informou as autoridades britanicas de que assegurará a manutenção da ordem no bairro de Stambul, no caso de se darem tumultos em Constantinopla. Os «tanks» franceses foram colocados em pontos estrategicos proximo de Serap, e a guarnição francesa em Stambul foi reforçada.—(Especial).

General Harrigton
comandante das forças aliadas em Constantinopla

Kemal conferencía largamente com os membros do seu governo

LONDRES, 24.—Oficialmente ainda não foi recebida resposta alguma do governo de Angora respeitante á nota enviada pelos governos aliados a fim de que seja respeitada a inviolabilidade da zona neutra.

Sabe-se que Mustafá Kemal tem conferenciado largamente com os membros do seu governo em Smirna.

Em Londres são esperados com ansiedade os resultados dessas entrevistas.—Latino-Americana.

O gabinete inglês aprova todas as resoluções tomadas por lord Curzon em Paris

LONDRES, 24.—Reuniu-se o conselho de ministros em «Downing Street», a fim de examinar as resoluções tomadas nas entrevistas realizadas em Paris entre lord Curzon, sr. Poincaré e conde Sforza.

Nessas conferencias foram discutidas as condições a apresentar ao governo de Angora na conferencia da paz.

O governo britanico aprovou todos os pontos de vista defendidos pelo seu delegado.—Latino-Americana.

De Inglaterra partem varios contingentes de tropa para defender os estreitos

LONDRES, 24.—Tem havido grande actividade nos depositos militares e nos portos.

O segundo regimento de granadeiros da guarda saiu de Glasgow para o Proximo Oriente a bordo do paquete «Imperatriz da India». Outras unidades sairam de Southampton a bordo do «Kinfauns Castle».

O comodoro Stanton, que comanda a aviação inglesa do Mediterraneo, recebeu ordem para partir para Constantinopla.

A Tracia Estado autonomo, sob a fiscalização da Liga das Nações?

LONDRES, 24.—Os ministros bulgaros em Londres, Paris e Roma entregaram aos governos inglês, francês e italiano uma nota contendo a proposta de Stambuliski para que a Tracia se constitua em Estado autonomo, debaixo da fiscalização da Liga das Nações.—Especial.

O partido nacional sul-africano opôr-se-á á saída de tropas para o Levante

PRETORIA, 24.—O partido nacional declarou que se oporá ao envio de tropas sul-africanas para o Oriente.—Especial.

O partido trabalhista inglês prepara manifestações contra a atitude do governo

LONDRES, 24.—Foram desmentidos pelo almirantado os boatos que circularam dizendo que tinham sido afundados alguns navios de guerra ingleses nos Dardanelos.

A comissão executiva do partido trabalhista independente ordenou a 700 dos seus grupos que preparem manifestações contra a politica oriental do governo, pedindo se realizem imediatamente novas eleições.—R.

totoloto SORTEIO: 077/2022
CHAVE: 7-10-15-29-43 + 1
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Marcelo na Califórnia para visita de cinco dias

EUA Presidente da República esteve ontem em San Diego, onde iniciou programa de visita às comunidades portuguesas naquele estado.

Marcelo Rebelo de Sousa, chegou ontem a San Diego, onde não ia um Presidente português há 33 anos, dando início a uma visita de cinco dias às comunidades portuguesas na Califórnia. "Há 30 anos que não vinha cá um Presidente, 33 anos, é uma conta certa, é capicua", assinalou Marcelo ao sair do carro, na Avenida de Portugal, para o primeiro ponto do seu programa, um encontro numa associação portuguesa centenária que é uma das dezenas de sociedades do Espírito Santo existentes naquele estado dos EUA. "É um momento muito emocionante", acrescentou.

Marcelo Rebelo de Sousa recordou que é de 2018 a sua promessa de visitar as comunidades portuguesas e lusodescendentes na Califórnia: "Prometi que vinha cá. Depois veio a pandemia. Eu não sabia que ia haver dois anos de pandemia. Mas agora, morta a pandemia em Portugal e aqui também, cá estou eu". Mário Soares foi o último Presidente da República a visitar San Diego, no sul da Califórnia, em 1989, numa visita em que passou por Los Angeles e pela Área da Baía de São Francisco.

Até quarta-feira, Marcelo Rebelo de Sousa passará por estes três grandes centros da emigração portuguesa para a Costa Oeste dos EUA e irá ainda ao Vale de São Joaquim, uma região agrícola no interior do estado que nenhum dos seus antecessores visitou.

Acompanham-no nesta visita o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Paulo Cafôfo, e os deputados Eurico Brilhante Dias, líder parlamentar do PS, João Moura Rodrigues, do PSD, Rui Paulo Sousa, do Chega, e Pedro Filipe Soares, líder parlamentar do Bloco de Esquerda.

A Califórnia é o estado dos EUA com maior número de cidadãos de origem portuguesa, mais de 300 mil. A emigração portuguesa para a Costa Oeste remonta ao século XIX e é maioritariamente oriunda dos Açores. **DN/LUSA**

Avião só parou num lago em Montpellier

As autoridades francesas fecharam ontem o aeroporto da cidade de Montpellier, no sul do país, depois de um avião de carga espanhol ter saído de pista e acabado com o nariz num lago próximo. A pista de 2600 metros de comprimento não foi suficiente para o Boeing 737, que atingiu a ponta oposta a uma velocidade superior a 100 km/hora. Os únicos três ocupantes conseguiram sair ilesos e foram socorridos pelos bombeiros do aeroporto, que foi fechado ao tráfego de aeronaves comerciais, como medida de segurança, adiantou a prefeitura da região de Herault.

EPA / GUILLAUME HORCAJUELO

BREVES

PS acusa PSD de cortejar a extrema-direita de Ventura

O secretário-geral adjunto do PS, João Torres, acusou ontem o PSD de andar a "cortejar um partido de extrema-direita" ao apelar ao voto no vice-presidente da Assembleia da República proposto pelo Chega. "O PSD fez um apelo à votação num vice-presidente à Assembleia da República num partido de extrema-direita. (...) Não podemos deixar passar em branco, porque aquilo a que assistimos esta semana na Assembleia da República foi a um cortejo do PSD a um partido de extrema-direita", acusou João Torres. O secretário-geral adjunto do PS falava em Mangualde, no final da cerimónia de apresentação da Academia Jorge Coelho, lembrando que este apelo ao voto "teve como consequência declarações totalmente contraditórias do líder desse partido e do líder social-democrata, o doutor Luís Montenegro". "Era muito útil para todos nós portugueses perceber que tipo de estratégia ou de aliança está o PSD a tentar gizar, a tentar desenhar com um partido de extrema-direita", desafiou João Torres. O líder do PSD recusou, na quinta-feira, que a orientação dada aos deputados significasse qualquer "aproximação política", foi antes, explicou, a "normalidade do regime democrático".

Há "localizações a pedido" para novo aeroporto

A Plataforma Cívica Aeroporto BA6-Montijo Não acusou ontem o governo e o PSD de quererem incluir soluções de localização para o novo aeroporto "a pedido", defendendo que a opção Alcochete é a "verdadeira e estratégica". "Após a criação de alguma expectativa, destinada a fazer crer que o assunto ia ser tratado com profundidade e rigor, a reunião de 23 de setembro de 2022, entre o governo e o líder do PSD, saldou-se por um pequeno conjunto de afirmações, algumas desnecessárias", começa por dizer a plataforma cívica, que se opõe à construção do novo aeroporto no Montijo, em comunicado. O primeiro-ministro anunciou na sexta-feira que há convergência com o PSD sobre a metodologia para a decisão relativa ao novo aeroporto e adiantou que a futura comissão técnica estudará várias localizações, além do Montijo e Alcochete, incluindo Santarém. No comunicado ontem divulgado, a Plataforma Cívica Aeroporto BA6-Montijo Não refere que os intervenientes nesta reunião "aceitaram incluir na Avaliação Ambiental Estratégica (AAE)" uma "solução de localização de um aeroporto a pedido". "Ficou a saber-se que, em vez de se discutir que solução aeroportuária Lisboa e o país precisam, se abordou a metodologia e o *timing* para a dita AAE", critica a plataforma.

Conselho de Administração Marco Galinha (Presidente), Domingos de Andrade, Guilherme Pinheiro, António Saraiva, Helena Maria Ferreira dos Santos Ferro de Gouveia, José Pedro Soeiro, Kevin Ho e Phillippe Yip **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretora** Rosália Amorim **Diretor-adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Data Protection Officer** António Santos **Diretor de Tecnologias e Sistemas de Informação** David Marques **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 28 571 441,25 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção e Patrícia Lourenço **Direção Comercial** Frederico Almeida Dias e Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital social:** KNJ Global Holdings Limited – 35,25%, Páginas Civilizadas, Lda. – 29,75%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 24,5%, Grandes Notícias, Lda. - 10,5% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt